

AGLON E OS ESPÍRITOS DO MAR

ORIENTADO
PELOS ESPÍRITOS
ANDRÉ LUIZ
E
JÚLIO VERNE

OBRA MEDIÚNICA DE
R.A. RANIERI



EDITORA DA FRATERNIDADE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Tradução Espiritual de R. A. RANIERI

AGLON E OS

ESPÍRITOS DO MAR

Ditado pelo Espírito JÚLIO VERNE

Orientação do Espírito ANDRÉ LUIZ

Editora da Fraternidade S/C Ltda.

AGLON E OS ESPÍRITOS DO MAR

Aglon, Espírito iluminado, é o instrutor de Júlio Verne, Espírito, quando na viagem vibratoriamente ao fundo do mar, para a aprendizagem espiritual do que se passa no mundo oceânico.

Relata-nos Júlio Verne, através da tradução espiritual de R. A. Ranieri, sobre o reino do fundo do mar e a existência de espíritos vivendo nele, sem saber que são desencarnados.

Inclusive a administração rigorosa e regida por Netuno, metade humano e metade peixe, conhecido desde a Antigüidade grega, que reina o mar sob a égide das leis do Dragão.

Presença de criaturas de feições estranhas — são espíritos endividados — que vivem presas no Barco-Prisão, ou hibernando nos laboratórios do mar, devido a prática de maldades nas circunstâncias do mar, e principalmente, por materialismo e egoísmo -humano as doenças da humanidade.

Que foram atiradas aos crimes contínuos e pela falta da prática do amor, sofrem quedas, no Abismo de si mesmas — sofrimento e punição mental — chegando a desintegração, tornando-se monstruosas criaturas-espíritos.

Finalmente, mais uma vez é lembrado que o "Perispírito se degrada, mas o Espírito não retrograda", como lei natural e divina para os espíritos do mar.

AO LEITOR

Considero-me apenas um simples e imperfeito tradutor das páginas que se vão ler. Não quero e não peço mais do que isso.

RANIERI 1987, Ovo Azul.

E ouvi a toda a criatura que está no céu e na Terra, e debaixo da Terra, e no mar.

(Apocalipse - Capítulo 5, n.º 13)

Observação interessante

De acordo com a observação espiritual, nunca digo a quem quer que seja o que estou escrevendo ou recebendo. Isto porque qualquer trabalho em andamento, quando conto ou comento com alguém, antes de terminado, se interrompe e normalmente não escrevo mais. De modo que durante todo o tempo da recepção do livro, que pode durar um mês ou mais, o silêncio sobre o assunto rodeia o trabalho, e só comunico ou mostro aos amigos quando terminado. Aí se discute e ouvem-se os *prós* e os *contras*, que podem influir se se publica ou se se aguarda uma oportunidade.

No caso deste livro, como um dos autores se tratava ser *Júlio Verne*, o silêncio foi maior. Dias depois, o querido amigo Dictino Álvarez, de São Paulo, me telefonou perguntando se não estava no *meu* propósito escrever um livro que se passasse no mar. Respondi-lhe que já estava escrevendo e estava no quarto capítulo e que se chamaria OS ESPÍRITOS DO MAR, ou seja, AGLON E OS ESPÍRITOS DO MAR. O título era provisório. . . Podia mudar ou não.

E logo nos dias subseqüentes recebi carta do Rio de Janeiro em que o missivista falava a mesma coisa: se eu não estava para escrever sobre *a vida espiritual no mar*. A não ser ao Dictino, não disse nada a ninguém a respeito de Júlio Verne.

Foi quando veio trabalhar em casa uma jovem, como datilografa dos nossos escritos e secretária dos outros serviços, Eliane Aparecida Souza de Oliveira, pertencente à religião Evangélica. Alguns dias depois, sem saber de nada relativo aos nossos trabalhos, logo de manhã cedo, me perguntou:

- O senhor está escrevendo alguma coisa com algo, ou alguém chamado Júlio Verne?
- Por quê?
- Porque eu não conheço ninguém com esse nome e minha mãe, que não entende nada de livros, teve um sonho com o senhor e viu um *homem* chamado Júlio Verne que trazia uma pilha de livros nos braços e lhe entregava!

Respondi:

— Bem, acabo de *escrever* (*receber*) um livro escrito por Júlio Verne.

Ela ficou profundamente admirada, principalmente quando lhe disse que era o Espírito Júlio Verne. E acrescentei:

— Ele escreveu e você vai datilografar!

— Mas, minha mãe não entende nada de literatura — disse ela. — Ela é protestante de Igreja Evangélica, não sabe nada de mediunidade e não sabe nada sobre nós!

Aí, por verificar que continuava surpreendida e impressionada com o fato, comentei:

- Naturalmente, o sonho com ele trazendo muitos livros para nós é trabalho que ele vem trazer para nós e que você vai datilografar!

Prepare-se!

Aglon surge

Foi nos tempos antigos. Eu estava sobre uma penedia¹. Lá em baixo gemia o mar. As ondas atiravam suas águas a meus pés e as águas pulverizadas cobriam as pedras como um lençol.

Aglon chegou como prometera. Viera como um pássaro e disse:

— De onde venho, decidem os deuses imortais! Estranhei a linguagem.

— Não se assuste, meu filho. O Governo dos mundos quem dirige é Anjo. Os anjos governam os mundos!

Abaixei a cabeça humildemente. Aglon, segundo, me dissera, uma vez, fora romano. E aquela era a linguagem dos romanos!

¹ **Penedia: Aglomeração de penedos, à beira mar; fragmento de rocha dura.**

Mergulho às Profundezas

O oceano se estendia à minha visão na sua imensidade. . . Contemplei a extensão que *ainda* me parecia infinita e as ondas, às vezes, atingiam alturas espantosas. - Vamos! — Convidou-me Aglon.

Segui-o.

Deslizamos sobre as águas e, repentinamente, como duas gaivotas mergulhamos. Nossa vibração, mais leve, levou-nos quase que instantaneamente às profundezas e notei que, de repente, tudo se tornara sereno e calmo. À distância, pareceu-me divisar uma enorme sombra de um navio encalhado. Aproximamo-nos e, de fato, era um brigue antigo, holandês ou quem sabe, inglês, lembrando a pirataria. Aglon falou:

- Não se assuste. Encontraremos criaturas aí.
- No fundo do mar?
- Sim, no fundo do mar. Algumas continuam *ativas*; outras, não...

Admirei-me.

- Há muita gente, na terra, que não sabe disso...
- Aqui também. - - E riu.

Lembrei-me que eu também não sabia. Só agora estava tomando conhecimento apesar de ter atravessado *há tempos* um mar de gelatina. . .

Princípio Espiritual

Entramos e vimos alguns espíritos por ali. O cozinheiro do navio continuava cozinhando e alguns marinheiros *lavavam* o barco. O Capitão, parecia ser o capitão, um tipo de pirata, dava ordens. Aglon falou:

- Creio que não sabem que já morreram e que agora são apenas espíritos.

Surpreendi-me! Percebendo meu assombro, Aglon esclareceu:

- Meu filho, a vida existe em toda a parte: no céu, na Terra, no ar e no mar. Apenas o ambiente em que vivem varia de densidade e estrutura: um é terra; outro é água; outro é ar e assim por diante. Deus, em Sua Infinita Bondade e em Sua Suprema Inteligência, faz os habitantes dessas regiões, ou ambientes, de conformidade com essas estruturas. Nem todos os seres existentes no Universo respiram oxigênio, como na Terra. A máquina que conduz o princípio espiritual não é igual em toda parte e a inteligência não se situa, também, na mesma posição em que fica no corpo humano. O castelo da mente mantém-se na máquina humana, mas a sensibilidade, a visão, até a humanidade, através de alguns pesquisadores e estudiosos, como Ségur e De Rochas e outros, já verificaram que pode, em condições especiais, se manifestar por outras partes do organismo físico: nuca, garganta; peito, na parte inferior onde se situa o plexo solar. Na realidade, sabemos aqui, em nosso plano, que "todos os plexos podem" servir como órgãos da visão.

Quedei-me *ouvindo* a exposição do Espírito. Meus olhos, no entanto, contemplavam a massa de água marítima que irradiava luz de todas as cores em trilhões de partículas. Para minha visão, agora ampliada por Aglon, a água não se parecia em nada com a água vista da superfície. Admirado, perguntei:

— Por que o homem não vê lá em cima a água assim multicolor como nós vemos?

- É apenas uma questão de frequência de vibração dos olhos que possua. Lá como aqui a natureza é a mesma. Apenas o homem não tem condições de ver. Quando ele evoluir, verá. Isso também poderá acontecer, com a permissão das Forças Espirituais Superiores, ou de Deus, se achar melhor assim, com a descoberta de novos instrumentos mais poderosos que o microscópio e o telescópio, o que já está acontecendo como marco inicial... Mergulhado naquele oceano multicolorido, parecia-me estar naquela mata coberta de vagalumes sob o céu estrelado, que nos descreve o artista no livro CANAAN.

Espíritos do Mar

Eu me perdera na contemplação da água luminosa, porque aquela massa era toda luminosa. De repente, ouvi Aglon chamar-me. Acorri imediatamente ao seu chamado. Ele falava com o Capitão, que me pareceu mais esclarecido, visto que os outros, trabalhando, não prestavam mais atenção ao que fazíamos. O Capitão dizia:

- Senhor, aqui estou há mais de quinhentos anos terrestres. Recebi ordens para zelar por esta embarcação e os seus tripulantes. . . Já vieram alguns e nos falaram que já morremos todos, que não somos mais do que almas sem corpos, que somos, na realidade, espíritos eternos. . . Mas nós não acreditamos!

- São criaturas ingênuas que não sabem o que dizem. . .

Notei que Aglon começara a falar suavemente, de maneira delicada para não assustar o Capitão. Mesmo assim, alguns tripulantes pararam de trabalhar e, inquietos, passaram a prestar atenção, voltados para os interlocutores. Aglon percebeu, mas fez que não estava vendo.

— Bem — Perguntou Aglon —, mas e você também pensa dessa forma? E como sabe que está *aqui* há quinhentos anos? Os homens da Terra não vivem *quinhentos anos!*

O Capitão, surpreendido, de repente, com a pergunta, e chocado, gaguejou e tartamudeou:

- Não sei! Sei lá! Não compreendo, mas sei que não morri!

Foi quando o Espírito se aproveitou da confusão do marinheiro e disse:

— Naturalmente, vocês são almas imortais e não morrem! Creio mesmo que estejam aqui há quinhentos anos ou mais. . .

O Capitão cessou de falar, estarecido, olhos parados, e Aglon lhe disse, com um aperto de mão, como se estivesse no mundo comum:

- Amanhã, voltaremos. Enquanto isso, vai pensando...

E saímos do barco.

Peixes Fosforescentes

Deslizamos através daquela massa fulgurante de fagulhas luminosas que nos envolvia. Grandes peixes nos cercaram ou passavam por nós sem nos perceber.

- Esses peixes são peixes mesmo? Terrestres ou são espíritos? - Perguntei ingenuamente, como se fosse uma criança.

Aglon riu e respondeu:

- São peixes *do plano da Terra*, não são *espíritos-peixes*, não!

Olhei os tubarões que, também eles, fosforescentes, passavam. Ali, tudo era diferente, embora a Terra sólida, aos nossos olhos espirituais, apresentasse também massas e regiões coloridas e brilhantes de partículas luminosas e fosforescentes: as montanhas, as nuvens, as matas... Ali porém, pela quantidade, era mais chocante. Os peixes menores, quando os tubarões se afastavam, apareciam re-brilhantes de luzes multicoloridas... Na realidade, eu estava empolgado com aquele mundo que, na sua intimidade, os homens desconheciam. Vimos outro barco afundado. Mas Aglon me fez um gesto para não me aproximar.

Depois, disse:

- Após conversar com o "Capitão", voltaremos aqui. Você vai se surpreender com esta visita. Aguarde.

Aí, senti que o Espírito queria, primeiro, me dar uma visão panorâmica daquele oceano luminoso.

As algas marinhas e as pedras também brilhavam por toda a parte. Aquilo era um mundo fantástico! Minha visão se nublou como se lágrimas de emoção me envolvessem os olhos espirituais. Embora o Espírito enxergue por toda a parte do corpo e, de acordo com a sua evolução, os espíritos vejam mais ou menos uns do que os outros e à medida que evolu-

em desenvolvem outras possibilidades de percepção; eu, no estado em que estava, me *sentia* com os mesmos olhos que sempre usei na Terra.

Netuno, o Homem-Peixe

Repentinamente, percebemos que o oceano se movimentava, como se uma grande onda viesse rolando violentamente naquelas profundezas. Fiquei preocupado e Aglon, contudo, se manteve tranqüilo como se nada percebesse. Total tranqüilidade. Lembrava de Orcus e Atafon. Os Espíritos Superiores são assim mesmo: aparentam às vezes não ter reação alguma. Percebendo minha inquietação, abraçou-me carinhosamente, o que me tranqüilizou, e serenei.

Foi quando surgiu um ser enorme, metade peixe e metade homem, qual se fosse uma sereia masculina. Assustei-me. Olhou-me com ferocidade.

— Quem são vocês e o que vêm fazer em nossos domínios!? Senhor, vós eu conheço! — Dirigiu-se a Aglon. — Tendes vindo algumas vezes aos nossos domínios! Mas e ele? É ainda alma de vivo!?

Embora o tratamento inicial fora grosseiro, a mudança para vós, dirigido a Aglon, demonstrava que o respeitava.

— Eu sou Netuno — E ao dizer isso, fulgurou um tridente, que eu não vira antes em suas mãos. — Eu sou Netuno, deus e rei dos oceanos! E quero que esse ser inferior, que desce aos meus territórios, me preste obediência imediatamente, ou eu o recolho aos Presídios das Águas, como manda a Lei! Respeito vossa autoridade, senhor! - Tornou a se dirigir a Aglon. - - Mas, aqui, nestas regiões marítimas, mando eu e cumprirei a Lei que está acima de vós, senhor!

— Sei... — Falou Aglon com humildade. — O Senhor Deus dividiu o Universo em grandes zonas e distribuiu a autoridade conforme as necessidades de justiça! Sei disso e acato as determinações do ALTÍSSIMO. Peço, no entanto, deus do mar, que permitas que este meu pupilo, já autorizado pelas Esferas Superiores, percorra os labirintos dos oceanos sob tua férrea direção, a fim de saber como administra e leve às Altas autoridades e ao Mundo as primeiras notícias de como aqui se governa e administra!

Netuno esboçou um sorriso de prazer e respondeu solícito:

- Se é assim, senhor, podeis levá-lo onde quiserdes. Se precisardes de mim para visitar os Grandes Presídios das profundezas, chamai-me.

E se lançou vertiginoso no meio das águas.

O Capitão do Navio

Quando voltamos ao navio, encontramos o capitão muito pensativo. Contudo, recebeu-nos bem. Parecia desconfiado. Realmente, estava:

- Senhor - - Falou respeitoso, dirigindo-se a Aglon —, falastes que todos os nossos corpos morreram *fisicamente*, como comumente se entende, não é verdade?

Aglon confirmou com um gesto de cabeça.

- Pois bem. Por que, então, permanecemos aqui este tempo todo sem saber disso, se não estávamos inconscientes? Sempre nos sentimos vivos, como sempre estamos? Ou estaremos apenas sonhando e não somos mais que um sonho que estamos sonhando?

Aglon sorriu e disse:

- Bem, a idéia é engenhosa, mas não é sonho não. É uma realidade que vocês terão que compreender e aceitar, a fim de prosseguir evoluindo como todos os espíritos, através dos séculos e dos milênios! Marchamos no caminho para evolução, evoluindo sempre, para nos aproximarmos da eternidade de Deus! Enquanto sofrermos transformações não seremos eternos! A eternidade pressupõe uma permanência eterna!

Vi que o capitão estava surpreso com as palavras de Aglon e tive a impressão que o Grande Espírito se esquecera de nossa incapacidade para entendê-las...

Aglon, contudo, demonstrando que captava o meu pensamento, falou carinhoso:

— Perdoem-me a divagação, mas vocês se lembram de Jesus: "Eu vos digo estas coisas para que quando acontecer, vos lembreis que Eu já vos havia dito!" Foi mais ou menos assim que Ele falou a seus discípulos.

O capitão silenciou justamente no momento em que reapareceu Netuno com seu tridente fosforescendo como uma nave incendiada.

Navio-Prisão

- Às ordens, senhor. - - Falou Netuno, sem que Aglon lhe pedisse nada.

O Espírito, no entanto, compreendeu que por alguma *via* Netuno soubesse das suas intenções, ou desconfiasse de alguma coisa, porque esclareceu logo:

— Agradeço, deus do mar, príncipe dos oceanos.

Existe um navio-prisão, estacionado aqui perto, no fundo do oceano. Desejo percorrê-lo com meu protegido.

Netuno assentiu com um gesto e partiu de novo velozmente.

Atravessando a massa oceânica com a velocidade do pensamento, Aglon, tomando-me a mão, deslizou como o mais veloz dos peixes e, rapidamente, divisamos u'a embarcação já antiga, instalada como um Castelo no meio de pedras submarinas nas profundidades. Em meio às águas fosforescentes parecia um monstro sagrado e tenebroso, rodeado de milhares de peixes fosforescentes e plantas marinhas que também emitiam prodigiosa luz. À porta do navio, uma figura de capacete de guerra grego, lembrando os antigos e atléticos soldados da velha Hélade, nos deteve. Aglon falou-lhe da autorização concedida por Netuno e na mesma hora a porta do velho barco se abriu para nós.

Entramos. Acompanhava o guardião. Notei que usava botas e que pisava firme.

- Por onde desejais começar, senhor?

- Como devo chamá-lo, senhor? — Perguntou-lhe no mesmo tom, Aglon, antes de responder.

- Holofernes, senhor.

- Holofernes? - - Surpreendeu-se Aglon.

- Sim, Holofernes!

- Gostaria de começar pela ala dos presos de condenação mais leve.

- Condenação? Como então ali havia condenação? E quem condenava? - - Exclamei assombrado. - - Deus?

- Não. - - Respondeu Holofernes. - - Nem sabemos se Deus existe. Quem condena aqui é sempre o Tribunal! O Almirante, sob as ordens de Netuno, cumpre.

Diante de minha profunda admiração e surpresa, Aglon esclareceu:

— Em todas as regiões da terra, no céu como os homens entendem *fisicamente*, mar e ar, nas regiões inferiores, existem Tribunais e juízos permitidos pelas leis e ordens das Esferas Superiores que representam a vontade de Deus.

Espíritos Prisioneiros

Começamos a percorrer o Barco-Prisão, conduzidos por Holofernes que, enquanto nos indicava as celas onde estavam presos os espíritos inferiores, de certa forma nos vigiava e fiscalizava.

Na primeira cabine, que era ampla, e que outrora servira ao comandante encarnado do navio, agora substituída por prisão de criaturas ainda vestidas com roupas das épocas que pertenceram em sua vida terrestre na carne, estavam espíritos *intelectualmente* mais adiantados; as outras funcionavam como prisões menores com espíritos vulgares e intelectualmente atrasados, entre eles, muitos marinheiros.

À minha interrogação mental, Aglon respondeu:

- Aqui, estão muitos espíritos que perderam a vida terrena no mar, no entanto, a maioria vem da *superfície* e aí são aprisionados e ficam aguardando modificação e melhoria mental para subirem de novo. A Evolução se processa de maneira inexorável, *consciente* ou

inconscientemente, e a Lei Superior que a *rege* conduz os *seres inferiores e mesmo superiores, estejam onde estiverem*, à prosseguirem sob a força *inexorável* da evolução que na realidade é a força da Lei Divina a prosseguir. Sob esse impulso, os *inferiores marcham* e os *superiores sobem*, mas chega a hora em que os inferiores que estão sob a terra, no ar, ou no fundo do mar obrigatoriamente reiniciam e sentem o anseio de evoluir e alcançar posições que detinham anteriormente e que por *invigilância* perderam.

Não é o crime que nos arrasta ao *desequilíbrio*, mas o *desequilíbrio* que nos atrai ao crime. Se não mantivermos a vigilância sob nós mesmos, cairemos na roda viva e iremos do *desequilíbrio* para as falhas, às faltas e para o crime. Do crime voltaremos para o *desequilíbrio* e aí rolaremos *na roda* das reencarnações, de que falava o Buda e nesse *vai e vem maluco* permaneceremos séculos e milênios, do qual dificilmente sairemos por nós mesmos, dependendo que *uma força* externa, fruto de um amor, de um ou de alguns Espíritos amigos que nos amem, nos salvará. Fora isso, sem a interferência dessas almas amorosas, e amantes, ficaremos nas mãos indiferentes do acaso que nos deixam abandonados, *caindo* infundavelmente no ABISMO de nós mesmos, de tal maneira que, aparentemente, *parece* uma queda eterna no *sentido* de atingir o ser que cai, a *desintegração* total por falta de energia, que para compreensão dos homens, poderíamos *chamar de vitalizante* e que já denominamos, para a compreensão atual da Humanidade, de *desintegração* ou *retrogradação*, quando falamos que o *Perispírito se degrada, mas o Espírito não retrograda*. Assunto que evidentemente irá *sendo esclarecido lentamente* pela Espiritualidade Superior, ou por sua ordem, à medida que o ser humano for evoluindo e puder compreender, receber e assimilar cada vez e mais, *gradativamente, cargas de conhecimento superior*.

Fiquei extático e abismado, sentindo que ouvia ali, no fundo do mar, a voz de um 'anjo que abria as portas do meu entendimento mental para o conhecimento que os seres humanos e mesmo trilhões de espíritos ainda não conheciam.

Holofernes, porém, totalmente incapaz de compreender, nos esperava para a visita programada, talvez aborrecido, como acontece a certos homens ouvindo diálogos filosóficos ou científicos que, crêem, não lhes dizem respeito.

Submarino-Escolta

Eu ainda estava sob a impressão extática e eufórica das palavras de Aglon, quando ouvimos um som estranho que, vibrando, vinha em direção ao Barco.

Holofernes murmurou como para si mesmo:

- É o Submarino-Escolta que chega trazendo mais carga, "gente" condenada que vem da superfície para as prisões!

- Sim, são espíritos prisioneiros que descem. Quando uma embarcação afunda, os culpados do desastre, por decisão do Tribunal de Cima, cumprem pena nestas prisões submarinas. . .

— Por que isso? — Arrisquei.

- Porque o impacto— Disse Aglon - - conserva as imagens do desastre que, nesse caso, se situam nestas regiões, no mar, e acorrentam a mente culpada ao local do desastre. O *sentimento de culpa* em toda a parte é igual.

Calei-me pensativo.

Cada palavra de Aglon era um ensinamento novo. Logo chegou o Submarino e nós permanecemos silenciosos, prontos para ver e aprender.

Prisão no Mar

— Todos os prisioneiros que chegam sabem que são espíritos cujos corpos já morreram?

- - Perguntei timidamente.

- Não — Respondeu Aglon —, mas sabem que são culpados. Os que não morreram na hora do desastre, geralmente foram antes de vir para aqui, naturalmente, antes de terem

sido julgados e condenados pelos Tribunais: o de cima, da Superfície e o Debaixo, se assim podemos dizer; já estiveram internados em *hospitais* para recuperação. . .

Olhei para o Submarino-Escolta e vi que os *prisioneiros* saíam e vinham conduzidos para o "Barco-Prisão". Pareciam pessoas comuns. À maneira de carcereiro, à frente, vinha uma criatura de expressão e fisionomia duras e alguns outros que marchavam como soldados terrestres, com vestimenta militar, mas aquática.

Não demorou e apareceu Netuno, capacete à grega e tridente.

— Estão chegando os *homens* do desastre. Quinhentos — Falou para Holofernes, após fazer um sinal de cabeça respeitoso, a Aglon —. Alguns comandavam a embarcação e foram condenados pelo Tribunal a cumprir pena aqui. Outros cometeram faltas menores, porque contribuíram de alguma forma no afundamento do navio.

Percebendo meu grande interesse na conversa e querendo talvez que eu fosse esclarecido diretamente por Netuno, recebendo instruções diretas, Aglon se dirigiu a Netuno e comentou:

- Pelo que vejo, *Senhor*, a sua administração é perfeita. . .

Sentindo-se lisonjeado por figura tão importante como Aglon e, com certeza, esperando um fiel relatório para as Esferas Superiores, Netuno informou com ênfase:

- Aqui, nos mares e oceanos, senhor, nós cumprimos fielmente as Leis da Justiça Divina. Fiel e implacavelmente. Porque a Justiça se cumprirá em toda a parte!

- E o amor? — Esboçou Aglon.

- Amor? Não sentimos nem conhecemos o amor em nossos territórios! Aqui domina a Justiça implacável e honesta dos Dragões! Amor, segundo estamos informados, é coisa dos sequazes do Cordeiro, que não nos compete discutir.

Após isso, Netuno fez novo sinal a Aglon e partiu. . . Ficamos ali, vendo os presos entrarem.

Lei dos Tribunais

Punição Mental

Percorremos o barco inteiro e vimos que era um Presídio quase igual aos da Terra, com celas separadas que aos olhos dos prisioneiros pareciam gradeadas, resultado das suas penosas vibrações, penosas, lentas e densas. O sentimento de culpa em alguns permanecia-lhes fixo nos *sentimentos, na memória e na mente*. Estranhavam o fato de estarem juntos numa região cheia de peixes, embora já houvessem eles passado por um estágio de recuperação e sofriam a situação em que se encontravam. Sabiam que estavam no fundo do mar, porém não sabiam quanto tempo ficariam ali.

Silencioso, eu meditava em tudo aquilo, quando Aglon me despertou:

Toda a Justiça se cumpre dentro 'de cada um, no âmbito da consciência, em princípio, porém a aplicação da lei, considerando a culpa como falta, vem dos Tribunais e se aplica na região onde a falta foi cometida. . .

Se não é na mesma vida, será em outra, mas se cumprirá. Netuno representa aqui apenas a vontade do Tribunal, porque, na realidade, cada um *pune* a si mesmo. O crime ou a falta, o grau e a pena estão mesmo no âmbito da consciência do culpado. Quem na verdade julga é a consciência sob o império inexorável da lei que obedece a vontade de Deus. E Deus estabeleceu leis para todos os seres do universo igualmente e não para um em particular. Para a mesma falta cabe a mesma pena; o que vem é o grau da dosagem e da pena, da mesma forma que na Terra cada um sofre por mais ou menos tempo de conformidade com o seu sentimento de culpa, maior ou menor, que lhe infringirá maior ou menor sofrimento.

Evidentemente, para os espíritos que permaneciam nas águas, aquela imensa massa aquática tinha outra estrutura. Era a estrutura espiritual e as construções de celas e presídios, organizada de acordo com a *matéria* quintessenciada do mundo espiritual. Material

esse manipulado de acordo com o pensamento deles e com as sugestões quase hipnóticas dos cumpridores das ordens dos Juizes.

No plano espiritual, a mente plasma na *matéria existente* as imagens elaboradas pelos pensamentos. Como aqueles espíritos vinham da superfície ou crosta, a idéia geral era de *cadeia ou cela* - - na verdade eram escravos de si mesmos. Caídos os corpos e afogados nas águas, em geral ficavam inconscientes por longo tempo ou pouco tempo, de conformidade com a sua evolução e com o impacto da própria culpa e modelavam mentalmente o instrumento de sua condenação e de sua culpa.

Atirados nos cômodos do navio, viam ali cadeias e sob a pressão do erro que haviam praticado sentiam-se prisioneiros. *Carcereiros* também mentalizam a mesma coisa e a duração da pena dependia muito do *sentimento de culpa* que, em verdade, estabelecia automaticamente o *tempo*. Este, na realidade, é apenas em toda a parte somente um conceito mental do ser, seja ele homem ou espírito.

Deus é Pai e Mãe

Eu meditava sobre essas coisas, lembrando-me de explicações que Orcus e Atafon me fizeram em outras oportunidades, quando Aglon, me batendo carinhosamente no ombro, falou:

- Meu filho, a maioria ou quase totalidade dos homens acredita que Deus, à semelhança de um mestre-escola, premia ou castiga *cada um* em *cada caso* e desce do Sólido de Sua Majestade para julgar *cada ato* de cada um e punir *pessoalmente* cada *pecador*.

Não, o Universo não funciona assim! Deus é Lei e Deus é Pai. Para Ramakrishna, Deus até é Mãe, lembra-se? Estabeleceu o Senhor o Universo e suas leis e *dentro delas* e *sob a força delas*, os *Espíritos* e todos os seres vivem. Para aliviá-los ou amenizá-los é que o Senhor usa a Sua misericórdia e p Seu amor. É quando é Pai e até Mãe. As idéias que os Santos e os fundadores das Religiões usam de conformidade com a sua interpretação e o seu modo de *sentir* e *perceber* Deus.

Aglon ainda abraçou-me carinhosamente e disse:

— Vamos andando, o tempo urge.

Os Netunos

- Haverá muitas prisões como esta, no fundo do mar? - - Perguntei ao Espírito.

- Há, inumeráveis. Mas existe também a Casa da Administração onde fica o Administrador Geral e o Grande *Tribunal* do Mar. . . Ali trabalham os Netunos.

- Como? - - Exclamei espantado. - - Existe mais de um Netuno? Aglon riu.

- Existem sim. Existem centenas! *Aquele* é apenas um de hierarquia mais elevada do que os outros na organização aquática dos mares e oceanos. Todos se apresentam como *Netunos* e Netuno é o administrador geral e de fato o *Netuno* famoso desde a mais alta Antigüidade. Em toda a parte, nas coisas de Deus, predominam a *seriedade* e a *ordem*, que estabelece a organização e o trabalho, aproveitando o grau de evolução de cada ser.

Contemplei Aglon profundamente surpreso e lembrei-me que certa vez ouvira uma criança dizer:

__ O Universo não é caos, o Universo é ordem.

E ali eu compreendi o que ele quis dizer.

Alta Hierarquia no Mar

Embora já houvesse percorrido o ABISMO em certas regiões e ouvido os ensinamentos de Espíritos Superiores, como Orcus, Atafon e outros, fiquei surpreso com as surpresas que me reservara o Mar e com as criaturas que ia encontrando. Aglon era um Espírito que *me parecia semelhante* a Orcus, ligado aos problemas do mar e dos oceanos.

Seriam nas regiões fiscalizadas por Espíritos Inferiores de *alta hierarquia* na sua classe e controladas por Espíritos Superiores de *alta hierarquia*, também na classe a que pertenciam?

Aglon *ouviu-me* os pensamentos, porque de imediato *corrigiu*:

- Você está raciocinando certo, em parte; na outra está equivocado. Nós, os de Cima, somos apenas mensageiros do Senhor, como os estafetas do correio terrestre. . . Os de *Baixo*, como Netuno, o Administrador Geral estão em posição de mando, portanto *superior* aos seus subordinados, também de sua classe. São espíritos que acreditam que, realmente, cumprem a vontade dos Dragões e exercem a justiça que de *certa forma* corresponde à Justiça de Deus. Mas não falam, nem gostam de ouvir falar em Deus e muito menos em Jesus, a quem odeiam, porque Jesus personifica o amor e eles acham que o amor é fraco. . . Chamam-no de "O Cordeiro", porque para eles a *morte na cruz* foi sinal de fraqueza e falta de poder, já que para eles *o poder* está centralizado nos DRAGÕES da Terra e do Mar. . .

Senti que a sabedoria de Aglon era maior do que eu pensava. . .

Quando se adquire Conhecimento

Há muito percebia que os Espíritos Superiores transmitem os ensinamentos aos poucos, o que na nossa linguagem do Mundo da Superfície poderia se chamar, ou se chama por alguns, linguagem *em gotas*. Respeitam o grau de evolução em que estamos, mesmo porque levam em conta a nossa incapacidade para compreender e assimilar.

Diz um Espírito amigo que não recebemos mais do que podemos vir a entender e assimilar; se o ensinamento é mais profundo, ou não entendemos e assimilamos, ou fazemos confusão "em nossa cabeça e na cabeça dos outros", por isso, todo o conhecimento novo que vem de cima é ensinamento *iniciático*, no mínimo concedido a quem está no caminho da iniciação. Vocês se lembram da assertiva?:

"Quando o aprendiz está preparado, aparece o instrutor"; portanto, *antes disso*, não.

Na verdade, não estou falando por mim mesmo. É o que já aprendi do Plano Espiritual.

O Vício das Consciências Humanas

Aglon *ouvindo* e sentindo-me os pensamentos de aprendiz que estava *aprendendo* e que, naturalmente, já assimilara alguma coisa, acrescentou:

— Meu filho, "tudo o que vem de cima é dom Perfeito", como disse o apóstolo. Acontece, no entanto, que os homens, nossos irmãos pelo Espírito, quando ainda não atingiram o estágio evolutivo necessário, confundem o *sentido íntimo* do ensinamento que, como um bólido, se perde no cosmo da consciência humana e, às vezes, demora séculos e milênios para que o homem o reencontre, de novo, puro como era no início. A Espiritualidade Superior, do Alto, envia como raios saferinos centenas de ensinamentos, permanentemente, em forma de palavras, imagens, pensamentos e vibrações sobre os milhares e milhões de consciências que estacionam na Terra, obedecendo à vontade de Deus. As consciências, todavia, não sintonizadas com o *Mais Alto*, não têm capacidade de percepção e não percebem, nem têm condições de acolhê-los e esse material superior se perde. Quando algumas ou alguns *médiuns* percebem, costumam truncá-las ou desvirtuá-las e assim continuam elas o seu caminho, já agora impuros e imperfeitos. Os homens de mentes descontroladas que entregam à humanidade um material agora já viciado. Por outras vezes o mundo, por interesses inferiores, confunde de propósito o sentido das mensagens e ensinamentos, objetivando servir de maneira egoísta e interessada os seus sonhos de grandeza humana de baixas qualidades.

Aglon parou de falar e eu, extático, verificava, a cada passo, como os Espíritos de sua classe conheciam o coração dos homens.

Desintegração da Mente

Eu reparara que alguns daqueles espíritos aprisionados por si mesmos no mecanismo complexo de sua casa mental, jaziam inconscientes no barco. Outros pareciam loucos, com os olhos, como se diria na superfície, onde vivem os homens, *vidrados*, incapazes de ver ou entender as imagens ou o que se passava ali ou no mundo aquático em que viviam.

Perguntei a Aglon:

- Mestre. . .

- Meu filho, não me chame Mestre, você conhece o esclarecimento de Jesus: "Não queirais ser mestres..."

- Perdoe, meu amigo. — Falei com humildade. Aglon sorriu, compreensivo. E a seguir, esclareceu:

- Está admirado de ver espíritos total, ou quase inconscientes? Aqui, estamos numa região *espiritualmente calma* e serena *relativamente*, porque na realidade existem centenas de espíritos que chegam no mundo espiritual completamente *loucos*. . .

— Mas, e a reencarnação? — Indaguei assombrado.

- Não, não reencarnam totalmente loucos, mas passam, antes, por um processo, ou *tratamento especial*, de modo a poderem se associar novamente e integrar com a carne e na carne. Aí, talvez para eles é que se inicia o processo terrível que os *conduzirá lentamente, um dia*, à desintegração final.

A *desintegração da mente* não é um mistério, porém, por enquanto só os espíritas *estudiosos* poderão compreender e aceitar. O ser humano, contudo, está muito longe disso; há milhões de *anos-mente*, se se pode usar essas *imagens comparativas* de tal acontecimento.

Mas o *início* pode ser hoje, ou talvez já tenha começado anteriormente. O pensamento *desequilibrado* conduz cada vez mais ao desequilíbrio. Desce-se, ou sobe-se, dentro de si mesmo. Você já aprendeu isso. Quando o ser já atingiu o estado de consciência tem que zelar por ele ou por sua integridade, patrimônio sagrado de cada um.

Vi que Aglon me levava por caminhos difíceis do entendimento e que, repentinamente, começava a descerrar o véu que encobria *alguns mistérios* da Sabedoria.

A Meditação Profunda de Aglon

Aglon continuou a falar:

— Você também deve se lembrar que na introdução

de "O Evangelho Segundo o Espiritismo" está escrito: "A alma se extravia e se perturba quando se serve do corpo para considerar qualquer objeto: tem vertigens como se estivesse ébria, porque se liga a coisas que são, por sua natureza, sujeitas a mudanças: ao passo que, quando contempla sua própria essência, ela se dirige para o que é puro, eterno, imortal e, sendo da mesma natureza, fica aí ligada tanto tempo quanto possa; então seus descaminhos cessam por que está unida ao que é imutável, e esse estado da alma é o que se chama sabedoria.

Assim também se ilude o homem que considera as coisas de baixo, terra-a-terra, do ponto de vista material; para vê-las com justeza é preciso vê-las de cima, quer dizer, do ponto de vista espiritual."

Vi que as milhares de partículas fosforescentes à volta de Aglon aumentavam de intensidade o seu brilho e o Espírito passara a irradiar intensa luminosidade que se espalhava à volta pelas águas, onde milhares, também, de peixes multicores serpeavam. O mar se iluminou e estranho temor foi me invadindo o coração.

Repentinamente, Aglon que parecia estar num estado de êxtase, como se despertasse, falou, um tanto sobressaltado consigo mesmo:

- Perdoe-me, filho, deixei-me levar *inconscientemente* por profunda meditação que vem de Cima. Esqueci-me de você.

Logo em seguida tudo se apagou, ele me abraçou e prosseguimos.

Outros Espíritos nos Barcos

Eu ainda estava impressionado com o Barco-Prisão que visitávamos. Aquela *história* de que *cada um se aprisiona em si mesmo* já era do meu conhecimento *teórico*, mas ali eu vira na *prática*, na realidade do *ensinamento concretizado*. Não era a imaginação nem notícia, era a pura realidade, além disso, difícil, *pensava eu*, que os homens da *terra*, da superfície e até mesmo muitos milhares de Espíritos, de pequena evolução como eu, pudessem acreditar na existência de Espíritos no fundo do Mar. Lembrei-me ainda da surpresa e de certa resistência de *alguns* quando demos as primeiras notícias da existência de Espíritos no seio da Terra em "O ABISMO"...²

Aceitariam os homens esta nova informação?

Raciocinava ainda com essas idéias quando Aglon me disse, adivinhando meu pensamento. Talvez, vendo mesmo, ou lendo:

- Iremos agora visitar os "prédios" da Administração Geral do mar, que se localiza nesta zona do oceano. ..

Ouvindo-o, fiquei satisfeito.

- Obrigado, Aglon. - - Falei-lhe com respeito — Isso vem de encontro aos meus anseios. Nessa altura da conversa nós já íamos deslizando em meio às águas a certa velocidade. Tudo continuava rebrilhando e observei que estava subindo para a superfície das águas. A fosforescência continuava intensa e fomos vendo barcos estacionados aqui e ali e, de vez em quando, paisagens lindíssimas formadas por plantas, que se diriam *exóticas*, na superfície ou crosta terrestre de cores e beleza nunca vistas lá. O vermelho e amarelo vivo, salpicados às vezes, de branco, predominavam ali.

Notei que em alguns *barcos* havia espíritos no convés, que nos contemplavam surpreendidos.

Aglon explicou:

— Pensam que somos perigosos monstros do mar ou quem sabe? Estranhos peixes. .. Eles vieram da crosta terrestre e ainda não aprenderam os segredos da volitação. Pensam, muitos deles, que são *homens* e não compreendem a sua situação. Apavoram-se comumente quando Espíritos semelhantes a nós percorrem estas paragens.

Plantas Aquáticas

Agora, seguíamos numa velocidade regular e igual sempre. A paisagem variava de instante a instante, e mudava. A vegetação de súbito, era diferente. Lugares havia em que tudo se tornava completamente vermelho, outras vezes, branco ou amarelo. O verde, o azul apareciam mais à distância.

Súbito, avistamos longe, muito longe, uma espécie de Castelo Medieval, rodeado de jardins belíssimos de plantas aquáticas.

- Aquilo é do fundo do Mar espiritual, ou são plantas terrestres? — Perguntei.

Tem de tudo um pouco - - Respondeu Aglon. -Misturam-se. *Milhares* são espirituais e *centenas* são plantas aquáticas que se poderia dizer "marinhas" da *Terra* mesmo. Com o tempo, você distinguira uma das outras. Sua visão ainda não lhe permite distinguir. Em breve, sua visão espiritual se ampliará e você verá a diferença. . .

- Quanto tempo?

- Em termos de crosta, cem anos. Mas, cem, se continuar viajando "conosco" pelas regiões do Mundo dos Espíritos.

- Por que não antes?

Aglon sorriu:

² Livro publicado pela Editora da Fraternidade — Nota da Editora.

- É apenas uma questão de adaptação. Não se trata de evolução espiritual. Adaptação apenas.

Materialização do Pensamento

Para nós, o mar estava sempre sereno, embora na superfície das águas as ondas pudessem até estar encape-ladas. Nosso clima, *do fundo*, era de serenidade.

Continuávamos avistando de tempos em tempos algumas construções. Interessante é que o estilo de cada uma mudava.

Diante de minha surpresa *íntima*, Aglon, naturalmente, com sua grande *percepção espiritual*, me disse:

- Sim, meu filho, elas mudam de estilo, porque cada espírito pode modelar o tipo de casa, ou abrigo, que quiser ou puder. . .

- *Puder*, por quê? - Indaguei espantado. Aglon esclareceu:

- De acordo com as faixa de sua evolução *já conquistada* e pelo bem praticado em favor de seus semelhantes, cada um adquire o direito e a possibilidade de ir realizando certas coisas...

- Mas, isso parece com o dinheiro da Terra! — Exclamei eufórico com a descoberta.

— De certa forma é. *Vocês da Terra* levam para lá algumas idéias *nossas* e fazem coisas semelhantes; na maioria dos casos, *deturpam* e realizam coisa não só inferior, como prejudicial ao próprio gênero humano.

- E o dinheiro é assim?

- Assim, não. O -agarramento ao dinheiro e, como dizem vocês, o "apego" ao dinheiro é que se torna um mal. A sua aplicação para o mal e a sua *não-aplicação* para o Bem é que faz do dinheiro *uma arma* extremamente perigosa para o próprio homem. Na Terra, meu filho, vocês pedem e o arquiteto *cria* uma casa boa e bonita como vocês querem, e ele imagina e executa e isso não é obra do pensamento?

Apenas a *materialização* do pensamento ou, se quiserem, a execução é que varia um pouco. Vocês desenham primeiro, fazem no papel e nós modelamos diretamente no local; más, na verdade, tudo é somente obra do pensamento, seja ele *humano ou espiritual*. Vimos mais algumas construções espirituais que passavam rápidas em face da nossa velocidade.

Fiquei de novo pensativo.

Aglon calou-se.

O Castelo da Administração Geral

Apesar do silêncio do Espírito, deslizávamos velozes como flechas por entre as vibrações do mar. A distância, porém, que nos separava da Administração Geral do Mar, diminuía e já víamos criaturas espirituais de forma humana que passeavam, ou estacionavam em imensos jardins, e no meio destes também havia imenso prédio de enorme extensão.

Aglon indicou:

- Aquele é o prédio da Administração. Quando foi "realizado" há muitos e muitos anos, foi com a cooperação de centenas de *mentalizadores* do mar, técnicos especializados, que para aqui vieram e, durante muito tempo, se *concentraram* no trabalho e o *edificaram*.

Vi que o Espírito usara *palavras terrestres* para que eu entendesse.

Logo chegamos ao pátio do imenso prédio que, de perto, tinha uma arquitetura estranha: a fachada lembrava os castelos medievais, no entanto, em seguida tomava a forma muito *moderna* e até *ultra avançada*, com linhas aerodinâmicas, parecidas com os *atuais aviões Jumbo*.

Aglon explicou:

- A parte inicial foi *modelada* por ordem de um *Netuno* que *viveu*, ou melhor, *estacionou* num período semelhante à Idade Média da Crosta terrestre, mas, o *segundo Netuno* obedeceu a orientação muito avançada que trouxera de um outro mundo...

A conversa esboçara e sugeriu *idéias novas*, mas eu ficara impressionado com *aquele estacionou*. . .

— Ora, - - Disse o Espírito - - você não acha mais adequado dizer-se que o espírito imortal *estacionou* do que *morrer*. Se ele não morre, a não ser que desça até ao fim da inconsciência humana a um *estágio* que é uma *estacada* no portal da Segunda Morte?

— Segunda Morte?! — Exclamei quase gritando. — Já ouvi falar disso antes, mais não compreendi!

— Não compreendeu, porque a humanidade ainda não pode compreender e muito menos *assimilar*. Porque, depois de compreender é *preciso assimilar* e os homens ainda não têm condições de assimilar todos os ensinamentos espirituais. Por isso não recebem os ensinamentos, ou os Espíritos não ensinam. Quando tiverem condições, receberão. Mas, veja nos seus registros sobre o assunto e verá que *quem lhe disse*, falou quase tudo... Lá está. . . Aquilo sim, *já é quase morrer*. . .

Fiquei sem saber o que responder...

— Pois é, meu filho, Jesus falou da Segunda Morte.

A Segunda Morte

De fato, Jesus falou da Segunda Morte? "*Então haverá a Segunda Morte*." Mas na verdade como seria a Segunda Morte!?

Aglon pousou a mão diáfana e transparente em meu ombro e quase num suave murmúrio ciciou:

— A Segunda Morte, meu filho, dizem que é uma coisa terrível! Só quem chegou lá perto poderia explicar! Os mais "sábios" do que nós e que já alcançaram altíssimas regiões do pensamento nos dão notícias distantes ainda da realidade... mas dão. Esclarecem eles que a nossa *mente*, que ainda é a mente humana, não poderá suportar o impacto da revelação. À proporção que vamos evoluindo, iremos compreendendo gradativamente as coisas e a mente vai assimilando.

Sem evolução não há possibilidade de entendimento, muito menos da compreensão e capacidade de assimilar. Cresce-se espiritualmente pelo *amor* e pela caridade que praticamos e que também é uma forma de amor, não o mais avançado; a nossa mente se amplia e reestrutura, crescendo em conhecimento e percepção. Esse é o mecanismo da Evolução. Conquista-se pouco a pouco, consciente ou inconscientemente novas estruturas mentais e até novos órgãos espirituais; assim como o homem da caverna que, de repente, começasse a ouvir um rádio, ou o homem mesmo civilizado que ganhasse um microscópio ou um telescópio. . .

Compreendi abismado as novidades de Aglon.

A Linguagem dos Espíritos do Mar

Entramos pela porta do prédio, que parecia a boca de uma baleia. O material semelhante à matéria plástica, ou vidro verde-azulado transparente. Um largo corredor levava ao fundo e por ali havia um movimento grande de espíritos semelhantes aos homens e pareciam criaturas de todas as nacionalidades da superfície da Terra.

Aglon sorriu:

— Aqui, como na superfície, por algum tempo os espíritos guardam a fisionomia e mantêm a mesma linguagem que falavam na Superfície.

Fiquei espantado.

— Como? — Exclamei!

— Não se admire, meu amigo, "a natureza não dá saltos", não é assim que falam em sua pátria?

— É! Sim, é.

— Logo, não se admire do fato de usarem ainda a mesma linguagem. .. Eles voltarão em breve à superfície e reencarnarão para continuar evoluindo onde pararam. Não poderiam

mesmo mudar a linguagem e nem, de imediato, seria conveniente que esquecessem a linguagem usual e *aqui* adotarem outra. Só em casos especiais mudam os espíritos da língua nos planos logo além, acima ou abaixo da superfície. Seria grande transtorno. Necessário é que prossigam treinando a própria língua de onde vieram...

— Bem... — Gaguejei, com embaraço — mas, por que não usam a telepatia? Pensei que usassem!

— Não, aqui, como na maioria dos lugares situados *post-mortem*, não. Traria embaraços futuros ao próprio Espírito. A linguagem é apenas instrumento de comunicação, tanto aqui quanto no mundo. Só espíritos mais adiantados, ou espíritos com missão ou tarefa especial, podem mudar readquirindo a possibilidade de usar a telepatia. A maioria usa a linguagem mesmo de sua origem.

Os que renascerão em nações de outras línguas costumam fazer um estágio entre *nativos* de outras línguas. Assim se preparam para renascer, falando o francês, o inglês, o italiano, o chinês, etc., etc...

A conversa telepática nestas regiões do mundo ainda não é habitual. Deveria ser, mas não é. Questão às vezes de evolução e às vezes de necessidade.

Vi que Aglon sentira que falara muito. Por isso, não insisti.

Chegamos a um grande salão cheio de espíritos que conversavam, assim como no salão de um transatlântico moderno... De um modo geral, todos conversavam como e estivessem na Superfície.

Alguns estavam uniformizados de oficiais da marinha.

Eu, na minha ignorância, continuava admirado.

Aglon tornou a sorrir enigmaticamente.

Espíritos-Oficiais da Marinha

Logo fomos abordados por um daqueles oficiais da marinha.

- Quem sois, irmão? - - Perguntou a Aglon. — O que buscam aqui?...

Estranhei, de imediato, a linguagem cerimoniosa com que falava.

- Desejamos falar com o *grande Netuno*. — Respondeu Aglon, demonstrando um respeito que me surpreendeu.

- Sou oficial da marinha dos países *européus*, mas providenciarei para que venha a ordem de entrada. Quem sois, irmãos?

Tornei a me surpreender: voltava cerimoniosamente a nos tratar, mas, ao mesmo tempo, nos chamava familiarmente de *irmãos*.

- Somos mensageiros da Superfície e estamos em missão da Justiça Divina. — Esclareceu o Espírito.

O oficial se deu por bem informado e se foi.

- Aqui — Orientou Aglon - - recebem "gente" de todo o mundo e a maioria desfruta da educação terrestre, de um modo geral, são educados, já que na maior parte são viajantes, sempre os mais ricos. Esse oficial é do país, a que hoje vocês, na Superfície ou na Terra, chamam de França...

Não demorou e outro *oficial* veio nos convidar para ver *Netuno*. Começamos a subir larga escada semelhante ao mármore branco, mas deveria ser imensamente leve, desde que colocado em uma embarcação, por que *para* mim aquele prédio deveria ser uma nave.

— Não. — Disse Aglon. — É prédio mesmo, modelado nas águas ou no fundo do mar.

Não lhe disse antes que os Espíritos, *aqui, também*, modelam mentalmente o pensamento, e a idéia tanto *aqui* quanto lá é força e poder espirituais.

Jesus não disse:

— Se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda, direis a uma montanha: muda-te daqui para ali e ela se mudará?

Netuno Geral, o Administrador do Mar

Seguimos o oficial e logo estávamos diante de Netuno, o Netuno Geral, Administrador daquele mar que fazia parte dos oceanos do mundo.

Figura estranha, exibia uma espécie de capacete brilhante cor de prata e a fisionomia lembrava a de um viking. Ao lado, como um suporte de bandeira, enorme, de pé no solo, um tridente, que parecia mesmo o símbolo dos netunos. Dois netunos menores, de fisionomias serenas como as do chefe, postavam-se ao lado da mesa da mesma matéria transparente *verde azul*, de que era formado tudo ali, inclusive o barco.

- Quem sois *na realidade* - - Perguntou Netuno — e o que quereis?

— Somos mensageiros do Cordeiro e viemos para estudar os vossos augustos domínios e fazer um relatório com o resultado de nossas observações, que será enviado aos Senhores da Justiça Maior do Universo, depois de transitar pelos vários Departamentos Superiores da Justiça do ALTO.

Netuno observou-nos detidamente e pareceu satisfeito, porque disse assim:

— Grande e respeitável mensageiro — E esboçou um sorriso feliz - - não temos nada a opor, exceto com referência a vosso companheiro, que precisamos submeter a uma rápida pesquisa por aparelhos, já que à primeira vista nos parece *diferente* dos mensageiros do Alto.

Aglon assentiu e explicou:

— Por questão de lealdade, Netuno, quero dizer que ele é da Superfície. ..

— Ah!... Exclamou Netuno, satisfeito consigo mesmo por ter à *primeira vista* nos identificado a *inferioridade*.

- Mesmo assim, senhor, gostaria de passá-lo nos aparelhos... Não acha, Senhor?

- Certo, — Assinalou Aglon — em nosso relatório *focalizarei* para as autoridades Superiores, o caso zelo e dedicação.

Netuno sorriu e agradeceu com um balançar de cabeça.

A um sinal seu, os netunos de guarda nos convidaram a acompanhá-los. Aglon deu-me a entender que devia acompanhá-los e eu os segui.

Compreendi, de imediato, que estava preso.

Preso para Pesquisa Laboratorial

Entramos, logo, em uma espécie de laboratório, onde fui recebido também por um oficial da marinha adequadamente uniformizado. Parecia alguém dos tempos modernos. Os guardas comunicaram-lhe a ordem do Netuno e ele, imediatamente, iniciou o seu trabalho.

A princípio, sem qualquer outra pergunta, colocou-me um aparelho na cabeça, ligado por alguns fios, semelhante aos aparelhos da Superfície de medir as correntes cerebrais. E a seguir fez outras pesquisas ainda rudimentares comparadas com as nossas de Cima. Pareceu satisfeito porque chamou o guarda e disse-lhe:

— Diga ao chefe que é uma criatura comum, nada de extraordinário, igual a todos os que têm vindo até aqui!

Deu ao guarda um documento para levar ao Netuno Geral:

— E diga que deverá permanecer aqui ainda setenta e duas *horas da Superfície* para o caso de surgir alguma novidade, assim evitamos aborrecimentos futuros.

Disse e saiu por outra porta. Eu fiquei sozinho e preocupado.

Socorro de Aglon

Não demorou e um dos guardas entrou e me disse:

— Seu *Superior* mandou-lhe dizer que não se aflija, que está tudo certo, e que você deverá esperar com paciência e compreensão. Terminado o tempo do *recolhimento*, você voltará.

Fiquei mais tranqüilo e passei a observar a cabine-laboratório em que me encontrava. Era na realidade, uma cabine quase comum, alguns aparelhos que eu não conhecia, mas percebia-se logo que era "coisa" de médico.

Nota-se, desde logo, muita serenidade no ambiente e *repentinamente* passei a ouvir em *minha consciência* e através da *minha mente*, a voz de Aglon que falava suave:

— Meu filho, a sua situação é a de prisioneiro. Poderíamos libertá-lo imediatamente daí, mas não convém. Se o tirássemos, perderíamos a oportunidade do aprendizado de que *você precisa*. Netuno ficaria alarmado. Com paciência e compreensão atingiremos nossos objetivos.

Aquele *socorro* de Aglon através das faculdades telepáticas que lhe eram próprias e valendo-se de minhas percepções embora ainda inferiores, me animou e me trouxe calma. Nesse ínterim, o oficial médico voltou. Ouvi o aparelho e perguntou-me: __ Havia *alguém aqui!*

__ Não. — Respondi.

__ Não... ? — Estranhou ele. — Nossos aparelhos lá de dentro identificaram uma voz estranha!

Não sei. - - Exclamei. — Não ouvi ninguém. __ Bom, __ Disse ele. — Não tem importância. Também a sua permanência aqui é só pró-formal. E tornou a sair.

Estranha Figura quase Peixe

O silêncio caiu dentro da cabine. Estranha serenidade invadiu-me e senti-me, na realidade, num mundo diferente. Será que as águas auxiliavam a manter a tranqüilidade no ambiente? Creio que sim. Um dos benfeitores de nossa colônia, Nosso Lar, já me dissera isso.

Os aparelhos existentes eram dotados de tubos que pareciam de borracha, como na Terra, superfície, mas os aparelhos, propriamente ditos e sem similar lá *em Cima*, eram de *material* completamente diferente. Não eram de plástico, mas lembravam o plástico. Eu examinava tudo *com os olhos*, não punha as mãos. Pareciam delicados demais.

Estava embevecido nos estudos, quando entrou uma criatura profundamente estranha! Olhos oblíquos e na verdade parecia um peixe. Vi que seus pés e suas mãos lembravam as patas dos patos, com largas barbatanas ligadas por uma película transparente. O rosto pontudo descia-lhe 'mo a ponta de um triângulo para o queixo, *bico fino* como as botinas antigas. Sorriu e falou:

— Sou o zelador da nave e fiscalizo tudo por aqui.. . Mas desde logo, vou esclarecendo: embora sejamos "filhos dos Dragões" e obedeçamos às suas leis que, na realidade, vêm do "mais Alto", não somos maus. Apenas *zelamos* pela tranqüilidade dos mares. A água tem *vibrações curativas* e que dá a todos *mais paz* e tranqüilidade. Os Netunos formam uma raça unida e anseiam por progredir e melhorar. *Nessa guerra* com os filhos do Cordeiro estaremos com os Dragões, isso é certo, mas nos tempos de paz, servimos aos dois, no mar e à nossa maneira...

Eu estava admirado porque, pela linguagem daquele espírito vi logo que embora se declarasse apenas "zelador do navio", demonstrava ter alguns *conhecimentos* e sabia o que estava falando.

— Como? — Perguntei. - - Então, vocês não são maus?

— Não, de um modo geral já começamos a subir... A maioria já está aceitando que lá em Cima há seres mais adiantados que nós. O fundo do mar é um estágio de tranqüilidade e de pouca possibilidade de evolução...

Nisto, de um *modo inexplicável* apareceram no ambiente, Netuno e Aglon, e percebi que o relacionamento deles era cordial.

Semelhantes a Peixes, Criaturas Hibernando

— Ouvimos no salão a conversa de vocês. — Disse Netuno. . .

Foi quando verifiquei que o Netuno Geral também tinha os olhos oblíquos e lembrava os olhos de um peixe. Aglon não disse nada. Estava silencioso e sério.

Isto aqui não é propriamente uma nave — Explicou ele; e percebi que delicadamente corrigia o "zelador". "É o prédio da Administração e foi construído há alguns Séculos por Espíritos ligados ao Mar. Tem tudo de um avio encalhado no fundo do mar, mas não é propriamente n navio. Temos alguns semelhantes, em tamanho menor espalhados pelos mares do mundo. Somos ainda governados pela justiça dos Dragões, mas já estamos nos libertando deles, porque no mar se afogam muitos filhos do Cordeiro. No começo os Espíritos mais antigos mantinham isto como uma prisão. Os seres atuais que habitam estas regiões não são tão ferozes quanto os que habitam a Terra, nem as criaturas que se afogam nas águas...

— Os que perdem o corpo físico nos rios ou nos lagos — Acrescentou Aglon — obedecem as mesmas leis...

— Não somos tão maus — Falou ainda Netuno — e procuramos restabelecer o equilíbrio das almas que aqui vêm ter, através de processos psicológicos modernos. ..

Eu estava surpreso com aqueles esclarecimentos.

Logo Netuno nos convidou a passar a um salão ao lado, enorme salão, aparentando ser um salão de ciência natural, onde havia uma infinidade de criaturas *semelhantes a peixes*, porém imobilizadas como peças de um museu.

- Estão mortos? — Perguntei receoso.

- Não. - - Esclareceu Netuno. - - Estão imobilizados no tempo e estacionados no espaço.

Foi quando Aglon completou o esclarecimento:

- Eles estão como que hibernados; sua aparência é *móbil* e se movimentam. Eles pensam, recordam e raciocinam.

Aí, muito espantado, demonstrando não ter conhecimento do assunto, Netuno interrogou Aglon, com profunda humildade.

- Senhor, estou aqui há séculos e nunca soube disso!

- Meu filho, - - Disse-lhe o Grande Espírito com generosidade e carinho. — essa é uma das diferenças entre os filhos do Cordeiro e os filhos do Dragão.

E indiferente ao espírito de Netuno, colocou a destra na testa do ser em forma de peixe que lhe estava mais próximo e, imediatamente, como se fosse uma tela de vídeo, apareceram as cenas de um brigue antigo, cheio de homens de blusas listradas que lutavam com outros tantos, de roupas de nobres senhores, que tivessem sido invadidos por piratas da velha pirataria de algum, país remoto.

No convés, um homem estranho lutava, matava e dava ordens, como um verdadeiro demônio.

Aglon acrescentou:

- Esse é ele. — E apontou com o dedo. Netuno não escondia a sua surpresa e admiração:

— Como, Senhor, como se consegue isso?... Também queria ter essa faculdade.

Aglon lhe respondeu com modéstia e humildade:

- Isso só se consegue pela prece e pelo jejum como ensina o Cordeiro, o que nos tempos modernos significa: com evolução, coisa que está nas possibilidades de qualquer ser... É só mudar o ponteiro da bússola do destino e buscar outra direção. A direção do ALTO.

- 'E como se faz isso? - - Interpelou ainda Netuno.

— Buscai o Reino de Deus e a Sua Justiça e todas as coisas vos serão acrescentadas!

— Disse o Senhor.

Espíritos com forma de peixe

Compreendi logo que Netuno não aceitara muito bem a citação das palavras do Cordeiro, talvez receoso de que algum emissário dos Dragões pudesse ouvir e criar-lhe embaraços futuros. .. Talvez por isso, disse a seguir:

- Respeitável Senhor, embora respeitemos sua presença e a missão de que se acha investido, não gostamos de ouvir palavras de nosso *milénar inimigo* pronunciadas como ensinamento nestes rincões.

A seguir se afastou e se aproximou de grande cetáceo que também estava ali adormecido.

— E este, o que está vendo em seu sonho?

Via-se que Netuno gostara de ver aquelas cenas e desejava ver de novo o funcionamento do vídeo.

Aglon não se fez de rogado e colocou sua poderosa mão na testa do cetáceo e esta logo se iluminou e novas cenas do mar apareceram.

Agora, eram cenas de um ataque do próprio ser em forma de peixe enorme que atacava uma embarcação procurando destruí-la. Muita gente estava a bordo e procurava se salvar. Corria de um lado para outro e alguns fugiam em pequenos escaleres.

Netuno demonstrou conhecer a cena, porque disse:

— Lembro-me bem dessa cena, eu estava lá! Foi quando *ele* foi adormecido à força pelos nossos técnicos, tendo em vista que sua ferocidade estava causando perturbação nos mares!...

- Mas ele, nessa época, tinha forma de peixe? Netuno respondeu:

- Ainda tem. Adormeceu feroz e se acordar agora, voltará à sua antiga ferocidade!

- E por que conservam ainda estes seres aquáticos, embora espíritos, a forma de peixes?

— Gaguejei meio sem jeito.

Parece que a pergunta surpreendeu Netuno, porque ele exibiu uma fisionomia de espanto e admiração. Mas Aglon veio em seu socorro, porque disse:

- Como *todos* sabemos, a partir de determinado momento da evolução do ser no caminho de forma humana, a evolução, que já vem de longe, começa no mar ou nas águas. . . Vocês já ouviram falar da ameba que foi se transformando até atingir a forma humana. Kardec, por exemplo, orientado pelos sábios de mais Alto, fez os seus estudos com vista à instrução da humanidade, preferindo estudar os Espíritos e a sua comunicação a partir da forma humana ou do reino animal. Todavia, daqui é que se parte através da forma física para a conquista do vaso de forma humana. Daí que muitos seres, como este, estacionam na forma de peixes e no mundo aquático, onde permanecem por muito tempo. Não temos aqui a *degradação* da *forma*, pelo contrário, aqui temos a forma que sobe evoluindo no que se poderia, apenas para entendimento, chamar de evolução ascendente, na qual o ser vai conquistando formas cada vez mais aperfeiçoadas, mais belas e dotadas de dispositivos capazes de abrigar faculdades mais perfeitas, mais elevadas em condições de permitir maiores percepções do Reino de Deus e do Universo!

[Aglon se iluminava no meio do oceano e vi que qualquer coisa de fantástico ocorrera com ele, mas logo, corrio que sentindo o meu pensamento, se apagou e tudo voltou ao silêncio total.](#)

Dívidas para com o Mar

Andamos por toda a nave que, na realidade, era a sede central dos Reinos de Netuno.

Percebi que ao lado das construções havia enormes algas que se projetavam para cima, como palmeiras imperiais gigantescas assim como plantas menores, estas de cor avermelhada. As algas, de cor verde escuro. Logo Aglon convidou-me a sair e saímos.

Foi quando Aglon me contou que Netuno insistira em manter-me prisioneiro ali por alguns séculos, sob a alegação, muito justa, de que eu, segundo os exames de seu laboratório, havia demonstrado ser um tipo inferior com dívidas para com o mar. Segundo puderam saber, constava de seus arquivos milenares que eu havia, no passado, praticado atos de pirataria fazendo parte de bandos de piratas que assolavam os mares. Chefe pirata causara a morte de muita gente, além de me apropriar de pedras preciosas e riquezas pertencentes a outras nações, aí pelo século VI, conforme constava da crosta da Superfície.

Assombrado perguntei a Aglon, como poderia ser isso, *se havíamos penetrado no mar* nas eras antigas.

O Espírito, sereno, me respondeu:

- Meu filho, na velocidade das vibrações do pensamento viemos de um certo passado para o presente. Estamos, na verdade, *navegando vibratoriamente* nas memórias do mar.

Quando falei de Kardec, falei de acordo com o que vem inserido na introdução de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", que diz assim:

"Nisso não há nada que deva surpreender se se considerar que as grandes verdades são eternas, e que os Espíritos avançados as deveriam conhecer antes de virem sobre a Terra, para onde as trouxeram..."

Depois dessa, eu não disse mais nada. E prosseguimos.

O Infinito mede a Eternidade

O silêncio que caiu sobre nós foi rápido, porque Aglon voltou a falar:

- Não se admire, meu filho, os Espíritos que atingiram a minha idade espiritual, às vezes, por Bondade de Deus, lêem nas *memórias do Tempo*, para a frente e para trás, isto é, no passado e no futuro, levando-se em conta que o tempo como os homens o concebem, na verdade, não existe. É apenas uma questão de medida terrestre, razão pela qual não pode ainda o Homem medir ou compreender a eternidade que, segundo os Grandes Espíritos do Universo, aqueles que os homens chamam de Anjos, para efeito de entendimento de hierarquia, só pode ser medido pelo Infinito, quer dizer "só o infinito mede a eternidade". De fato, "Infinito e Eternidade" se assemelham e se medem. Tempo para os *homens da Terra* seria agora e será no futuro apenas parcelas capazes de ser concebidas pela mente humana ainda em estado muito rudimentar de evolução.

Aglon não disse também mais nada.

Grandes peixes passavam por nós; vi que não entendera quase nada do que falara o Espírito e fiquei no centro daquele turbilhão de correntes vibratórias coloridas pensando:

"Seriam todos esses grandes peixes espíritos aprisionados em si mesmos, estacionados nas memórias integrais de suas vidas passadas?"

Foi quando, sorrindo, Aglon me abraçou e disse:

- Não, meu filho, nem todos estão nesse estado. A maioria vive agora numa relativa paz do presente que lhes é próprio como peixes mesmos!

Egoísmo — Doença da Alma

A conversa sobre o tempo e a medida do tempo me deixou preocupado. Aglon resolvera a questão com tanta facilidade! Tudo parecia tão simples! E por que os filósofos de todos os tempos, lá na Superfície, criaram tantas complicações para o entendimento?

Havíamos saído da zona de atração de Netuno e de acordo com decisão de Aglon percorremos o mar. Aqui e ali encontrávamos *criaturas imobilizadas, como mortas*, que flutuavam no seio das águas. Muitos brancos, tão brancos como o mármore branco... Na realidade, pareciam de mármore, estátuas sem vida...

— Gente ou espíritos? — Perguntei. - Espíritos. - - Respondeu Aglon.

Diante talvez do meu espanto, acrescentou:

— Vou levá-lo à *caverna dos que dormem*, se quiser dar uma denominação ao lugar onde iremos.

Senti que descíamos e que começava a surgir uma escuridão que até ali eu não vira. Parecia-me que a fosforescência das águas diminuía. .. Poucos peixes passavam por nós e uma vegetação diferente flutuava, agora, de cores escuras e havia grandes folhas recortadas, semelhantes ao que na Superfície se chama costela de Adão.

Súbito, surgiu uma figura estranha, esquisita, aliás como tudo era estranho e esquisito no fundo do mar.

A região estava coalhada de rochedos diferentes de tudo que eu já vira. Pedras esponjosas, escuro-esverdeadas entre miríades de partículas de um material igual ao ouro, que emitiam raios dourados. Como eram minúsculos a luminosidade era pouca, mas, mesmo assim, lembrava rochas auríferas e atiravam certa claridade no ambiente.

— É ouro? - - Consultei.

- É. - - Respondeu Aglon. — O mar está cheio de ouro. Não é só ouro, pedras preciosas também, de qualidade que os homens ainda não conhecem. Quando conhecerem, lutarão por elas e haverá uma guerra no mar...

Tímido, perguntei:

— E por que isso?

— Por egoísmo. O homem que ainda está no reino da assimilidade, da mesma forma que os animais carnívoros disputam a carne, também disputam os bens da terra. É apenas um instinto de sobrevivência que na Superfície chamam de egoísmo.

— Mas. .. Egoísmo não é pecado?

- *Pecado, não!* É uma fase da natureza que precisa de ser vencida. É um fato natural, cuja superação deverá ser provocada pelo espírito. Os grandes Seres do Universo sempre alertaram os homens, usando uma técnica de educação, na linguagem que os homens pudessem entender. Têm preferido de certa forma falar nos perigos a que o fato, "Infinito e Eternidade" se assemelham e se medem. Tempo para os *homens da Terra* seria agora e será no futuro apenas parcelas capazes de ser concebidas pela mente humana ainda em estado muito rudimentar de evolução.

Aglon não disse também mais nada.

Grandes peixes passavam por nós; vi que não entendera quase nada do que falara o Espírito e fiquei no centro daquele turbilhão de correntes vibratórias coloridas pensando:

"Seriam todos esses grandes peixes espíritos aprisionados em si mesmos, estacionados nas memórias integrais de suas vidas passadas?"

Foi quando, sorrindo, Aglon me abraçou e disse:

- Não, meu filho, nem todos estão nesse estado. A maioria vive agora numa relativa paz do presente que lhes é próprio como peixes mesmos!

Egoísmo — Doença da Alma

A conversa sobre o tempo e a medida do tempo me deixou preocupado. Aglon resolvera a questão com tanta facilidade! Tudo parecia tão simples! E por que os filósofos de todos os tempos, lá na Superfície, criaram tantas complicações para o entendimento?

Havíamos saído da zona de atração de Netuno e de acordo com decisão de Aglon percorremos o mar. Aqui e ali encontrávamos *criaturas imobilizadas, como mortas*, que flutuavam no seio das águas. Muitos brancos, tão brancos como o mármore branco... Na realidade, pareciam de mármore, estátuas sem vida...

— Gente ou espíritos? — Perguntei. - Espíritos. - - Respondeu Aglon.

Diante talvez do meu espanto, acrescentou:

— Vou levá-lo à *caverna dos que dormem*, se quiser dar uma denominação ao lugar onde iremos.

Senti que descíamos e que começava a surgir uma escuridão que até ali eu não vira. Parecia-me que a fosforescência das águas diminuía. .. Poucos peixes passavam por nós e uma vegetação diferente flutuava, agora, de cores escuras e havia grandes folhas recortadas, semelhantes ao que na Superfície se chama costela de Adão.

Súbito, surgiu uma figura estranha, esquisita, aliás como tudo era estranho e esquisito no fundo do mar.

A região estava coalhada de rochedos diferentes de tudo que eu já vira. Pedras esponjosas, escuro-esverdeadas entre miríades de partículas de um material igual ao ouro, que emitiam raios dourados. Como eram minúsculos a luminosidade era pouca, mas, mesmo assim, lembrava rochas auríferas e atiravam certa claridade no ambiente.

— É ouro? - - Consulte.

- É. - - Respondeu Aglon. — O mar está cheio de ouro. Não é só ouro, pedras preciosas também, de qualidade que os homens ainda não conhecem. Quando conhecerem, lutarão por elas e haverá uma guerra no mar...

Tímido, perguntei:

— E por que isso?

— Por egoísmo. O homem que ainda está no reino da assimilidade, da mesma forma que os animais carnívoros disputam a carne, também disputam os bens da terra. É apenas um instinto de sobrevivência que na Superfície chamam de egoísmo.

— Mas. .. Egoísmo não é pecado?

- *Pecado, não!* É uma fase da natureza que precisa de ser vencida. É um fato natural, cuja superação deverá ser provocada pelo espírito. Os grandes Seres do Universo sempre alertaram os homens, usando uma técnica de educação, na linguagem que os homens pudessem entender. Têm preferido de certa forma falar nos perigos a que o egoísmo conduz, quase assustando os homens de maneira veemente e dura, porque as criaturas ainda são seres infantis, incapazes de compreender as suaves lições do Espírito.

Surpreendido, contemplei o grande Espírito! ! !

Em face disso, Aglon acrescentou:

— Tudo é lei, meu filho! No mundo não há a época do sarampo, da coqueluche e de outras doenças que surgem na infância e, às vezes, até na adolescência? No Reino do Espírito, esteja ele encarnado ou desencarnado, começam a aparecer as doenças da alma. O egoísmo é uma delas que, se não for combatido pelo próprio homem, vai até à velhice e atingirá outras ainda, até que nessa luta de superação espiritual a criatura caia no domínio de outra lei de Deus mais benigna e superior. Os seres, meu filho, vivem sempre sob o império de leis. Deus não premia nem castiga, entrega os seres às leis que Ele criou.

Descobrir e Redescobrir

A velocidade para baixo começou a aumentar e logo chegamos a uma espécie de túnel escuro, que desembocou numa *clareira*, ou praça larga, enorme, criada de pedras muito alvéis, pontudas que cobriam o solo do fundo do mar. Por toda a parte havia seres *estativados*, ou aparentemente transformados em estátuas de mármore, como a mulher de Ló ficou aparentemente transformada em estátua de sal...

Sob um *impulso imperioso* sugeri:

— Mestre, não seria energia atômica desencadeada?

Aglon sorriu e disse:

- É possível, meu filho, para Deus nada é impossível, embora se pense que a energia atômica só foi descoberta agora. Muitas civilizações nasceram, viveram e desapareceram com seus conhecimentos *milenarios*, mas o homem continua *descobrimdo* e redescobrimdo, até que se transforme moralmente e espiritualmente para o Bem. Estamos em marcha no carro do Infinito, através da Eternidade e vamos ao encontro de Deus.

Sono Restaurador

O pensamento de Aglon me levava através do Infinito e outra vez comecei a sentir a grandeza de Aglon, a pequenez e ignorância do homem, e a imensidade dos mistérios do Universo. Caberia a nós, Espíritos e homens, descobri-los e redescobri-los!

Aglon sorriu e falou:

— Alegria-me de ver que você aprende depressa! Foi quando um jovem simpático com a expressão e os

olhos oblíquos dos Netunos, nos recebeu e favoravelmente, dizendo;

— Já recebi comunicação da sede Central, Podem entrar. Acompanhem-me,

Cumprimentamo-lo cortesmente e entramos, Lá dentro tudo brilhava, Milhares de criaturas dor* miam naquela forma de mármore,
 — Estão mortos? — Perguntei ao Netuno,
 — Não. — Respondeu-me.
 — Dormem aqui o sono da inocência, ou do pecado, todavia, sono restaurador, que no futuro lhes dará tranqüilidade e paz para prosseguir, Eu mesmo dormi aqui mil anos, conforme me informaram, quando acordei, os sábios Espíritos da nossa ciência.

Seres como Estátuas de Mármore

Continuamos percorrendo a Caverna. Numa espécie de praça, ou salão enorme, é que encontramos o maior número de criaturas naquela forma de estátuas. Peixes circulavam por ali.

- Há quanto tempo estão aqui?
 - Não se pode precisar o tempo. - - Falou Holo-fernes...
 - Bem, — Disse Aglon. — o tempo, como se entende na *Terra*, aqui não conta. Vivem eles apenas numa espécie de sonho do qual acordarão de repente, um dia, sem saber o que ocorreu, mas irão voltando à consciência aos poucos, lentamente. Não difere muito do sono reparador de que se fala na Crosta. Aqui, porém, há mais tranqüilidade e paz. O sono não é agitado e gozam de uma relativa calma.

Olhei aquelas criaturas e vi que não tinham nenhuma diferença do mármore, porém, de uma brancura diáfana. A fosforescência das águas, no entanto, lhes dava uma aparência estranha. Aliás, todos nós, ali, naquele lugar tínhamos uma aparência de fantasmas iluminados pelas águas multicoloridas.

Holofernes exhibia agora uma espécie de lanterna, que ia iluminando mais detidamente os nichos, onde repousavam os seres quase mumificados.

Luta entre Piratas

De repente, ouvimos uma gritaria acima das águas, com rumor de luta com armas frias que se cruzavam.

Holofernes olhou-nos aflito, olhos espantados, fisionomia estranha e disse:

— Lutam lá em cima?

— Lutam? Quem? — Perguntei, também, assustado.

— Não sei — Disse ele —, mas sei que é luta! Aglon convidou-nos a acompanhá-lo e subimos vertiginosamente, com a força do pensamento.

Na superfície das águas divisamos um barco parado e dezenas de homens vestidos à moda do tempo da pirataria. Navio antigo.

— Piratas: espíritos ou gente? — Quis saber e Aglon respondeu:

— Espíritos. Todos espíritos?

— Todos espíritos. Dos dois lados. Não sabem que seus corpos já morreram e lutam!

— Como se fossem homens?!

— Como se fossem homens.

— E morrem?

- Aparentam morrer. Sentem a cutilada das espadas e os tiros dos bacamartes e sofrem os impactos das armas!

— Que absurdo! — Exclamei assombrado.

— É isso, meu filho. — Esclareceu Aglon. — Na Terra, no mar e no ar, as sensações são semelhantes! Lá na Terra, você já não ouviu dizer da impressão dos amputados? Amputado, o operado continuará a *sentir* no lugar do braço ou da perna, que perdeu, a mesma sensação que sentiria se tivesse um corpo vivo de carne. Isso se passa nos hospitais e prontos socorros da Terra, a Ciência atesta isso. Portanto, não é novidade se aqui também sintam.

Olhei admirado o sábio Aglon e a luta que continuava.

Transformação íntima

Extático, contemplei o espetáculo.

A luta era renhida como se estivessem na Superfície.

— Ora, — Observou Aglon. — Vocês já não ouviram dizer na Superfície que existe uma luta permanente entre o Bem e o mal? Krishna falou disso e os babilônios já sabiam. E não viram todo esse tempo que vocês envergam um *corpo*, espiritual ou astral, mas exibem! E não sentiram que têm as mesmas impressões que tinham quando na Terra? Verdadeiramente pouca coisa mudou... Apenas mudaram de ambiente. O ódio ou o amor continuam. Enquanto a criatura não mudar a si mesma, intimamente, não se *transformar*, nada muda. Somente muda de lugar no espaço e perde densidade e um *certo tipo de peso*.

O fato mais importante que existe na vida do Espírito é a transformação íntima. Sem isso, continuaremos a ser apenas peregrinos, ou viajantes no espaço ou do espaço. Ficaremos indefinidamente criando situações difíceis para nós mesmos e estacionados no tempo. Não vamos para lugar nenhum, Permaneceremos onde estamos. A mente permanece paralisada e não vibra numa terra acima da parte em que está. Na realidade "por enquanto evoluir é transformar-se para melhor..."

Aglon parou de falar e eu arrisquei;

— Por que diz "por enquanto"?

Q Espírito fitou-me cheio de misericórdia., e esclareceu :

- Porque à medida que nos aproximamos de Deus vibratoriamente, a vibração da mente se intensifica e as transformações diminuem, quando as transformações forem quase nulas e a vibração da mente atingir uma intensidade *infinita*, aí seremos eternos.

As palavras do grande Espírito atingiram-me o coração e senti que penetrava no universo espiritual de Aglon sob uma tempestade emocional de vibrações indescritíveis!

Desejo de Matar

A luta no navio continuava intensa. As armas se chocavam com barulho terrível e recrudescia a peleja.

Aglon à frente, atravessamos pelo meio daquelas criaturas que lutavam como se ainda tivessem corpo carnal. Expressavam nas fisionomias ferozes o desejo de matar. Dos dois lados, capitães gritavam e davam ordens de guerra, porém, deles, ninguém nos percebia. Aglon segredou:

- Como você sabe, no mundo espiritual, os menos esclarecidos não vêem os mais esclarecidos.

Compreendi a sutileza de Aglon. Na verdade, ele queria dizer que os *menos evoluídos* não enxergam os *mais evoluídos*, a *não ser que estes desejem*, e se coloquem em condições de serem vistos. E nem mesmo percebem, ou ouvem o que falam. *Eu não me considerava mais evoluído*, mas admitia que os outros da equipe de Aglon eram. Com exceção, naturalmente, de Holofernes.

Parece que este compreendeu o meu pensamento, porque disse diretamente a mim:

— Em breve estarão todos eles nos presídios do mar! ..

— Procuraram, naturalmente, esta luta que deve ter causado o afundamento do navio e a *morte real* de todos.

— Sim, a morte dos corpos. Pagarão por isso. Aglon assentiu com um gesto de cabeça. E eu fiquei pensando.

Sonhos

Meditei apenas por um instante, porque logo saímos do local infestado de criaturas que ficaram caídas como "se estivessem mortas".

— Estranho. — Comentei com Aglon.

— Está estranhando, meu filho? Ora, na Superfície não ocorre o mesmo nos sonhos? O sonho parece àquele que sonha uma realidade... E tudo acontece como se fosse real, embora esteja *muitas vezes* se passando só na mente do *sonhador*. Para ele é real, está acontecendo mesmo até que ele acorde e vê que era apenas um sonho...

Compreendi o que o Grande Espírito queria dizer. Aglon sorriu amável.

— Mas... — Acrescentei ainda - - Por que disse *muitas vezes*“?

— Porque há diversos tipos de sonho, por exemplo: pode o sonho ser produto do que se passou durante o dia, ou nos dias anteriores, ou alguma coisa que nos impressionou mais. Pode o sonho ser coisas que o espírito vê ou sente em contacto fora do veículo ou corpo, em contacto com outros espíritos, e pode ser ainda fatos relativos a uma encarnação anterior. Nem sempre o sonho é o resultado de elaboração da mente, ou mesmo confusão mental.

Fitei Aglon cada vez mais admirado com a sua sabedoria. E sorri para ele.

Freud e Einstein

Ainda ouvíamos os estampidos dos tiros de bacamarte e o entrecruzar das espadas e armas frias. Ouvíamos, porque, também, para entender, segundo disse Aglon, tivemos que entrar em unísono com as vibrações do ambiente em que viviam ou estavam aqueles espíritos e em consonância, portanto, com as armas que possuíam.

— E Freud? — Pensei eu.

- Freud? — Falou o Espírito, naturalmente "ouvindo" o meu pensamento. Porque, de acordo com o que já aprendera, os espíritos ouvem o que se pensa, não lêem somente o pensamento.

— Freud — Continuou Aglon — estava estudando os sonhos para resolver os problemas das enfermidades, especialmente, nervosas, dos homens. Daí, não entendeu muita coisa que poderia ter compreendido, e de modo especial a reencarnação. Se ele tivesse compreendido e aceito a reencarnação teria resolvido noventa por cento dos problemas que estudava. Segundo sei, até bem pouco tempo, na Espiritualidade como Espírito ainda não tinha aceitado, Mas já estava propenso a estudar o assunto... Não sei se concluiu os seus estudos iniciados em 1966 sobre reencarnação.³ Sem o instituto da reencarnação não pôde entender a maioria das questões, embora seja uma inteligência respeitável no nosso meio.

— E Einstein? — Interroguei ansioso.

— Einstein é um gênio no mundo e Freud também. Apenas Freud ainda não quer saber de Deus e Einstein ama Deus. Por isso é mais gênio que o outro. Nós, todavia, aqui, respeitamos os dois como grandes figuras da humanidade da Terra. Mas não os amamos como santos. São Irmãos para os quais estamos rogando amor a Deus e santidade.

Hipnotismo Coletivo

A luta continuava intensa. Os piratas caídos aqui e ali pareciam mortos. Estranha coisa aquela! Aglon sorriu:

- Meu filho, como sempre, você continua incrédulo! Já lhe disse que essas criaturas se hipnotizaram, a si mesmas. É uma espécie de choque mental.

- Os homens da Superfície, também, não ficam fixados numa coisa só? Num motivo só e aí permanecem por longo tempo? Se forem *condicionados*, podem até matar, num estado de aparente inconsciência? E os sonâmbulos? Não andam à noite e executam serviços dos quais nada saberão ao acordar? Bem. Mas aqui, são muitas criaturas . . . hipnotismo coletivo?

- Você, se quiser, pode classificar assim.

³ **Nota do médium:** A passagem se refere a estudo que FREUD como espírito teria iniciado em 1966, **como espírito.**

Seria um hipnotismo coletivo provocado por um conjunto de Espíritos que permanecem fixados numa luta antiga, remota, da qual ainda não se libertaram.

Eu, ainda assombrado, ouvia Aglon, quando enorme clamor de vitória estrugiu em todo o navio!

- Hurrah! Hurrah! -- Gritavam os piratas listrados de azul e branco, enquanto que a outra facção *vermelha*, estava por terra, e o capitão deles acorrentado e prisioneiro.

O Capitão vencedor, vestido à maneira inglesa da época, dava novas ordens: atirando alguns, para ele, mortos ao mar e prendendo outros, ou recolhendo os feridos.

— Mas. . . — Perguntei. — E essa cena, terminaria aqui?

- Não, costuma se repetir indefinidamente, até que comecem a despertar.

Todos?

- Não, aos poucos, um dois, ou três ou mais de cada vez. Aí sucederão as cenas do despertar, que pode ser por motivos variados: intercessão familiar de cada um; ou em número maior por intercessores da Administração Geral, tendo em vista que sendo os acontecimentos da mesma época, o despertar se dará quase ao mesmo tempo ou no mesmo período.

Aglon riu alto e explicou:

- Para você entender, porque o assunto é mesmo difícil e complexo. Imagina os pintinhos numa chocadeira elétrica, ou mesmo ovos debaixo da galinha: num período curto começam quase todos a sair da casca.

Foi quando eu entendi. E Aglon deu uma gargalhada.

— Meu filho, a Natureza é a mesma em toda parte.

O Espírito afastou-se e eu também comecei a rir da minha ingenuidade!

Vigiar a si Mesmo

Eu estava ainda sob o impacto do esclarecimento do Grande Espírito. A cena fantástica daquelas criaturas sonambulizadas por si mesmas, e vivendo acontecimentos muito tempo desaparecidos, me levava a pensar na eternidade do Inferno *criada*, ou inventada por algumas religiões! . O que era aquilo para aqueles espíritos? Enquanto não *despertassem* não seriam nada mais quando comessem a perceber que estavam vivendo um passado aparentemente extinto, haveriam de sofrer intensamente. Todavia, se somos eternos, tanto fazia o que chamamos aqui e ali, na crosta, no espaço aéreo ou no fundo do mar, de *tempo*. A permanência no *não ser* também se tornaria indiferente para quem ia viver na inconsciência.

Esses pensamentos dominavam-me a casa mental um tanto inquieta, ou cheia de inquietação, pela minha incapacidade de resolver qualquer coisa, quando Aglon tocou-me o ombro e disse:

-Meu amigo, o mundo espiritual pode eternizar o mal ou o bem, depende de cada um. Por *vigiar* a si mesmo todo o dia, permanentemente, é uma necessidade. Estacionam-se no tempo e no mal, ou no tempo e no Bem, quanto se queira; ser *escravo* ou *senhor*, também, depende de cada um. A vida nos dá o movimento e a energia, mas a decisão de viver por este ou aquele caminho é uma decisão pessoal e intransferível. Ninguém viverá por nós, tomamos a direção que nos conduzirá à desgraça ou à glória, esse é o Direito que as forças que governam o Universo nos concedem. O Senhor nos indica o caminho, mas como disse velho Amigo espiritual "cada um vive por si mesmo."

Aglon tornou a se afastar um pouco e eu fiquei ali ainda pensativo.

— Aqui, também. Em toda parte do Universo há a Inteligência Superior e a Inteligência Inferior, o Bem e o Mal; a Inteligência que cresce e a Inteligência que define e morre, ou estaciona; a Inteligência que sobe e a que cai. À proporção que sobe, adquire formas cada vez mais belas e, à medida que cai, se asila em formas cada vez mais feias e até monstruosas e más. A Inteligência se manifesta no Universo de conformidade com a direção que damos a ela. O veículo, ou o corpo seja ele físico terrestre, aéreo

ou aquático, possuirá sempre esse veículo de conformidade com o Bem e o Mal que traz em si e a inteligência que subiu ou desceu dentro de si mesmo. Entendeu? Eu estava absorto, sem saber ainda como pensar.

Monstros Espirituais **Crescimento Desequilibrado**

Ainda estava extático, quando estranho *peixe* passou por nós. Tinha asas e voava, mas era de um tamanho muito grande. Na realidade parecia do tamanho de um homem. Holofernes que se aproximava, disse logo:

- São seres esquisitos, raciocinam, pensam e falam, mas não são agressivos.

Olhei espantado e de longe vi que as asas eram de membranas, peladas. Logo em seguida, passaram outros iguais. Foi quando Aglon aproximou-se e esclareceu:

- Meu filho, ainda estamos numa zona boa, mas já nos aproximamos de regiões onde também há monstros marinhos. . .

- Monstros? Que são espíritos?!

— Sim, monstros que são espíritos.

— Sim, monstruosos iguais aos do ABISMO, no entanto, são monstros espirituais.

— Mas aqui, também?

Havíamos nos afastado do local da luta. Os piratas prosseguiam terçando armas e procurando, na sua inconsciência, se *destruir*. Estavam no mundo dos seus sonhos intermináveis. Eu, porém, me detivera, com o pensamento fixo e dilatado nas formas aquáticas daqueles monstros, que começava a conhecer.

— Em toda a parte — Esclareceu Aglon. — a forma exterior segue o pensamento interior, isso é, a força da vida que direciona o ser em seu crescimento harmônico, ou em sua degradação; ou crescimento desordenado em consequência de sua desorganização indiscriminada. Quer dizer, pode ser um crescimento desequilibrado. Entendeu?

Disse que não. Não entendera mesmo!

— Paciência, meu filho, com o tempo você entenderá; vamos devagar, por parte. *Conhecer* também é uma longa jornada! De repente, você, imprevisivelmente compreende e assimila. Às vezes demora apenas um instante e, às vezes, demora um milênio. Mas Deus lhe dará o tempo e a paciência.

E Aglon sorriu.

Num Belo Transatlântico

Aglon tomou outra direção e os piratas em luta ficaram para trás. Deslizamos na escuridão do mar. Ondas enormes, encapeladas, passavam por nós ou nós por elas. Vimos outros navios agbra. Uns antigos, mas outros modernos. Um transatlântico moderníssimo ostentava belíssimo salão, onde centenas de casais dançavam um bolero à luz do dia e outros nadavam numa piscina.

- Só espíritos desencarnados?

— Não. — Respondeu Aglon. — Gente da superfície que ainda não morreram. Passeiam pelo mundo, em Cruzeiro. Mas há, no meio deles, espíritos desencarnados, que dançavam junto com eles.

E Aglon mostrou-me alguns. Não havia diferença alguma dos outros.

— Sabem que são desencarnados?

— Não, também não sabem. Vivem ainda no mundo da inconsciência.

- E sentem amor?

— Sentem; sentem o amor da carne e as emoções dos instintos.

Aproximei-me mais daqueles casais que o Espírito indicara e vi que os seus corações irradiavam vibrações de tonalidade vermelha, assim como das regiões sexuais.

- Neles, também, ainda predomina o sexo.

— E têm desejos?

Têm igual as criaturas da Superfície. Aliás, eles ainda são da Superfície. Sentem ciúme e sentem dor, raiva e ódio. . .

Fiquei impressionado.

— E têm relação sexual?

— Como nos sonhos, têm. Fazem amor e sentem como se estivessem vivendo na carne. Para eles a vida é a mesma até que despertem e compreendam a vida real.

— É evidente: são criaturas eminentemente materialistas, não é? — Arrisquei eu, com receio de ouvir resposta dolorosa.

Aglon sorriu e disse:

— Não, necessariamente. Muitos acreditam em Deus e freqüentam sinceramente *casas religiosas*. Na verdade, ainda não estão suficientemente espiritualizados e não se libertaram da carne. Uma grande massa religiosa que, na realidade, só segue a *letra* das escrituras religiosas e não a parte espiritual que existe nos ensinamentos... - - e nessa hora, Aglon deu um profundo suspiro — Meu filho, custa-me dizer: ainda são profundamente *materialistas*.

- Como!? -- Espantei-me. — E até cristãos?

- Até cristãos, ou espíritos que se crêem cristãos, católicos, protestantes, evangélicos, espíritas. . . Isto é, supõem que são religiosos. Mas não se libertaram da carne, do amor à carne, aos bens, ao dinheiro, ao poder, e permanecem no mundo, ou Além da morte, absolutamente *materialistas*; então sentem e vivem tudo o que a matéria oferece. . . Especialmente *sexo e poder*!

Dizendo isso, Aglon delicadamente levava-me para longe do belo transatlântico.

Nas Trevas ou na Luz

Serenamente, continuamos deslizando, à flor do mar. O mundo, aqui em Cima, agora nos parecia mais leve.

Eu ia meditando naqueles fatos estranhos. Como era esquisito o Universo e como também era estranha a natureza!

- Em toda parte se manifesta a vida. . . - - Murmurou Aglon. - - A Força Divina se expressa em todos os seres. As formas são apenas veículos da centelha divina e eterna que, na realidade, é o "ser eterno" e imortal. Só o veículo é quase construído ou é construído, que se deforma ou destrói, pelo desequilíbrio que ele estabelece em si mesmo internamente. O pensamento é a bússola. Quando o pensamento é incipiente, domina o instinto que, em verdade, é uma inteligência elementar, se assim se pode classificar. Porque, verdadeiramente, tudo é manifestação das forças divinas do Espírito.

No céu, no inferno, no ar, na Terra e no mar, é sempre a mesma força que se expressa. Caminhamos nas trevas ou andamos na luz de conformidade com a nossa mente equilibrada ou desequilibrada. Deus permite que a sua inteligência e o seu poder se manifestem no ser desde que ele se enquadre em suas leis.

Tudo vem a seu Tempo

Fitei Aglon respeitosamente, vi que ele penetrava de novo no campo da Educação e voltara a lecionar para mim, único aluno ali. E isso me parecia imensa consideração a que, na realidade, eu não fazia jus. Só o interesse de um grande amigo ou de um pai poderia levá-lo a isso.

O Espírito sorriu. Evidentemente, lera-me o pensamento.

- Dedico-lhe grande amizade - - Disse ele —, porque, vejo em você ao lado do pecador, como todos nós, o discípulo atento e dedicado que quer aprender e o amor que tem no coração por Jesus.

Agradei e de certa forma compreendi Aglon.

- Sei que não é fácil alcançar as sutilezas da alma... Mas devagar e com a observação permanente se vai entendendo e aprendendo. Não se pode compreender tudo em um só dia. Nem nós estamos autorizados a ensinar tudo. Só podemos ensinar quando o discípulo alcançar o grau de entendimento que lhe permite entender mais.

— Atirar pérolas aos porcos? — Aventurei.

— Não, não diria isso. Nem o Senhor quis dizer isso. A imagem foi tão boa e necessária para a época. Hoje, usaríamos a adaptação de Paulo: "*às criancinhas se dá leite*". Não alimentação sólida. Tudo vem a seu tempo. Questão de evolução, meu filho. O ensinamento é preciso, que se viva para ser assimilado e entendido. A letra mata, o Espírito é que vivifica. Não foi assim que ensinou o Apóstolo?

Fiquei absorto. Milhões de estrelas, que eram a fosforescência das águas, nos envolviam no mar.

Espíritos Diáfanos

As palavras simples de Aglon penetravam-me suavemente a alma. Sentia que nele não havia nenhuma pretensão de sabedoria forçada. Tudo era nele natural e espontâneo. Senti-lhe o sábio e o amigo que ensina com carinho e amor.

Todavia, chegamos a uma região marítima onde seres, ou espíritos diáfanos, transparentes aos nossos olhos deslizavam mansamente. . . Pareciam ter asas delicadas de uma brancura sem par.

— São anjos? - - Perguntei.

— Não, não são anjos. São Espíritos muito purificados que vêm se abastecer de energias novas aqui. Na realidade, são da Superfície.

- Superfície? - - Exclamei, surpreendido.

— Sim, da Superfície.

- Da Terra. . . ?

— Sim, da Terra. O mar emite energias de grande poder, que são absorvidas por essas criaturas, assim como nós absorvemos também. Assimilam e se fortificam.

— Mas. . . Essa energia é material?

— É, é sim, O perispírito é *semi-material* e assimila energias originais de forças materiais. Vêm do mar, das árvores, da terra, do ar, de toda a parte. Esses seres conquanto pareçam infinitamente espirituais, ainda são materiais. A evolução dá novas formas de beleza ao espírito. Crescer para Deus é crescer para o belo e o perfeito. Não conhece você a libélula que sai do casulo e adquire asas, embora tenha sido apenas uma larva?

Ensino no fundo do Mar

Assenti com um ligeiro gesto de cabeça e Aglon prosseguiu:

— Como vê, no mar, como em todos os reinos da Criação Divina, a beleza e a variedade presidem. A quantidade de espécies não tem fim. Forma, cores, meios diferentes de locomoção e propulsão. Asas transparentes trançadas como redes na sua estrutura, barbatanas curtas e longas, papos que incham e asseguram mais velocidade e flutuação, não têm fim... É a natureza que se manifesta em toda a sua força e potência expressando Deus.

Admirado eu via aqueles estranhos seres passarem ainda surpreendido de que possuíssem inteligência.

Têm sim - - Explicou o Espírito - - e muitos manifestam *sentimentos*. . .

— Sentimentos?

— Sim, sentimentos e afeição.

— Afeição?

Eu estava cada vez mais impressionado...

E Aglon continuou ensinando:

— Não esperamos que os homens aceitem já essas informações. Seria pedir demais à raça humana. Mas, um dia, que não vem longe, aceitarão. O mar é imenso repositório, desconhecido, de conhecimentos.

Esta é apenas a primeira excursão espiritual de ensino no fundo do mar; outras virão e o Homem, então, se deslumbrará. Na verdade apenas mudou as formas, mas a inteligência prossegue. Por lei de afinidade e construção espiritual o Espírito aglutina substâncias e forças à proporção que evolui, no perispírito, que sob o império da mente vem se reorganizar espontaneamente, em formas tão belas e arquitetônicas quanto lhe permite o poder da mente. O ímã não procede assim com a limalha de ferro? E daí nasce o espectro magnético. O princípio é o mesmo.

Em face do meu espanto, Aglon me bateu no ombro amigavelmente e disse:

— Vamos, meu amigo, aprendendo sempre. Deus é o Supremo Arquiteto do Universo, não é assim que dizem os maçons da Superfície?

Inteligência, Amor, Bondade e Compreensão

Deslizávamos através do imenso mar e os seres estranhos, que encontrávamos aos milhares, prosseguiram passando por nós. Das mais diversas formas e expressões. Muito eram espíritos, segundo Aglon, e muitos eram criaturas físicas do mar. "Deus era o Supremo Arquiteto do Universo", pensei eu. E de fato as formas arquitetônicas, as asas, as cores e os meios de locomoção demonstravam isso, em todos os reinos. "Mas o princípio é o mesmo!" Dissera Aglon.

Lendo meu pensamento, Aglon esclareceu com bondade:

- Sei o que está pensando... É o mesmo, meu filho, mas evolui e fica maior sempre. A evolução que no começo é inconsciente e natural, depois se torna acelerada e mais rápida por influência do próprio ser. À proporção que a criatura alcança maior consciência, conquista maior possibilidade intelectual. Inteligência, amor, bondade, compreensão representam poder que se conquista, está em marcha e cresce. . .

- E Deus?... — Pensei eu.

- Deus, meu filho, *cremos nós*, porque ainda não temos possibilidades de saber. Não se transforma, nem cresce, é sempre o mesmo, imutável e intransformável, por isso é Eterno.

Pelo menos o estágio evolutivo em que estamos, entendemos assim, e vi que de novo Aglon se iluminara desmesuradamente e fiquei extático, assombrado, com as anotações do Espírito.

Espíritos mais Adiantados

Súbito, defrontamos, à distância, vasto castelo cinzento de estilo medieval, cheio de torres pontiagudas, de onde, de espaço a espaço, saía em alta velocidade um aparelho afunilado, de linhas aerodinâmicas, que parecia se dirigir para a superfície das águas.

- O que é aquilo? - - Indaguei, temeroso. Aglon acalmou-me:

- São espíritos do mar de uma classe mais adiantada, que já dispõe de aparelhos de transportes excepcionais, capazes de alcançar o espaço terrestre e atingir a Superfície, depois de passar pela superfície do mar.

— E eles se misturam lá em Cima com os outros?

— Sim, misturam-se. Assim como os homens pesquisam o espaço, a fim de tentarem conhecer o Universo e os outros mundos, os Espíritos do mar, os mais adiantados, pesquisam a Superfície da Terra.

— São mais adiantados que os Netunos?

— Tecnicamente talvez sejam, da mesma forma que os homens da Ciência terrestre o são dos outros homens na área científica a que se dedicam. Quanto a *evolução*, talvez não. Já que a evolução é um problema de cada um. Para nós, Espíritos, a evolução se

exprime pelo amor já conquistado que possuímos. Lembre-se de Dante: "O amor que move o céu e a alta estrela".

Nesse momento vi um leve e simpático sorriso nos lábios de Aglon.

Amor em Movimento

Aglon, contudo, prosseguiu olhando o Castelo de onde saíam os aparelhos. Enquanto contemplava à distância, dizia:

- Companheiro nosso, do Plano Espiritual, repetiu um pensamento da Ciência do Espírito que diz que "O Universo é Luz Coagulada". Eu disse, sem qualquer discordância desse pensamento científico, que o Universo é, antes, o amor em movimento. Se dissesse que "O Universo é amor coagulado" vocês não entenderiam. A inércia nas nossas esferas não tem o mesmo sentido que nos postulados da Ciência da Terra. É, antes, uma espécie de Nirvana do que uma mobilidade física. No Universo quase tudo é movimento e quando não é movimento é pensamento. O Espírito vive mais dentro dessas vibrações, que não cessam do que mesmo naquilo que, na Terra, alguns religiosos resolveram denominar contemplação de Deus. A vida contemplativa pura não existe. O que existe é a vida em movimento vibratório nas esferas baixas e, à proporção que se sobe, encontra-se sempre o pensamento vibrando e caminha-se para a conquista do Universo da imaginação, onde predominam os símbolos que são, na realidade, a linguagem dos Espíritos altamente espiritualizados, dos Espíritos puros, ou como diziam algumas civilizações antigas: a linguagem dos deuses! E mais recentemente: a linguagem divina.

Pensamentos em Vôo

Olhei Aglon, encantado. Percebi que ele, aos poucos, continuava abrindo para mim as portas da Sabedoria Espiritual e do Conhecimento. Permitia-me vislumbrar as Esferas Superiores. De fato, os símbolos têm na Terra sido a Linguagem dos Profetas. Lembrei-me de Jesus ensinando por parábolas.

— É isso. — Acrescentou o Espírito, vendo-me o pensamento. — A própria Humanidade começou a aceitar inconscientemente os símbolos, ou a Linguagem Simbólica, através do que denominou de Telepatia...

Vi que Ele tinha razão. Eu ainda não atentara nesse fato.

- Pois é o princípio de uma nova linguagem sem palavras articuladas para o Homem. Meu filho, estamos na Terra às portas de uma Nova Humanidade.

Profundo sentimento de amor encheu-me a alma.

Foi quando vi milhares de espécies de garças deixando o Castelo e partindo em revoada. Espantado, perguntei:

— Aglon, aquilo é um cardume de peixes ou são espíritos?

- Quem sabe? - - Falou risonho Aglon. — Tanto pode ser uma coisa quanto outra. Em breve iremos saber. - E sorrindo, interpelou-me:

Você já pensou, se por acaso não seriam pensamentos? Um bando de pensamentos em vôo? E riu, franca e alegremente.

Senti, então, que na realidade eu ainda não sabia nada.

Paris

Eu estava em Paris. Passeava pelo Boulevard ao lado de Alexandre Dumas. Alexandre, talvez considerado um dos maiores escritores do mundo. Ao lado de Victor Hugo, que dividia com ele as glórias literárias da França diante da humanidade.

Alexandre ainda exibia aquele físico de gigante cor de bronze e braços nus, que era como sempre andava pelas ruas de Paris chamando a atenção de todos, que era a sua vaidade. Agora, espírito, mantinha a fisionomia séria, embora desse algumas gargalhadas de vez em quando; por isso conversamos alegremente, naquela manhã ao sol pálido.

De repente, como prometera, chegou Aglon, outro gigante, porém louro, em contraste com o velho Dumas, que fora na Terra, naquela mesma Paris, com Victor Hugo, os meus iniciadores e orientadores na vida literária.

Aglon abraçou-me dizendo: - Estou aqui, meu amigo, às suas ordens.

Havíamos combinado uma nova viagem pelo mar. Alexandre compreendeu e partimos em direção a Marselha. Ali, encontramos Kaliclates, que nos acompanharia e encarregaria de descrever a viagem. O que começou a fazer.

* * *

Eu já conhecia Júlio Verne, que fora na Terra famoso escritor francês na última encarnação e, a exemplo de outros escritores, assumira agora o compromisso de divulgar a Doutrina em forma de manifestações artísticas, tais como o livro. Outros a manifestavam através da música ou da pintura. Eu por minha vez me incumbira de relatar-lhe de certa forma os episódios. Ele começara a fazer algumas viagens espirituais em regiões que correspondiam aos seus anseios e à sua competência, evolução e limites de seu entendimento e até onde lhe era permitido pelas Esferas Superiores viajar, segundo programação determinada e saber também autorizado pelo Departamento encarregado das Comunicações. Assim, até que ponto eu poderia lhe contar o que ele não verá? Certos lugares não poderia visitar, certos fatos não deveria saber e certos conhecimentos não poderia adquirir. Aí, então, eu lhe informava de maneira adequada às suas possibilidades e à sua capacidade de escritor que iria retransmitir para a Terra também em linguagem razoável e ao entendimento dos seus futuros leitores. Para as transmissões das duas Esferas, a Física e a Espiritual, a linguagem e a transmissão obedeciam os sistemas e as formas adequadas às possibilidades humanas. Júlio era considerado na Terra um gênio literário do campo ficção científica e a que o público lhe dava maior aceitação e interesse entre os homens, gênero literário que na realidade nascera com ele.

* * *

Assim, em prosseguimento às suas palavras iniciais, passo a descrever a viagem com os seus diálogos e os demais acontecimentos.

Logo, alcançamos certa altura, volitamos pelo espaço e logo depois buscamos o mar e mergulhamos nele.

Aglon nos conduzia. Vimos, em poucos instantes uma pequena aldeia marinha e, sobre pequena elevação, a figura majestosa de Netuno, com seu tridente fulgurante na destra e à sua volta dezenas de pequenos netunos com pequenos tridentes, que o rodeavam como se fossem guerreiros. Na realidade, eram a sua Guarda.

Recebeu-nos sério. Todos eles tinham a fisionomia humana, rostos barbados e da cintura para baixo exibiam a forma de peixe, a exemplo dos centauros e nadavam em espantosa velocidade. A um simples gesto ou sinal de Netuno, adotavam a posição agressiva dos guerreiros, embora seguissem a atitude séria do chefe. Júlio admirou e achou interessante aquele espetáculo e me aconselhou a registrá-lo da melhor maneira possível.

Netuno saudou atenciosamente o Grande Espírito.

Continuei a sentir que nas zonas inferiores, especialmente as mais baixas, reinava sempre a Justiça rigorosa e que os seres que aí habitavam, os espíritos não compreendiam e nem se interessavam pelo Amor.

— Aqui — Disse Aglon —, respeitam, como no ABISMO, a Justiça e a Dor. Esta sob qualquer manifestação. Os Poderes que vêm de cima serão respeitados de qualquer maneira porque no fim também significam dor, que sofrerá aquele que vier a desrespeitá-los. Também não aceitam o Cordeiro porque este é o símbolo de Deus que tudo pede e tem a possibilidade até de apavorá-los com o látego de pavor e a Justiça que em nome de Deus distribui dor a cada um.

Percebi que Júlio estava admirado de ouvirmos aquelas palavras.

— Então Deus mesmo com a Justiça não impede o erro e estabelece a Harmonia?

Perguntou Júlio.

- Não. Deus estabeleceu o LIVRE ARBÍTRIO e deixa a cada um legislar dentro de si mesmo de modo a evoluir conscientemente, nada mais. Se os bons conseguem alcançar total harmonia com ajuda e trabalhos próprios e de si mesmo. Mas o harmonioso e espontâneo cumprimento das leis e a harmonia com Deus, que na realidade é um conjunto de Leis Justas, harmoniosas e boas, afinal o Universo inteiro é Lei e o Universo é Deus. Como disse um sábio filósofo terrestre: O Universo é o corpo estrutural de Deus."

Como demonstrássemos certa admiração pela formação quase militar dos pequenos netunos, aquelas criaturas metade peixe e metade homem ou mulher, exibindo rabos de peixe e de enorme velocidade, Netuno gentilmente convidou-nos a visitar o seu *quartel*.

Aglon aceitou o convite e explicou:

— Como já sabem, nas zonas inferiores, embora de recuperação, vale a Justiça e o Poder. Deus, para essas criaturas, é Poder, assim como o Diabo. Pensam que o Diabo tem o direito de se opor a Deus, mas acreditam que Deus é um pouquinho maior e que se os Netunos não vigiarem bem o seu Reino, o Demônio o vencerá. Ainda não tomaram consciência do AMOR. Crêem que o seu dever é vencer a justiça e isso o fazem rigorosamente assim como respeitam os Mensageiros do Reino e aceitam as suas *ordens*, que vêm em nome das Esferas Superiores.

Aglon silenciou e partimos. Júlio sempre junto a mim a tudo observava. Logo vi que descíamos em volitação rápida para as zonas mais baixas do oceano e que íamos encontrando os mais estranhos seres da Criação. Descíamos propriamente escoltados pelos netunianos e em breve atingimos águas escuras que Aglon denominou de RECÔNCAVO. Logo ouvimos o toque de uma cometa, se assim se pode dizer, mais parecendo o som esquisito de uma trompa de chifre de boi terrestre, e uns cem netunianos guardavam as portas do quartel de Netuno, verdadeiras sentinelas, armados de tridentes. O ser que empunhava a trombeta ou cometa anunciou, como nas áreas militares, a chegada do Chefe ou Comandante. Não demorou e, ao sinal de um netuno que pareceu o sub-comandante, se postaram em formação militar, em fileiras, uma em frente à outra, após Netuno ladeado por dois lugares-tenentes (à frente em pé de igualdade com Aglon). Nós outros seguimos atrás. O edifício do quartel, construído de material semelhante ao plástico e em vidro de cor verde claro, estava mergulhado em semi-escuridão. Ali também havia ogivas por onde entravam os netunos. Tudo obedecia forma oval ou ovalada, que refletia o verde do mar ou o oceano.

O naufrágio

Descemos logo, volitando para baixo e atingimos uma região onde os netunos continuavam deslizando em formação militar, porém como cardumes de peixes. Faces de criaturas humano-terrestres com fisionomias de peixe e caudas de peixe. Era um espetáculo estranho, diferente e belo. Foi quando soou como que um silvo que percorreu as águas. Aquela enorme quantidade de homens-peixes, viajando em plano horizontal, estacam de repente e silenciosos ficaram em expectativa. À sua frente como comandante de uma frota aérea, um imponente netuno deu um sinal com o tridente e um pequeno grupo partiu, destacando-se do bloco, para a superfície. Aglon deu-me uma ordem discreta, quase imperceptível, e junto com Júlio partimos atrás. Netuno não se opôs. Verifiquei na superfície um

navio que se afundava. Centenas de pessoas se afogavam. Percebi então que o grupo que acompanhávamos era um grupo de salvamento, que logo se pôs a trabalhar, procurando retirar os espíritos dos corpos afogados. Eram retirados inertes. Um ou outro se afastava do próprio corpo inconsciente. Não demorou e chegou outro grupo, uma espécie de padioleiros que em nave especial preparava-se para levar os recém-desencarnados embora. Notei que procediam de maneira serena e calma. Velozmente, levaram-nos para o local de onde viemos.

O grande transatlântico se debatia como uma grande baleia ferida de morte, abrindo a ferida enorme nas águas do oceano como imenso terremoto que dilacerasse a Terra. O oceano também parecia por um momento rasgado e ferido de morte. Na realidade travava-se uma batalha entre o mar e o navio. No Plano Espiritual, os netunos de certa forma também se debatiam. Nós apenas assistíamos entre as faixas turbilhonantes dos dois mundos.

Netuno também chegou logo depois com Aglon, como o general em chefe depois da batalha.

* * *

Outros grupos de netunos seguiram para o local do sinistro e começaram a trazer para o hospital da Comunidade Netuniana os espíritos recém-desencarnados. Muitos foram recebendo medicamentos adequados ao seu caso e colocados em sono reparador. Outros, semi-conscientes, receberam medicamentos cuja finalidade era conduzi-los mais rapidamente ao despertar.

Um deles, que despertara, clamou logo:

- Eu sou culpado! Eu sou o culpado! Aglon aproximou-se e perguntou:

— Por que se sente culpado? Amigo, por que e de quê?

- Eu sou o Comandante! Não deveria ser culpado? Conduzi o navio para águas perigosas e sabia que estava errado! Sou culpado e como tal serei julgado!

- Realmente — Ponderou Aglon —, isso deveria acontecer!

O Comandante aquietou-se diante dessa informação. Aquilo parecia tê-lo acalmado, ele que estivera, até ali, assediado pelo desespero.

— E aonde serei julgado? Aonde? Não vejo tribunais!

- Logo verá. Aqui mesmo.

Netuno, percebendo que lhe cabia fazer aquele papel e que Aglon lhe tomara a dianteira, aproximou-se e, respeitosamente, em face de Aglon, dirigiu-se ao espírito ainda aflito:

— Aqui nós temos tudo, Tribunal e Justiça! Não se preocupe!

- Mas eu quero ser punido! Pelo mal que fiz a tantos!

— Você será! — Retrucou Netuno - Mas não abrimos mão da justiça! Você será julgado severamente, mas o que fez contra a Lei da Justiça será apreciado e receberá de conformidade com as proporções reais dos seus erros!

Fiquei surpreso com o bom senso de Netuno. Aglon explicou:

— Meu filho, aqui seguem rigorosamente a justiça que vem de cima. Como já lhe disse: ainda não conquistaram o *Amor*, mas alcançaram a justiça. Não conhecem a Deus e por isso não o amam. Sabem que existe e cumprem fielmente suas leis de justiça e respeitam o seu *Poder*. Em quase todas zonas inferiores do Universo os espíritos que aí habitam temem ou respeitam o poder de Deus. Estão em marcha para o Amor que um dia alcançarão.

Fiquei pensativo, meditando na sabedoria de Aglon.

Morte no Mar

O trabalho de salvação continuava. Os grupos se renovavam, iam e voltavam, levando sem cessar aqueles que a morte deixava em suas mãos. O Imediato também deixava o corpo em gritos lamuriosos pois se considerava por sua vez também culpado do desastre

e não se conformava com a perda do navio. Nós assistimos tudo com saudade e pena. • Você sabe, meu filho — Explicou Aglon —, a diferença aqui é apenas o meio ambiente. O resto é igual na "Terra"; Água, Ar e Terra são coisas semelhantes. Tudo é o mundo mesmo! O Espírito é sempre o Espírito em qualquer lugar, o veículo físico é que se diferencia de acordo com as necessidades e o meio. Órgãos diferentes para meios diferentes, para que o Espírito prossiga na jornada da Evolução Espiritual.

Os netunos se desdobravam bravamente na fúria de salvar. A quantidade dos que desencarnaram era muito grande e cada um trazia consigo uma série de problemas.

Algumas entidades malignas os acompanhavam. A morte nas águas era diferente da morte na Terra. Era mais suave, é verdade, mas nem por isso deixava de ser angustioso. Em geral o corpo descia até uma certa profundidade e horas mais tarde, às vezes dias, subia e flutuava no meio do oceano até mesmo, na superfície. Aí apareciam os netunos e os retiravam dos corpos, conduzindo-os para o Hospital Netuniano.

O netuno, cujo cargo correspondia ao de um governador ou a um grande secretário de polícia, presidia a tudo com eficiência e rapidez.

Devemos ter permanecido por ali uns três dias. Passado o que, Netuno nos convidou para uma vistoria mais demorada aos desencarnados, no hospital. Aglon aceitou e nos convidou a ir, por sua vez.

Penetrando o hospital, defrontamos uns em desespero e culpa. Os netunos, na realidade se sentiam quase todos culpados e se culpavam. Notar a diferença entre os homens e os Espíritos da Terra e do Mar: enquanto nos desastres da Terra os Espíritos e os homens nunca se julgaram culpados; os do mar acusavam-se imediatamente de o serem.

Aglon apressou-se a nos informar: a consciência dos marítimos pesa menos, segundo parece. Mas isso é resultado da água que absorve as vibrações mais violentas; no entanto, é tudo igual.

O imediato chorava convulsivamente. Sentia-se culpado, embora o comandante do navio não fosse ele.

Os netunos, embora com seriedade e rigor, se desdobravam em trabalho intenso e falavam sempre em justiça. Aglon, como nós, mantinha-se silencioso e não falava a não ser o estritamente necessário.

A movimentação era incessante. O hospital estava cheio. Os desencarnados foram entregues às enfermeiras que, por sua vez, com profunda paciência se entregavam ao serviço. Um salão enorme cheio de móveis estranhos para a compreensão terrestre faziam o papel de camas. O material parecia plástico.

Aproximamo-nos, com Netuno e Aglon à frente de cada espírito que sofria a intervenção das enfermeiras e ouvíamos e víamos cada caso.

Assim, chegamos à cama de um espírito masculino que exibia uma expressão angustiada. Falava e chorava ao mesmo tempo:

— E o meu dinheiro? E o meu dinheiro? Perdi tudo! Meu Deus, como farei agora? Como farei?

Aglon explicou:

— Pensa que não morreu fisicamente e que apenas caiu no mar, mas embora ainda confuso, sente que já perdeu ou vai perder os seus bens!

Era homem rico!

Na cama ao lado, uma mulher clamava por suas jóias...

— Como vêem — Esclareceu o Espírito —, era navio de passageiro. . . Transatlântico em cruzeiro pelo mundo... Estava mais ou menos na Costa da Noruega. Mar gelado... O que facilitou a morte quase instantânea. De cama em cama encontraremos angústia e medo.

Netuno apressou-se a falar a seu favor, dirigindo-se a Aglon:

com as necessidades e o meio. Órgãos diferentes para meios diferentes, para que o Espírito prossiga na jornada da Evolução Espiritual.

Os netunos se desdobravam bravamente na fúria de salvar. A quantidade dos que desencarnaram era muito grande e cada um trazia consigo uma série de problemas.

Algumas entidades malignas os acompanhavam. A morte nas águas era diferente da morte na Terra. Era mais suave, é verdade, mas nem por isso deixava de ser angustioso. Em geral o corpo descia até uma certa profundidade e horas mais tarde, às vezes dias, subia e flutuava no meio do oceano até mesmo, na superfície. Aí apareciam os netunos e os retiravam dos corpos, conduzindo-os para o Hospital Netuniano.

O netuno, cujo cargo correspondia ao de um governador ou a um grande secretário de polícia, presidia a tudo com eficiência e rapidez.

Devemos ter permanecido por ali uns três dias. Passado o que, Netuno nos convidou para uma vistoria mais demorada aos desencarnados, no hospital. Aglon aceitou e nos convidou a ir, por sua vez.

Penetrando o hospital, defrontamos uns em desespero e culpa. Os netunos, na realidade se sentiam quase todos culpados e se culpavam. Notar a diferença entre os homens e os Espíritos da Terra e do Mar: enquanto nos desastres da Terra os Espíritos e os homens nunca se julgaram culpados; os do mar acusavam-se imediatamente de o serem.

Aglon apressou-se a nos informar: a consciência dos marítimos pesa menos, segundo parece. Mas isso é resultado da água que absorve as vibrações mais violentas; no entanto, é tudo igual.

O Imediato chorava convulsivamente. Sentia-se culpado, embora o comandante do navio não fosse ele.

Os netunos, embora com seriedade e rigor, se desdobravam em trabalho intenso e falavam sempre em justiça. Aglon, como nós, mantinha-se silencioso e não falava a não ser o estritamente necessário.

A movimentação era incessante. O hospital estava cheio. Os desencarnados foram entregues às enfermeiras que, por sua vez, com profunda paciência se entregavam ao serviço. Um salão enorme cheio de móveis estranhos para a compreensão terrestre faziam o papel de camas. O material parecia plástico.

Aproximamo-nos, com Netuno e Aglon à frente de cada espírito que sofria a intervenção das enfermeiras e ouvíamos e víamos cada caso.

Assim, chegamos à cama de um espírito masculino que exibia uma expressão angustiada. Falava e chorava ao mesmo tempo:

— E o meu dinheiro? E o meu dinheiro? Perdi tudo! Meu Deus, como farei agora? Como farei?

Aglon explicou:

— Pensa que não morreu fisicamente e que apenas caiu no mar, mas embora ainda confuso, sente que já perdeu ou vai perder os seus bens!

Era homem rico!

Na cama ao lado, uma mulher clamava por suas jóias...

— Como vêem — Esclareceu o Espírito —, era navio de passageiro. . . Transatlântico em cruzeiro pelo mundo... Estava mais ou menos na Costa da Noruega. Mar gelado... O que facilitou a morte quase instantânea. De cama em cama encontraremos angústia e medo.

Netuno apressou-se a falar a seu favor, dirigindo-se a Aglon:

- Como podem perceber, prestamos aqui grandes serviços à humanidade terrestre recebendo aqueles que vêm de lá pelo naufrágio ou acidentes no mar.

- Sim, compreendo — Respondeu o Mensageiro —; incluirei a sua dedicação e a de seus subordinados à Esfera Superior para registro.

Netuno sorriu satisfeito.

— Obrigado, senhor — Disse, reverente.

A visita, todavia, continuou.

Regiões Purgatoriais no Mar

Depois da visita ao salão de recuperação do hospital marinho para os náufragos acidentados, Netuno, talvez entusiasmado com a notícia que Aglon lhe dera de comunicar às Esferas Superiores o seu trabalho, conversou isoladamente, à distância, com este, e consultou-o da possibilidade de ver de perto as regiões purgatoriais do mar. Aglon aceitou. — Venerável senhor — Disse ele —, partiremos já!

Assim partimos em grupo, através das camadas espirituais do oceano, vencendo rapidamente a atmosfera aérea do mar onde estava, que, também ali, era apenas uma parte do oceano. As águas começavam a escurecer. Milhares de peixes de diversas formas e tamanhos iam ficando atrás, enquanto percorríamos o espaço marítimo e começávamos a sentir que tudo era normal, quando foram aparecendo seres de formas estranhas. Pequenos seres que possuíam pernas espantosamente feias, cujos pés lembravam os pés dos patos e na cabeça onde brilhavam dois olhos fosforescentes e vermelhos como fogo, e uma boca dentada semelhante à boca dos tubarões. O peito era cabeludo e entre a cabeça e o corpo apresentavam uma espécie de pescoço taurino. O que impressionava mais, contudo, eram as mãos com garras ferozes e aduncas, de unhas grandes e duras como ferro.

Netuno havia levado um grupo militar dos seres netunianos, todos de tridentes em riste. Defrontaram logo um imenso grupo dos seres vermelhos e peludos, porque na verdade, eram vermelhos e de peitos cabeludos como animais terrestres. Estes seres estranhos atacavam as enfermeiras dos grupos de salvação ferozmente e disputavam os espíritos em desencarne, tentando arrebatá-los. Os netunianos investiram e os vermelhos, por sua vez, os enfrentaram. Os vermelhos procuravam dilacerá-los com as unhas que pareciam grampos de ferro. Rasgavam-lhes impiedosamente o peito. Por seu lado os netunos reagiam com os tridentes e a luta se tornou, em breve, terrível, com ferocidade de parte a parte. Alguns tombavam inconscientes descendo lentamente para o fundo do mar, fato que eu não compreendia porque acreditava que espíritos não estivessem sujeitos a isso. Esperava, porém, que após, Aglon me explicasse com calma. Reparei que os outros companheiros, especialmente, Júlio, também, estavam assombrados com o espetáculo.

Agressores e Agredidos

Aqueles seres estranhos e esquisitos, mesmo no mar, que apresentavam formas estranhas, semelhantes mais a animais terrestres do que a peixes em luta, agora, com os netunos para arrancar-lhes os espíritos recém-desencarnados, causaram-nos profunda impressão, especialmente o Júlio.

Assombrava-nos o fato de na luta dilacerarem o corpo espiritual dos outros seres. Como seria aquilo? Não eram criaturas espirituais?

Aglon, como prometera, nos esclareceu melhor:

— Estes seres percorrem os mares em busca daqueles que vêm do Plano Físico e que, ainda envolvidos pelos fluidos densos, semi-materiais, conservam um corpo de consistência próxima à substância física e que muitas vezes se sentem também semi-hipnotizados a deixar o corpo físico e abandonar a esfera terrestre. Por sua vez os outros agem e lutam como os humanos nas batalhas e lutas da Terra. Os netunos usam os tridentes como grandes garfos para assustá-los ou imobilizá-los. Aos olhos dos *vermelhos* aquilo tudo é uma luta física, como uma batalha que se passa num sonho e tentam impedir que os outros se apossessem dos desencarnados, o que sempre conseguem pela sua aparência de deuses antigos. De fato, aquelas garras manejadas com violência maldita abrem sulcos nas formas dos adversários. Observando melhor, vocês verão que de ambos os lados, netunos e vermelhos irradiam e projetam vibrações e raios. Os vermelhos, uma espécie de matéria semi-elétrica ou um tipo de eletricidade diferente, que atinge os adversários, principalmente os náufragos que vieram de navio, os envolvem como as bombas de gás e os tornam inconscientes por muito tempo, deixando-os como se fossem mortos. Isso dá a luta a aparência de uma batalha. Os netunos também enviam raios. Essa luta ocorre em

todo o oceano onde os vermelhos encontram seres que, no mar, estão desencarnando. Além disso, os vermelhos são verdadeiros vampiros do mar, pois absorvem os resíduos dos naufragos de que se alimentam. Os netunos, por sua vez são vigias do mar. Os vermelhos, como os escorpiões da Terra, têm esses raios e irradiações como veneno: o ouriço-caixeiro lança espinho, os escorpiões e as cobras venenosas, o tamanduá. ..

Compreendemos logo o que Aglon queria dizer. Todavia, nos aproximamos daquele local e seguimos Netuno, que dizia a Aglon:

— Como vê, senhor, nosso trabalho é imenso e o exercício da Justiça por essas plagas é sacrificial!

Já estávamos em marcha quando se aproximaram quatro netunos carregando um vermelho. Vimos, espantados, que o ser era cabeludo, de pelos vermelhos no peito, cara chata, boca larga, alguma coisa semelhante a nariz chato, e a testa cheia de furos como um chuveiro, por onde aspirava elementos do ar como se respirasse. Passado nosso interesse, Aglon explicou:

— Esses seres que parecem uma mistura de animal e peixe são inimigos naturais dos outros seres e não dispõem de inteligência avançada, mas têm um sistema avançado de alimentação que se faz por vias aéreas instaladas na fronte. São seres de transição.

Vi também que o ser capturado dispunha de duas pernas e patas semelhantes à rã.

Permanecemos algum tempo examinando-o e nos inteirando das lições do Espírito, quando fomos surpreendidos por um magote de vermelhos que vinham arrebatá-lo a nova presa. Um grupo de netuno, todavia, preparados para tal ataque, os enfrentou corajosamente. Os vermelhos atacavam e vieram para lamentar. Um ser de forma mais avantajada se aproximou e grunhiu numa linguagem estranha, que Aglon traduziu:

— Mestre Netuno, Chefe da Justiça dos Mares. Devolva-nos nossos companheiros!

Lutamos lealmente. Não vos é lícito, portanto, apossar-vos dos nossos guerreiros!

Netuno, visivelmente irritado, respondeu:

- Não sois guerreiros, sois piratas do mar, que tendes de ser reprimidos e expulsos das nossas águas! Na realidade sois criminosos! Se conhecêsseis a Lei e a Justiça e as respeitásseis não faríeis o que fazeis! Não devolverei o vosso guerreiro. Ide desistir, requerei no Tribunal mais próximo diante dos nossos juizes e afastai-vos de nossa frente, se não prenderei a todos!

Em face dessa decisão dura, saí e o *vermelho* deu meia volta e foi embora à frente de sua horda de guerreiros.

Pelo Mar em Fora

Depois da reclamação inútil dos seres vermelhos, percorremos o mar, volitando em grupo. Netuno, imponente como um general, seguia à frente com Aglon. Nós e o pelotão militar seguíamos atrás. Aqui e ali, encontrávamos as mesmas lutas; os netunos reprimiam a ação criminosa dos vermelhos que, ao levarem os naufragos cujos espíritos arrancávamos de seus corpos, fugiam com eles, ou eles mesmos fugiam dos netunos. De fato, quase sempre, com a aproximação dos netunos, eram lutas e escaramuças. Raramente aprisionavam um vermelho. Desesperados, estes fugiam. Na realidade, percebíamos que Aglon, através de Netuno, queria que conhecêssemos apenas a estrutura, os perigos e a organização do mar. Júlio via e anotava tudo; nós também. Nunca supusemos que o mar fosse assim no plano espiritual. Não demorou, chegamos a uma área cheia de pedras e plantas marinhas, que pareciam palmeiras estranhas e diferentes, de cor verde forte e a areia grossa. Um prédio de forma oval alongada, de material idêntico a plástico verde transparente, de linhas simples mas suntuoso. Era o tribunal do mar, o 26, segundo constava em grande placa luminosa que encimava a porta.

Netuno murmurou:

— Aquele vermelho vai ser julgado...

— Já? — Perguntou-me Júlio — Tão cedo? Netuno respondeu, sério:

- Aqui reina a justiça dura dos Dragões! E tudo é rápido, rigoroso e justo!

Depois sorriu triunfante:

— Não somos lerdos e indiferentes! A justiça dos homens é que é lerda, preguiçosa e injusta! Pela muita demora se torna injusta e o espaço de espera passa a ser uma *pena à parte*, que é ilegal e injusta que submete o acusado a muitos sofrimentos que o legislador não incluiu nem quis incluir na pena! Isso é um absurdo. A lei nem previu, nem exige isso! Deve-se pagar o estritamente devido à justiça! Aglon apoiou com um gesto de cabeça e disse para nós:

— Ele está certo. Em questões de justiça, Netuno é mestre, é exímio e perfeito conhecedor e aplicador da lei! Temos que respeitá-lo, reconhecer e valorizá-lo nisso. Afinal, sem a justiça, o Amor não existiria perfeito. A tranqüilidade do amor em todos os planos do Espírito repousa na Eternidade e a perfeita Justiça de Deus!

O Tribunal

Penetramos no tribunal. Aglon, Netuno, Júlio e eu. Os netunos militares não entraram.

Ficaram do lado de fora. Aglon esclareceu suavemente:

— Em todo lugar do mundo é assim: o guarda, a não ser em serviço específico, não entra. O acusado deve sempre estar tranqüilo, tanto quanto possível. Não deve sofrer pressão nem temê-la. Em toda a Obra de Deus a justiça deve ser justa e sem pressões.

Compreendemos, e ficamos de acordo.

Um tribunal semelhante aos da Terra, apenas os móveis eram daquele material plástico verde claro. O juiz acompanhado de mais seis juizes compunha a mesa. Togados a rigor. Um pequeno grupo de netunos e outro grupo também pequeno dos vermelhos era a assistência no salão.

Aglon e Netuno se acomodaram dignamente. Nós os seguimos. Netuno murmurou para Aglon:

— Como vedes, senhor, os vermelhos são seres inferiores e desequilibrados!

Aglon fez um ligeiro gesto de concordância, mas não deixou de ponderar:

— Com todo o respeito, Netuno, em suas palavras falta a *caridade*.

Netuno recuou surpreendido e aborrecido.

— Desculpai-me senhor, no Reino dos Dragões, não aceitamos a bondade nem o amor. Aqui só existe e compreendemos a justiça! Para animais como esses, só a justiça, que será mais ou menos rigorosa, só isso! Dentro disso, se mede a extensão do pecado! Deus, se Deus existe, Deus é a Suprema Justiça!

Dizendo isso, Netuno nos olhou com a cabeça erguida e o olhar triunfante! O que lhe era peculiar. Mansamente, porém, Aglon lhe lembrou:

— Deus, também é a Suprema Misericórdia! Netuno baixou a cabeça e concordou sem entusiasmo. Vimos num relance que, ali, iam se digladiar a Misericórdia e a Justiça!

O salão, agora, estava lotado. E os netunianos e os vermelhos se acotovelavam silenciosamente.

O juiz fez um sinal e a sessão começou. Com voz serena falou:

— A Justiça dos Mares contra a Agressão de um Vermelho.

Logo em seguida falou um ser igual ao juiz, que relatou a ofensa do acusado.

Depois, falou um outro ser diferente dos vermelhos e netunos. Ouvidos respeitosamente os *contras* e a defesa, o juiz, sem mais delongas, relatou após estoriar os fatos e disse:

— Netunos e Vermelhos, dentro da Lei respeitando a própria consciência, são livres para viver o Bem ou o Mal, porém responderão perante a Suprema Lei. Nós somos seus fieis seguidores e a cumprimos.

Em seguida, surpreendentemente, para nós, falou o próprio acusado, em grunhidos, que Aglon foi traduzindo para nós:

- Excelência, já que me é permitido, conforme os costumes destas zonas, acrescentar algumas palavras à minha defesa, tão brilhantemente feita pelo meu jovem advogado, quero lembrar a V. Excia que a Justiça dos Mares assegura a todos os vermelhos igualdade de vida a todos os habitantes dos oceanos e alimentação para todos.

— Mas não maltratar e até devorar substâncias daqueles que caem nos mares!

— Senhor, são substâncias de seres que não precisam mais delas já que estão deixando as formas primitivas para viver noutra dimensão.

— Isso é um vampirismo espiritual que as leis dos mares também proíbem!

O vermelho calou-se e o juiz proclamou:

— Condenámo-lo a duzentos anos terrestres à segregação dos mares em degredo para meditação e silêncio longe do convívio dos seus como exemplo.

A sessão foi encerrada e nós nos retiramos silenciosos, meditando naquele estranho julgamento e no não menos estranho tribunal.

Estudando os Tribunais e os Navios-Prisões

— Aglon - - Perguntou Júlio —, essas prisões do mar são ficção ou realidade?

— Meu amigo — Disse Aglon —, como todas as prisões de todos os lugares, são *prisões* da consciência: a criatura sofre dentro daquilo que criou para si mesma. E só se liberta quando sente que resgatou diante da sua própria consciência o mal que fez. Ninguém espera em parte alguma um céu que não construiu para si mesmo! Alguém já disse isso, não disse?

E sorriu, sereno, para nós. Evidentemente, não poderíamos deixar de concordar!

Todo Tribunal verdadeiro está sempre dentro de nós mesmos e se situa na própria consciência.

Como o barco dos Faraós, encontrado nas pirâmides, nosso veículo físico, seja o corpo físico ou o corpo fisico-espiritual, é o nosso Barco-Prisão. Pensemos nisso.

Aqueles apontamentos na realidade eram oportunos e sábios! Convinha meditar neles!

Todavia, o sábio Aglon se afastou acompanhado de Netuno, que silencioso ouvira tudo mas não manifestava, naturalmente, diante das profundezas das palavras de Aglon para as quais não teria qualquer resposta, cujo conteúdo fosse a discordância. Talvez nem entendesse e assim melhor mesmo era silenciar.

* * *

Aglon falava sempre com conhecimento e sabedoria.

Netuno, por sua vez, apesar de seu ar triunfante e imponente, e de aparência orgulhosa, permaneceu atento à conversa de Aglon, respeitoso. O grande Espírito parecia dizer muita coisa endereçada a ele, como o mestre a um aluno. Todavia, porém, aproveitavam, embora nem todos entendessem.

Todavia, nós íamos tomando, pouco a pouco, conhecimento do mar, no plano espiritual. Compreendemos cada vez mais que em toda a Criação Divina, no Universo, existiu o Bem e o Mal e que se travava sempre uma luta entre um e outro, o que ainda não compreendíamos direito. Era sempre a Lei de Deus inexplicavelmente combatida pelos fora da lei. Havia uma como subordinação natural.

Meditávamos assim, quando Júlio, também meditativo, nos surpreendeu:

Também sinto isso! E por quê? Não somos todos irmãos?

- Somos — Informou Aglon —. Não houve o drama de Caim e Abel? No começo. . . Esse ponto demanda estudos mais profundos e se poderão compreender mais tarde quando do mais Alto vir autorização tendo em vista maior estágio evolutivo e maior entendimento de vocês.

Então compreendi as razões de estarmos desinformados. Com delicadeza e caridade o Espírito nos chamava à realidade da nossa ignorância. Pensávamos nisso, quando Aglon acrescentou:

— Meus filhos, ignorantes todos somos e temos que aceitar essa condição que é sempre o nosso estado natural. Temos, isto sim, que alcançar a humildade, que é problema difícil de solucionar e estava muito duro de se conquistar. Essa é uma luta interior. Depende de cada um vencer em si mesmo essa luta interior. Todos têm as possibilidades necessárias. Deus dá a cada um as armas para lutar e para vencer! Lutemos, pois, e sairemos edificados pelo simples fato de ter lutado. O Espírito eterno que somos nós dispõe do poder de querer e lutar, só não o faz quem não quiser! Porém, Aglon, ainda não acabara de falar e vimos a aproximação de um bando de vermelhos que se aproximavam, com aparência esquisita e má. Pusemo-nos em guarda. Aglon mantinha uma aparência de simplicidade tal que não o distinguia de nós e os vermelhos atacaram, atirando bolas velozes e sombrias. Foi quando Aglon estendendo a destra expediu raios luminosos de defesa. Os vermelhos, recebendo os primeiros raios, recuaram temerosos. Aglon ameaçou de novo e Netuno levantou o tridente e também enviou-lhes uma outra espécie de raios de cor de prata e de capacidade amortecedora. Eles recuaram e fugiram espavoridos. Alguns cambaleando como se estivessem tontos. Deslizamos, por nossa vez, *mar a fora ou mar a dentro*, escolhendo a expressão que na linguagem da superfície da Terra se puder entender melhor, e subimos mais um pouco. Foi quando encontramos um grupo de seres diferentes de cor amarela e de estrutura bem diferente dos vermelhos e dos netunos, já que os netunos exibiam a fisionomia humana de olhar puxado e oblíquo para baixo e face alongada e rabo de peixe, mas a inteligência próxima das áreas humanas e os vermelhos, aparentemente semelhantes a rãs, especialmente as pernas e as patas. Aquilo nos assustou, um pouco, a mim e a Júlio que não possuímos a evolução de Aglon e adaptabilidade dos netunos. Os amarelos, chamamo-los assim, não eram agressivos nem ferozes. Olharam-nos de longe, como que curiosos e nos observavam. Aglon sorriu e nos disse:

- Nada temem, são inofensivos.

Netuno aprovou com um simples gesto de concordância. De vez em quando, correntes vibratórias passavam por nós como um rio também colorido ou multicolorido e folhagens também coloridas. Os amarelos foram se perdendo na distância e não os vimos mais.

Súbito, ouvimos um grande rumor que vinha de cima, de muito longe. Ao mesmo tempo eu e Júlio perguntamos o que era e Aglon respondeu:

- Não é nada. Estamos numa distância muito longa em termos terrestres, na região marítima que fica em baixo do que se chama Terra de Japão e é um transatlântico, que está passando, igual ou maior que o do naufrágio, mas esse não está sujeito a naufrágio, sua viagem será pacífica. Tranqüilizem-se. Logo em seguida, ouvimos rumores menores, porém parecidos e o Espírito esclareceu:

— São embarcações menores, logo, vocês perceberão centenas.

Passamos a observar, atentos.

De fato, momentos depois, ouvimos um sem número de rumores de barco.

Contudo, prosseguimos. Volitamos a toda a velocidade. Outros bandos de criaturas passavam por nós. Criaturas do mar, físicas, e criaturas espirituais, cujas formas são desconhecidas na Terra e nas regiões espirituais em que vivemos.

Surpreendíamo-nos com tudo aquilo. Seres estranhos e esquisitos. Defrontamos, de vez em quando, grutas enormes onde havia multidões de seres espirituais das mais diversas formas. Alguns, simplesmente seres aquáticos. Outros, espirituais, inteligentes e do plano Espiritual.

De repente, deparamos uma figura esquisita, com fisionomia esquisita e grandes asas, semelhantes às asas de morcego, completamente lisas, e cheias de nervuras, de cor cinza que falava uma língua estranha que não entendíamos, mas que Aglon compreendia. O espírito nos disse logo:

— Não se impressionem: É uma criatura diferente, mas sensata. É de outra galáxia. Vamos ver o que faz aqui, e logo, abordou o estranho:

- Amigo, o que faz aqui? - E segundo informou-nos Aglon, traduzindo:

— Sou de outra galáxia e estudo o fundo do mar, pois pretendemos instalar uma base aérea de nosso mundo nos oceanos terrestres. *Começamos a descer* para o mundo Terra onde criaturas físicas vindas de nosso mundo já se instalaram no mar! Nós também, Espíritos que habitamos os *mares* das novas esferas queremos conhecer as regiões espirituais do planeta Terra, nas regiões de seus mares. É necessário conhecer os mares de outros mundos.

É viajando que se conhece o Universo! Aglon concordou e nós também. A conversa contudo prosseguiu.

Aglon continuou a manter a conversa cordial e delicadamente disse:

- Compreendemos o interesse de seus Superiores, mas cremos que somos mais adiantados que os Espíritos da Terra!

- Não, respondeu o outro. Somos de Vênus. com pouca diferença. Em alguma coisa, já conhecemos mais, noutras, não. Por exemplo, conhecemos pouco a água e muito menos ainda a água do mar e o fundo do oceano. A nossa água é uma quantidade reduzidíssima e diferente quanto à sua textura em relação à daqui. Não temos propriamente *massas* de água, como os oceanos da Terra.

E não temos, por isso, *fundo de mar*, na realidade, precisamos conhecer, assim como os seres *esquisitos* que ali habitam. O que para os homens parece *beleza* para nós é monstruosidade!

Diante dessa afirmativa, ouvia a opinião de Júlio que ainda era terrestre, que disse:

— Para nós ele também parece um monstro!

— Sim — Esclareci —. Cada mundo tem o seu tipo de beleza! Possivelmente, para os venusianos, ele será, talvez, um tipo de beleza da sua raça.

Júlio concordou:

- Aceito o seu raciocínio. Creio, também que a beleza e a feiúra são apenas conceitos temporários de uma raça ou povo, que mudam com a evolução e até com o progresso. Fiquei, por um momento, meditativo, pensando em Júlio, que me parecia muito sensato e sábio.

Ele *sentiu* o meu pensamento, porque logo fez questão de esclarecer:

— Não, meu caro, não sou sábio, pelo contrário, ainda não sei nada! Segundo Aglon afirma: Só se adquire conhecimento verdadeiramente, depois que se vive esse conhecimento. Você sabe, porque aprendi com você, não basta conhecer a letra mas assimilar o espírito que vive na palavra!

Concordei e acrescentei:

Tem razão: O conhecimento é como o dono de uma casa. A casa que seria a *palavra* Terra que tem *as portas que serão abertas pelo dono da casa senão a gente não entra*. Conhece-se a casa por fora mas por dentro só depois que se conhece o dono e este abre as portas para nós. Todo conhecimento real é em princípio hermético.

Eu simplesmente anotava e registrava para que Júlio usasse posteriormente. Este demonstrava estar gostando da viagem e dos encontros esclarecedores.

A um sinal de Netuno, Aglon nos preveniu que em breve estaríamos em outras regiões do mar.

A outro sinal agora de Aglon, adotamos a posição horizontal. Netuno e os companheiros, por ter rabo de peixe também partiram de maneira horizontal, como, de modo geral era seu costume. Embora, logo alcançasse região mais calma e mais serena. No entanto, foram em seguida atingindo uma nova construção e viram novo navio, em naufrágio. Este era agora embarcação antiga, destrocada, em que havia, projetados na água, uns oitenta marinheiros que caíram no mar e vinham para o fundo. Navio pirata, todavia a sombra de outra embarcação inglesa ou pirata, que se mantinha na superfície, ficara em cima na superfície e se afastava devagar. Netuno informou. Houve uma luta e os homens entraram em luta. O primeiro afundou-se e o de cima sobreviveu. Logo os marinheiros mergulharam para se apossar dos tesouros que houvesse. São piratas ingleses e holandeses, piratas

da rainha da Inglaterra e piratas do rei holandês. Outros piratas da coroa inglesa também andam pelo mar. Netunos já estão tirando aqueles que têm urgência de serem recolhidos. O trabalho de salvação continuou. Muitos eram salvos pelos netunos. Salvos no sentido humano, na realidade, recolhidos ao hospital em estado de inconsciência. Pouco a pouco, iam se recuperando. Alguns afogavam-se abraçados na luta. Outros, vivos na carne mergulharam à cata de tesouros, pérolas, diamantes, colares ou tentaram abrir velhas malas que guardavam ouro e pedras preciosas que se mantinham ali desde a antiguidade. Na verdade, a avareza e a ambição subsistiam no fundo das águas. Às vezes defrontados pelos Espíritos em viagem, barcos afundados, cheios de tesouros desde os tempos mais antigos. Diante dos argonautas Aglon parou. Netuno quis saber de que se tratava, e o Guia maior respondeu:

— Para nós, o importante é o Ensino dos mestres, mas apesar disso, queremos conhecer e mostrar aos nossos amigos os tesouros dos nossos antepassados que se encontram no fundo do mar e que até hoje os homens da Terra procuram com ansiedade. Netuno achou aquilo tudo muito estranho e fez uma expressão de seriedade ao mesmo tempo que expressava pouco caso.

— A nós, só interessa a Justiça e a aplicação da Justiça!

Aglon, também, demonstrou estranheza e pouco caso e entrou no Barco, acompanhado dos demais.

O Barco era velho e carcomido pelo tempo.

Malas guardadas na cabine do capitão deixavam claro a existência de coisas antigas, fechadas com correntes. Atravessaram os séculos!

Aglon, à frente, foi percorrendo a embarcação. Os companheiros seguiram-no, atentos. A maioria de tudo estava estragado, as pedras e o ouro, no entanto, estavam intactos. Ligados às peças antigas, espíritos antigos, ali, se encontravam como que aprisionados ou escravizados. Em correntes, figuras em posição de escravos, permaneciam, esqueletos que viveram sob a condição de galés, e, muitas vezes, imantados a eles os espíritos que os animaram na Terra sob o domínio daquela atração que os prendia à corrente e ao barco. Aglon deu algumas explicações:

- Meus filhos, o passado tenta sempre, com seus tentáculos poderosos prender o presente e o futuro, e quase sempre o consegue. Em verdade ninguém foge de si mesmo. A nossa casa mental é a prisão de cada um e a consciência é o carcereiro de nós mesmos. Inútil é tentar escapar. Mais forte do que a nossa luta, muitas vezes é o mal que praticamos em tempos recuados e do qual jamais esqueceremos. Como uma corrente de fogo que nos devora e vibra que é nossa própria alma nos enfrenta a cada dia e quase sempre nos abate e mesmo destrói. E o mal que há em nós é o nosso maior inimigo. Só o Bem nos salvará! O mal é tanto produto da alma quanto o bem. São duas forças poderosas que, de certa forma, controlam o Universo e a estabilidade emocional e vibratória do Universo. Marchamos na rota dos mundos ao encontro de uma evolução cada vez maior.

Júlio Verne estava deslumbrado com o mar, jamais imaginara que o mar estivesse cheio de Espíritos, e coisas, inclusive tesouros tão antigos como estava. Agora, lhe parecia que da mesma forma que o firmamento. Para ele, era uma revelação. Como lhe pareciam semelhantes o céu e o mar. Júlio extasiava-se com o espetáculo. A vida em toda a parte; a vida animal, humana e espiritual. A criação Divina desafiava a Inteligência e a percepção humana. .. Tudo fala de Deus e o firmamento é sempre um livro aberto, imenso que desvenda os segredos da vida e abrirá as portas do Universo a quem saiba ver e enxergar. Quem vê com o Espírito enxerga com o coração da alma. Porque o ser enxerga com as faculdades ocultas que vibram no íntimo de si mesmo. É só, como disse o Senhor, ter olhos e ouvidos de ver e entender, e, acrescentamos: *sentido para compreender*. Porque, para nós, nem sempre entender é compreender.

Foi quando notamos que o Espírito que nos parecia o capitão do Barco como que envolto numa imensa rede, que lembrava uma teia de enorme aranha, aprisionado nela, estava

ligado e aprisionada a todo o navio, e a centenas de seres, criaturas espirituais do passado que tentavam vampirizar-lhe as *lembranças*. Coisas *estranhas*, para nós. *Como que se alimentavam dela de alguma forma* Fatos profundamente estranhos. Já víamos e tínhamos notícias de vampiros espirituais ou seres que agiam como vampiros que sugavam *substâncias ou resíduos* de criaturas espirituais mas de sugadores ou aproveitadores de pensamentos e lembranças, não! Ladrões das idéias de outrem, espíritos ou pessoas na Terra ou na Crosta, vimos muitos! Amigos que se apropriam indevidamente de obras de arte. Quadros, músicas em livros, ou obras literárias, existem. Apropriar-se espírito de espírito, no plano espiritual, diretamente da mente e da memória dó outro, como um cachorro que devorasse o cérebro do outro nunca vimos! Lembramo-nos de alguém no Inferno de Dante.

Seria isso?! É possível. .. Naturalmente, há muitos casos desses no Inferno todavia, Dante citou um que servia de exemplo para o mundo porque era figura também conhecida em sua Terra. Dante mostrou-o como era e como o fato ocorria no Plano Espiritual. Roubar as idéias dos outros é, na verdade devorar-lhe os miolos. Talvez seja um dos mais execrados crimes da Terra e do Universo. Crime de lesa-consciência, como poderia se chamar! Em certos casos, é um assalto ao genes e no caso citado é um assalto ao Espírito. O navio estava irradiando toda aquela teia que do *passado* prendia todos os seres antigos que ali estavam e que em épocas recuadas vibravam com a embarcação porque os seres e as coisas se identificam e vibram em unísono uns com os outros que existiram, viveram e vibraram juntos. Quando se recorda se revive. As criaturas que muito lembram ou recordam o passado muito revivem. É também Lei da vida. A memória Integral é função que restabelece no Espírito o Passado como se ontem fosse hoje. Nele são guardados indelevelmente o Bem e o Mal que praticamos e por esse arquivo íntimo e pessoal iremos resgatando o passado, e traçando novas diretrizes para o futuro distante.

O Barco logo foi percorrido. Saímos dele que ficara ali estacionado como imensa aranha rodeada de seres em pleno mar.

Foi quando Aglon lembrou, como ordem de regresso à crosta:

- Agora, temos que regressar à Superfície e ali ficar por algum tempo; já estamos há dias nas profundezas e irei *conversando* com vocês. Além disso, devemos visitar ainda estes dias destinados à excursão, segundo programação Superior, e é mais fácil volitar aerea-mente da Terra sobre o mar e mergulhar depois em outras regiões submarinas do que, como estamos fazendo, *mar adentro*. Veremos e encontraremos paisagens diferentes e seres diferentes. Enriqueceremos nosso aprendizado.

Netuno concordou e se despediu.

— Depois nos encontraremos — Disse —. Serei avisado de sua chegada. Aglon separou-se com o grupo e Netuno se afastou em alta velocidade, tridente em riste e os netunianos o acompanharam, na mesma posição horizontal e de tridente em vista. Pareciam uma frota de aviões terrestres ou um grupo de submarinos atômicos em evoluções de guerra. Anotei e registrei os fatos. Júlio gravava tudo em sua prodigiosa tela mental em sua memória inconcebível como um computador. Partimos com destino à superfície. Não demorou e atingimos a Crosta, de volta à Costa da França e rumamos em seguida para Paris. Aterrissando, falando linguagem da Terra, próximo ao Arco do Triunfo. Os carros corriam no asfalto e sentimos de imediato a diferença entre o mar e a Crosta terrestre. Aqui, a poluição física e espiritual era enorme. Os carros expelindo sua fumaça e os homens as irradiações das coisas mais estranhas, principalmente o cinza e o vermelho... O cinza, resultado das irritações, aborrecimentos e das doenças e enfermidades e vermelho de violência que lhes roia a alma: Todos nervosos e odientos. No mar os seres que o habitavam que cometiam faltas ou amor e rapidamente iriam ser julgados, condenados ou absolvidos, na Terra cometiam-se violências das piores espécies e os julgados permaneciam impunes. A atmosfera quase sempre turva, e após os crimes a polícia costumava agredir violentamente o criminoso e no plano espiritual esses criminosos levavam meses e mes-

mo anos a poder se recuperar pela confusão do espírito que praticou a violência e que demorava muito mais a se desfazer devido ao turbilhão das vibrações mais densas do que no mar onde as águas as absorvem rapidamente.

Tudo era pior. Em geral, nos restaurantes usam-se bebidas alcoólicas e a sexualidade e o sexo proliferam e se exercem em alto grau..

Em Paris então o sexo é vivido quase que totalmente livre. Os homens e as mulheres vivem nas ruas em plena liberdade. O amor físico não é controlado, o que repercute permanente e intensamente no corpo espiritual causando impressões indeléveis, com dilaceramentos de demorada reparação.

Nos boulevards de Paris a multidão era tanta e as criaturas que vibram as ondas sexuais eram tantas que aconteciam os fatos mais inesperados. Buscava-se o amor com desespero! Abraços, beijos, e os próprios atos sexuais cometidos em plena rua, com os gestos e quase sempre desnudas as mulheres! Todavia, ninguém ligava e ninguém dava a menor importância, considerando aquelas coisas perfeitamente naturais. A figura humana ali, já perdera a respeitabilidade e a dignidade. Com isso, eram atraídas centenas de criaturas espirituais de comportamento estranho!

Aglon, talvez, como lição, perguntou a Netuno, que se aproximou:

— Caro Netuno, como vocês vêem essas condutas das nossas irmãs?

Netuno, surpreendido, respondeu:

— Como imoralidade que não se deve tolerar! Infelizmente, só a Lei poderá trazê-las de retorno à harmonia da criação!

Aglon, que naturalmente, conhecia tudo, no mesmo sentido de nos instruir, acrescentou:

— Com o tempo, sentirão o peso da Lei! Como disse o senhor: Não cai uma folha de uma árvore no Universo que não seja por vontade de Deus: Lei é lei! O desvario de hoje poderá ser harmonia e glória amanhã. A cada um cabe encontrar-se a si mesmo e se integrar na paz e na harmonia. Deus conduz aqueles que o procuram. *O conhecer-te a ti mesmo* é Lei que não abdica do trabalho do próprio Espírito. O espírito, dentro ou fora do ser é artifício natural de si mesmo! E cada um constrói e se retifica, progride e evolui no trabalho intenso de trabalhar na própria alma. Deus ajuda e ampara mas o próprio ser é o escultor que se aperfeiçoa. Ninguém recebe o céu de graça. "Busca e encontrareis! Bata e abrirá. Pede e lhe dará"!

Netuno contemplava admirado e feliz vendo Aglon exaltar a Lei!

Momartre e Monparnase entre os Artistas

Passamos por Momartre, quando vimos aproximar-se um Espírito luminoso, que brilhava intensamente e, com muito respeito, segurou a mão de Aglon e disse:

— Meu caro Mestre, é uma alegria tornar a vê-lo! Aglon abraçou-o efusivamente.

- Querido amigo, não o vejo há tempos, e para mim é bom vê-lo de novo!

Júlio Verne, murmurou-me:

- É Rembrandt que volta. O grande Espírito lhe disse:

- Amigo, fui informado por notícias de cima que em breve voltará a reencarnar, certo?

— Sim, é certo, voltarei à Esfera da carne para conquistar mais Luz e Entendimento e estou disposto a tentar, meu caro Aglon! E você, vem do mar?

Sorriu para Aglon, como quem sente a surpresa e acrescentou:

— Ouvi falar em Paris. Companheiros espalham essas notícias e admiram-lhe a coragem e dedicação!

Certo, fui *convocado* com estes companheiros para pesquisas científicas e serviços das Esferas da Ciência. E há dias investigamos o mar, tendo à frente Netuno que é um dos *vigias do mar*.

O velho Rembrandt contemplou admirado a figura olímpica de Netuno com o seu tridente e exclamou:

- É a primeira vez que o vejo pessoalmente! Só tenho ouvido falar dele na mitologia. Em Paris, Mestre Aglon, fala-se muito das suas viagens com ele. .. São notícias secretas que não atingem os homens. .. Só os Espíritos.

Os noticiaristas ou repórteres do nosso Plano comentam nas Gazetas do Espírito.

-Foi quando Júlio Verne entrou na conversa!

— Meu caro, Rembrandt, e você continua pintando?

— Sim — Respondeu o outro —, nunca parei. É uma necessidade da minha alma! Pinto sempre!

- Atualmente, trabalha em alguma obra especial?

— Bem, de certa maneira, é. Fui chamado ao Ministério da Comunicação e convidado a trabalhar na Transmissão mediúnica. Por enquanto estou me comunicando justamente com velhos amigos franceses e outros estrangeiros que viveram em outras raças. Todos românticos ou que têm espiritualmente origem romântica. Futuramente, nos informaram, que seremos responsáveis por agrupá-los.

— Porque — Continuou Júlio — você não sabe tudo?

— Não, aqui, só se toma conhecimento das coisas gradativamente, com paciência.

- Aí, também? - - Perguntou Júlio.

E, penso que no Plano Espiritual e em toda a parte.. .

- Creio que sim. . . acrescentou Júlio.

Eu só ouvia e Aglon, sério, acompanhava a conversa, deixando que os dois amigos trocassem impressões sem serem interrompidos. Netuno não prestava muita atenção. olhava distante como que à distância imensa, ouvindo o mar. De repente, Rembrandt disse a Aglon: A Gazeta destes dias noticiou que a sua caravana científica irá visitar o MASCAREII em companhia de Netuno. É certo?

— É a determinação Superior. — Falou o Espírito.

- Mas não é um monstro que está preso há milênios no fundo do mar?!

- Dizem que é.

— E não tem receio?

— Meu filho, ordem é ordem. O que vem do alto, da autoridade reconhecida e respeitada não se pode nem se deve recusar!

Mas, eu e Júlio, que não conhecíamos aquela ordem, ficamos preocupados. Fosse tudo o que Deus quisesse e o que Aglon nos determinasse, porém só aquele nome MASCARÉU nos causava arrepios!

Não demorou, Rembrandt delicadamente se despediu e foi embora. Nós, continuamos deslizando pela avenida nas imediações do Arco do Triunfo.

Logo encontramos o velho Hugo que fazia o seu passeio habitual relembando os dias da Terra e as suas lutas pela raça humana. Figura venerável, era sempre contemplado com amor e carinho e não raro era visto como uma criança levada pela mão. Amigo dos escritores, poetas, músicos, dos artistas enfim e amante dos pobres. Amava Paris e ainda se sentia sem coragem de deixar a Terra por isso.

Abraçou Aglon com calor e profundo amor e via-se que eram companheiros antigos. Aglon também o amava.

— Meu caro Aglon — Disse ele —, Oscar me disse ali que Paris parece o Limbo!

Ambos riram.

— Por quê? — Perguntou Aglon.

— Porque a maioria quer ir para o céu!

O Mascaréu

— Bom — Retrucou Aglon —, céu é uma bela concepção. A paz é o céu! E a paz cada um constrói dentro de si mesmo, com renúncia, com dedicação e amor!

— Isso é verdade meu amigo, não há outro caminho! Hugo acrescentou:

- Serenidade, paz, compreensão, sabedoria, amor são construções laboriosas do próprio Espírito e o céu é o resultado feliz desse trabalho. Essas conquistas juntas são as chaves que abrem as portas da Lei que temos em nós mesmos, no coração e na mente. Como disse um grande companheiro nosso: Ninguém espera um céu que não construiu para si mesmo! Cada qual constrói o seu céu e o seu inferno interior!

Após essas divinas palavras, Hugo despediu-se de todos carinhosamente:

- Deus os acompanhe através do mar e das dificuldades da viagem!

Agradecemos os votos e a despedida e prosseguimos caminhando no Bairro dos artistas. Logo apareceu Baudelaire, que nos saudou alegremente

Alguns jovens o rodearam. Respeitosamente, apertou a mão de Aglon, como um discípulo ao Mestre bem amado.

- Como vai, pequeno *Beaul* - - Indagou Aglon.

- Como sempre, meu Mestre, procurando resgatar meus erros antigos. Quem muito errou pagará dolorosamente as suas próprias faltas, não é mesmo? Não foi assim que me ensinaste senhor?

- Veja meus pupilos! E mostrou os jovens.

São alguns dos muitos que conduzi, pelos caminhos do suicídio aos caminhos da morte! Aglon confirmou sério.

Eu já conhecia *Beau* do tempo em que pela mão do Espírito Altino, ele transmitira mediunicamente para a Crosta o livro *Flores do Bem*, uma jóia literária do mundo Espiritual, ainda praticamente desconhecida da Terra que contém muitas *chaves do Espírito* que abre muitas portas e que *será muito amado* quando for bem conhecido e estudado, segundo dizem nossos orientadores espirituais...

Quando chegar o amadurecimento maior a humanidade o compreenderá. .. Aí, os homens o amarão. Por isso, contemplo *Beau* com profundo carinho. Tínhamos ali alguém que amara muito e sofrerá muito!

Percebi que de maneira sutil ele sorria para mim.

— Trabalhando bastante? - - Perguntou Aglon.

— Um pouco — Respondeu o Poeta. Estou modestamente preparando neste plano umas anotações para em breve transmitir à Terra, e, me dedico ainda, no campo prático, e com estes jovens a amparar aqueles que estão à beira do suicídio. . . Nem sempre conseguimos impedi-los.

Vi que Aglon observou-o com carinho porque disse; - Confie, *Beau*, em breve você alcançará o que espera. Jesus também espera muito de você!

Em seguida afastamo-nos dali.

De repente, notamos o silêncio de Aglon que parecia receber informações, por audiência, da Esfera Superior. .., visto que logo esclareceu.

Temos que partir. Gostaria de conversar com outros companheiros que permanecem aqui em passeios de estudos. Seria bom para mim e para eles. A troca de idéias no sentido de aprender e ajudar a todos, não é mesmo?

De novo, o Mar

Afastamo-nos em direção ao mar. Continuávamos em grupo. Netuno (de tridente em risete), agora em frente. Em seguida Aglon. Nós seguimos felizes por estar com eles.

Penetramos em alta velocidade, mar a dentro, através das vibrações espirituais marítimas. As águas coloriam-se a proporção que avançávamos e para traz iam ficando milhares de seres de forma e natureza diferentes de tudo o que se poderia imaginar!

Tanto no Plano Espiritual quanto no Plano material! Viajávamos entre dois mundos: Viajávamos em sentido horizontal mas ligeiramente inclinados buscando o fundo do mar em altíssima velocidade!

- Em breve - - Explicou o grande Espírito —, alcançaremos o fundo do oceano onde se encontra MASCARÉU!

- Que tipo é esse MASCARÉU?

— Não é ainda espírito humano nem é animal, é um ser quase sem forma, porém inteligente, inteligência rudimentar, ser em evolução, nem mau nem bom, forma primitiva que vem de baixo para cima! Está em transformação, sob o domínio tirânico da própria natureza, desenvolvendo os instintos primitivos e alcançando a inteligência pouco mais que a inicial e primitiva. De acordo com informações de nossos ancestrais, viemos do mar e voltaremos para o mar.

Com exceção de Aglon, todos sentimos um verdadeiro impacto! Uma espécie de horror e medo nos invadiu repentinamente. Ao mesmo tempo em que penetrávamos num imenso túnel ou corredor ou ainda um estranho rio dentro do mar!

Nossa velocidade era prodigiosa e nos levava a regiões desconhecidas cheias de plantas marinhas de aparência do plástico e textura plástica, de folhas longas de um dedo e meio de largura que semelhava flutuar ao perpassar das ondas.

Fomos percorrendo velozmente aquele caminho de sombras e logo desembarcamos num local semelhante a uma larga clareira. No fundo, agarrado a uma pedreira estava um ser enorme, parecendo um ser vivente de gelatina vibrátil, verde claro. Material que se movimentava preso à pedra e que tremia em movimentos rápidos, sob o impulso de vibrações produzidas por uma energia subatômica poderosa. Percebendo talvez nosso temor, Aglon acalmou:

— Não se impressionem, não. É inteligente mas só agride quando provocado ou sob ameaça!

Tive a impressão que aquele ser nos enxergava por todo organismo porque a qualquer movimento nosso se retraía, avançava ou recuava e tremia todo. Assim como tínhamos a estranha sensação de que percebia os nossos sentimentos!

Aglon esclareceu!

— Ele não agride à toa, mas à distância influencia ou age contra os outros seres. . . Por exemplo, vocês sabem que o planeta Terra está cheio de seres de matéria física, toda a vida animal o é. O *corpo espiritual* de todos os seres vivos uma é a carne do homem, outra, quase igual, é dos animais, outra, a das aves, e assim por diante. Ao corpo espiritual do homem se dá nomes diferentes: *Espírito, corpo astral, corpo Etéreo, rede psicológica*, no fundo é sempre a mesma coisa. Os animais e as aves e os outros seguem linha semelhante, no conceito dos iniciados. . . mas o corpo espiritual é *sempre físico ou semi-físico*. O Espírito e a alma vibram em *matéria ou material quintessenciado*, ou são de textura imaterial ou atômica ou elétrico magnética conforme a forma em que se apresenta, à última fase que era a mais semelhante identidade com Deus, que é a essência com a matéria que forma o corpo dos espíritos ou com o corpo espiritual ou corpo etéreo. O Mascaréu tem uma textura eletro-magnética e a possibilidade de enviar rajadas vibratórias capazes de irritar outros seres e atacar as criaturas diferentes deles e dos semelhantes. Têm a facilidade de atuar sobre monstros marinhos não espirituais que não raro rondam a Crosta terrestre. Alguns de tempos em tempos aparecem na Costa da Inglaterra ou da Escócia. Monstros que costumam apavorar as populações de pequenas vilas situadas à beira-mar e precipitar pequenos navios no fundo do mar. É o que chamam de Mascaréu. Os povos da Antigüidade conheciam e falavam desses monstros fabulosos. . . *que constam das lendas* da mitologia e que hoje são consideradas fábulas ou simples fantasias mas que as pesquisas científicas modernas em futuro próximo irão restabelecendo e explicando de maneira razoável.

Contemplamos o estranho ser em silêncio, ouvimos o Guia Espiritual com respeito e agradecimento por nos proporcionar tais esclarecimentos: práticos e preciosos... Aglon entendeu e sorriu. À volta de Mascaréu, milhares de peixes se moviam e outros seres de feitio e formas diferentes. Aglon ainda explicou:

— Ali estão milhares de seres em transformação, passando de sua forma para outra sob o impulso das leis evolutivas do nosso mundo...

Fiquei meditando sobre as maravilhosas leis da vida e da criação divina!

Ainda o Mascaréu

Aglon convidou-nos a aproximar mais daquele ser que era o Mascaréu. Aproximamos. De perto, vimos a transparência cristalina do ser. Notamos, no interior uma espécie de rede elétrica (provavelmente) magnética que mantinha aquela forma gelatinosa aglutinada.

Uma radiação fria emanava dele, tão fria que afastava os outros seres. Parece que não falava. Sempre silencioso, no entanto partiam dele ondas vibrantes que percorriam as águas e dali debaixo subiam atingindo os seres e as coisas que estavam em cima.

De repente, vimos um estranho tubarão, (seria tubarão?) que Netuno gritou logo:

- Eis aí, o Asmadeu! Servo das forças do mal que vem das trevas e persegue os indiferentes!

A seguir soltou um vibrante silvo que atraiu milhares de pequenos Netunos armados de tridentes, assim como milhares de outros pequenos seres do mar!

As águas se coalharam daqueles seres que se puseram em posição de defender Mascaréu e atacar Asmadeu!

Asmadeu, também, se pôs em feroz posição defensiva, mas foi imediatamente atacado. Com suas faucias que de fato lembravam o tubarão tradicional resistiu, todavia foi logo atingido pelos pequenos seres do fundo do mar. Aglon manteve-se sereno e nem lutava nem dava qualquer ordem nesse sentido, embora, pensávamos nós, todos obedeceriam qualquer decisão sua.

Faíscas aparentemente incendiárias saltavam dos pequenos seres de formas chatas tentáculos que corriam em direção e contra as outras.

A semi-escuridão em que estávamos se iluminava pela fosforescência dos pequenos seres submarinos que formavam um fabuloso firmamento aquático inundado de estrelas!

Aquela pequena batalha estendeu-se por algum tempo.

A vegetação semelhante ao plástico verde-claro, agora iluminada, balançava como lâminas de espadas! Que punham vivido prateado nas águas do mar e de certa forma assustava os seres menores que, então se escondiam nas sombras. Asmadeu crendo-se só, afastou-se lentamente. Mascaréu, crendo-se vencedor, começou a inchar e cresceu de tamanho, de um tamanho descomunal! Sua teia interior cresceu na mesma proporção e verificamos que havia muita energia nele. Aglon aproximou-se dele e nos mostrou e esclareceu:

— Mascaréu se situa entre os seres que são aqueles que de certa forma iniciaram a evolução ainda principiando das primeiras manifestações do NASCITURO.

Veio da Ameba, mas já se passaram milênios. A forma gelatinosa indica esse fato: Na realidade estávamos defrontando uma fase da evolução material e espiritual da forma.

Aquilo deixou-nos profundamente interessados, pois, de certa maneira, nos lembrávamos que um dia, também nós passáramos por aquela fase. Mais de que todos, talvez, Júlio Verne estava interessado por aquele fenômeno! Havia se detido demoradamente a estudar Mascaréu! Que lhe parecia uma espécie fora de série que o levava a meditar nos milênios mais antigos! Percebi logo que ele sabia muito mais do que eu! Modesto e simples, todavia, nunca demonstrava, ostensivamente, saber, mas o seu interesse prolongado deixava claro que era assunto de alguma das suas áreas de estudo. De vez em quando fazia uma ou outra observação que nos causava grande impressão! Além disso, Aglon demonstrava, por ele, sempre muito carinho e atenção. Para mim, era um companheiro precioso. Eu me deixara seduzir pela sua amizade e disposição de ajudar e discutir os assuntos assim como pelo seu gosto pelas aventuras. O lado científico das questões sempre lhe interessavam. Estudar, discutir, comentar, pesquisar, saber, eram o caminho. Simpati-

a, carinho, amor, eram a sua conduta e procedimento normal. Por isso, na Terra diziam que além de um grande escritor, era um grande homem!

Examinamos todos nós o Mascaréu sob o olhar fixo e vibrante de Aglon dominado por seu supermagnetismo. O ser não se moveu e pudemos vê-lo detidamente. Sob a *matéria* gelatinosa, correm correntes vibratórias intensas.

Aglon explicou:

Processavam-se as transformações inimagináveis! Aí a natureza expressa suas novas formas e ele alcança novas possibilidades de viver.

— Demora muito? — Perguntei.

- Alguns milênios - - Respondeu Aglon —. De conformidade com o impulso inicial que recebeu. ..

- Que impulso é esse?

— O impulso da vida!

- E não são todos os impulsos que geram todos os seres iguais?

- Não. - - Disse o Espírito.

— Só posso dizer isso agora.

— Por quê?

— Por enquanto, vocês não podem saber mais e eu não posso dizer mais. No futuro saberão.

— Isso até parece um mistério!

— E é! - - Falou Aglon — E calou-se. Fiquei pensativo e os companheiros também.

Pela primeira vez recebia um *não* definitivo. Caiu um silêncio sobre nós, como a sombra da noite envolve o dia.

Continuamos, contudo, observando Mascaréu. Ficáramos felizes por ver a evolução em marcha.

Outros seres em transformação passavam céleres e percebíamos cada um numa fase diferente, naturalmente, mas nem todos nas dimensões do Mascaréu. Bem menores, criaturas em transformação. Nesta fase, eram pequenos e parecidos com os peixes, mas, *naquele local*, todos eram de substância gelatinosa e impulsionada bioeletricamente ou eletro-magneticamente. A gruta agora se enchera daqueles seres menores que se movimentavam em altíssima velocidade! Deferenciavam-se na forma uns dos outros.

De repente, Mascaréu começou a se mexer como imensa lesma irradiando luz incandescente que semelhava um incêndio na gruta.

Os pequenos seres pareciam assustados e se afastaram buscando a boca da porta da saída da gruta. Nós também nos afastamos para dar passagem àquele ser que semelhava um monstro! Não lutava nem agredia-nos. Assustava pela simples presença.

De repente, sentimos que a água da gruta mudava de cor e estremecia vibratoriamente e assombrados víamos entrar lentamente, como um pequeno barco, à vista do tamanho do Mascaréu que era enorme, Asmadeu! Percebemos que este começara a vibrar de modo diferente no interior e era sacudido por correntes internas... e também, lentamente iniciou laboriosa marcha, vagarosa e lenta. Asmadeu em movimentos rápidos, percorreu toda a imensa gruta. Os milhares dos seres que ocupavam o espaço foram de maneira rápida deixando a gruta. Como, um alo de briga que devagar se aproxima do adversário, Asmadeu se aproximava de Mascaréu. Comecei a prever uma luta, ao mesmo tempo que notei que Aglon se abstinha de participar de qualquer ação na contenda, parecendo até que gostaria de assistir à peleja, o que me deixou surpreendido! No entanto, pela natureza e envergadura de Aglon, concluímos logo que seria impossível qualquer atitude ou mesmo pensamento seu nesse sentido!

Asmadeu avançava, Mascaréu mantinha-se calmo. Júlio Verne interessadíssimo queria tudo observar e saber! Sua atenção se redobrou! O interesse multiplicara! Estava próximo!

Não agüentei a ansiedade e perguntei a Aglon:

— Aglon, mas aqui, também, se luta?

— Luta sim — Respondeu —. A luta, como defesa, faz parte da natureza de todos os seres desde as primeiras manifestações de vida no Universo. Você não se lembra da lenda de Adão e Eva, Caim e Abel, com todas as manifestações primitivas?

Aquilo é o ser que começa a nascer e viver!

Os primeiros iniciados dos tempos mais remotos, receberam por via mediúnica, quase que diretamente e que com o passar do tempo, foi se tornando lenda e se transformando numa história incompreensível e inconcebível. Os homens da Terra perderam o seu contato com a mediunidade com isso, a sua primitiva e sua pura fonte do Conhecimento, o que os leva muitas vezes a pensar que Deus os abandonou! Tal, porém, não aconteceu, nem acontecerá. *A Queda dos Anjos* também tem parte nessa história!

Ficamos, eu e Júlio, olhando admirados para Aglon!

As águas agora estavam vermelhas, sob a incandescência de Mascaréu se tornaram como o cair de um sol poente de país tropical!

Sob essa Luz fosforescente, Asmadeu avançava e Mascaréu, sereno, aguardava! O silêncio era absoluto!

Sentia, agora, era a marcha de ambos. Lenta, devagar. Passo a passo, usando a linguagem do mundo!

Tinha-se a impressão que na matéria gelatinosa do *corpo de Mascaréu, brilhavam mil olhos*. Na serena majestade daquele ser sentia-se viver o PRINCÍPIO DA CRIAÇÃO! Seria toda a força rudimentar do Instante do Início! Ou se concentrava nele o poder, hoje desconhecido, do começo? Ambos pareciam reter em si mesmos, aquela força que na realidade fosse a Luz do começo, aquela força e poder da origem que hoje os homens não conhecem mais!?

Mascaréu moveu-se devagar nas águas desgarrando-se das pedras.

— Aquele ser é espírito, é peixe, afinal o que é? -Perguntei.

Aglon respondeu:

— Na realidade, é espírito, numa fase de evolução espiritual. Ainda não tem forma definida. É quase que só dominado pelos instintos que despontam. É matéria mais tênue que a matéria *inicial física* do mundo. Atravessará os milênios ao encontro de uma forma porque no Universo o *Espírito* busca ou se adapta a uma forma. O moderno e o antigo é apenas uma briga de forma. .. Mais nada! Tudo se reduz a uma questão de forma. Nessas condições, você conclui que aí é Princípio e Fim. Poderíamos dizer, imitando o poeta: "Ter ou não ter forma, eis a questão." No princípio nasce-se aparentemente sem forma e no fim, ou nos pontos mais altos da evolução, vai-se ficando sem forma! Mas a beleza da criação para os olhos dos homens e a visão dos Espíritos ainda é a forma ou a *idéia*.

Esse assunto demanda muita meditação e entendimento. E isso, ainda deverá esperar os milênios e o dobrar dos milênios sem fim! Você não se lembra das palavras sábias de Emannel: "O tempo é o tesouro do homem".

Por isso, meu filho, *é preciso esperar*, esperar com paciência e aceitar o tempo também como Mensageiro de Deus e amigo do Homem. Nessa labuta de trabalho e meditação permanentes, um dia, encontraremos Deus, dizem os sábios espirituais, em *nós mesmos*. É preciso trabalhar e *viver em nós mesmos*. Nós somos o Princípio e o Fim! A natureza é o artífice Universal que impulsiona as nossas forças interiores. Há gestação, trabalho e progresso assim como há evolução enquanto esquecido de tudo adormecemos em nós mesmos! Você não acha que a Bela adormecida pode ser uma pequena história para as nossas mentes eternas alertando-nos para o acordar de um longo sono que executa em nós um laborioso trabalho da eternidade?

Quando o homem compreender que tem em si as forças naturais e o poder da natureza para despertar as faculdades eternas que lhe darão o conhecimento total do Universo e que isso é ele mesmo que em seu próprio interior dorme um ser fabuloso que é seme-

lhante a Deus e que em Deus vive e repousa? Quando isso acontecer, meu filho, aí então ele verá que Jesus tinha razão quando disse: "Vós sois deuses".

Aglon iluminara-se e dava um estranho clarão azulado-róseo às águas da gruta, o que espantou todos os milhares de peixes terrestres e seres *espirituais* que haviam ficado lá. Netuno parecia uma estátua petrificada coberta de luz azul. Nós nos curvamos humildes e apavorados vendo naquele momento que, em verdade, Aglon, devia já ser quase um deus!

As águas iniciaram uma corrida mais ligeira e as algas sofreram estranhas mudanças de colorido sob a água invisível de seres de outras Esferas!

Relampagueou duas ou três vezes dentro da Gruta e estarcemos quando Aglon se ajoelhou no meio das águas fosforescentes e juntando as mãos, clamou:

- Senhor! Tem piedade de mim! Ajuda-me, senhor! Perdoa os meus erros e as minhas faltas! Ajuda os meus irmãos!

Novo clarão iluminou as águas e vimos que à nossa volta, nas águas, em toda a gruta, no plano Espiritual além de nós centenas de seres ajoelhados, de túnicas, iluminados e contritos, de mãos postas, em atitude de humildade pediam: ajuda, senhor, os nossos irmãos! E uma voz poderosa vinha de cima e dizia:

- Este é meu filho amado! Nele coloco as minhas esperanças e todo o meu amor e o meu poder! O amor que deres por Ele em meu nome, por mim será dado e recebido e por Ele será feito o que pedires nesta ou nas gerações futuras! Porque em *meu nome*, Ele é o Santo dos Santos por toda a Eternidade! E os que crerem em mim por causa do meu nome viverão por todos os séculos! Ele está em mim e Eu estou nele! Este é um mistério eterno!

* * *

Outros clarões iluminaram as águas da gruta e compreendo que aquela luz acelera a transformação daqueles seres e colaborava intensamente. Para nós, do mundo, seria comparável a uma imensa chocadeira elétrica!

Só que os espíritos em formação recebem ao invés de calor, intensa força vital que vem das Esferas Superiores através de um Ser Superior, como Aglon neste caso, e através de Jesus, como no caso de transformar e dar nova direção ao mundo e ao pensamento universal, que se renova de tempos em tempos, que se chamam *milênios*, de outros Iniciados, pois trabalham para o mesmo fim, que é, ir, gradativamente, libertando a consciência humana, de modo que o homem vai pouco a pouco compreendendo e vivendo, novas expressões ou faces do Conhecimento Universal. Adquirir conhecimento exige vivê-lo primeiro. Nada se conhece, neste mundo, se não vivemos o ensinamento, que o anuncia. Não os iludamos, acreditando que conquistaremos o ensinamento sem vivê-lo! Todos os seres inteligentes do Universo, recebem o Ensinamento pela palavra de um Mestre, mas tem que vivê-lo para entendê-lo e assimilá-lo.

Por isso, disse Jesus: "Tomai e comei, este é o meu corpo. Tomai e bebei, este é o meu sangue".

Os ensinamentos de Jesus, são sangue, corpo e vida! É preciso absorvê-lo. Assimilá-lo, para que sejamos *um só* com Ele. Não há outro modo ou outro caminho. Quem não entender assim nunca o compreenderá e o amará. É preciso devorá-lo todo, engoli-lo inteiro e senti-lo em toda a sua plenitude com o Pai. Para Ele não há meios termos. Ou tudo ou nada, Jesus não se dá pela metade nem aceita a metade. Assim são todos os verdadeiros iniciados. Ele queria e devia ser amado com intensidade, com voracidade, com coragem e com amor. Quem não fez isso ainda terá de fazê-lo porque Ele nos espera ainda e eternamente. Nele está o Pai e o verdadeiro Senhor. Só nele encontraremos a porta que existe para nós que somos filhos do seu amor. Ele nos escolheu para segui-lo e conosco, Ele tem compromisso, embora outros Iniciados tenham compromisso com outras criaturas. Como a galinha tem os seus pintos, os Iniciados têm os seus filhos espirituais. Cada um cuida dos seus com carinho e com amor. Na Esfera do nosso mundo que compreende

a região solar, Jesus dirige, segundo as tradições mais antigas do sol, todo o sistema solar, com seus deuses, anjos e iniciados.

Por isso, também afirmou: "Ninguém vai ao Pai a não ser por mim. Eu sou a Porta..."

A porta da salvação e do Entendimento, acrescentamos nós:

"Batei e abrir-se-vos-à. ..

Pedi e obtereis.

A todo que bate se lhe abrirá.

A todo que pede se lhe dará.

A todo que busca achará."

Seremos sempre transformados e passaremos de Esfera a Esfera e no interior de nós mesmos sob o impulso do pensamento e das vibrações de nosso Senhor Jesus Cristo, na Esfera da nossa criação Espiritual. E em Jesus Cristo fomos gerados e n'Ele viveremos eternamente.

A palavra de Aglon ressoava como um sino em nossos corações e penetrava profundamente em nossa alma!

Na Esfera além da nossa, ainda víamos aquela imensa quantidade de Espíritos que ouviam e acompanhavam a sua palavra sábia ao mesmo tempo que no alto se estendia e penetrava em todos os corações.

Logo, nós nos afastamos, lentamente dali, com Aglon à frente, sob a tremenda e sublime impressão daquelas palavras. O ar parecia aromatizado de indizível perfume, o colorido das coisas dava a tudo a conformação de um mundo fantástico. Seguimos pelo canal e em pouco tempo havíamos alcançado a imensidade do mar e atingíamos a Superfície, e, embora na Esfera Astral, contemplávamos o azul do firmamento do mundo e víamos o brilho das estrelas da manhã.

Aglon convidou a pousar em belíssimo penhasco que percebíamos à distância. Como aves marinhas que voassem alto, vislumbramos ilhas, penhascos e praias, que surgiam aqui e ali.

Nas anfratuosidades do penhasco, recebemos instruções diretas de Aglon que nos retransmitiu sérias recomendações, dizendo que nos fora permitido conhecer alguns aspectos espirituais do mar e algumas figuras que o habitam, mas que os mares e os oceanos eram riquíssimos de seres que a humanidade terrestre ainda não conhecia, que na realidade era um mundo inexplorado, tanto do ponto de vista terrestre, da Crosta quanto do ponto de vista Espiritual das coisas e dos seres que lá existiam e povoam o Mundo tão ignorado quanto as demais criações da natureza no mundo Espiritual. A vida existe em toda a parte do Universo.

São seres diferentes quanto à forma e se manifestam através de possibilidades diversas mas dispõem de um princípio que é igual e que evolui com um objetivo único, que é o de atingir a suprema e final evolução. De acordo com alguns seres mais adiantados vêm de Deus e voltam para Deus. Outros dizem coisa semelhante quando afirmam que somos centelhas divinas que voltam para Deus. No entanto, todos afirmam a *eternidade* desses seres. Nasceram de Deus, n'Ele vivem e n'Ele morrem, afirmou Paulo, o apóstolo.

Após essa exposição, Aglon acrescentou:

— Partiremos daqui e viajaremos sobre a Orbe e nos deteremos em alguns lugares onde encontraremos algumas criaturas que ainda vivem junto ao mar presos por um magnetismo que os prende e os mantém aí por séculos e milênios.

E dizendo isso, Aglon alçou vôo e nos levou com ele arrastados pelo seu poder e magnetismo.

- Atravessamos vertiginosamente a atmosfera que envolve o mundo e onde os seres mais estranhos habitam e vivem, no ar ou em outras formas de matéria que existem e das quais o homem não tem sequer notícia. A ignorância humana nesse sentido não tem limites. Na realidade o homem nem sequer conhece o próprio lugar onde vai. Tinha razão o

Sábio Sócrates: "Conhece-te a ti mesmo"! O homem agora é que mal começou a conhecer-se a si mesmo!

Nem sequer entendeu bem as regiões do mundo em que vive. Agora, começa a explorar realmente o Polo e busca conhecer a Lua e os planetas mais próximos. Deu há poucos dias, o primeiro e trêmulo passo, no sentido de conhecer o Universo e nada sabe. Na realidade o homem é ainda para si mesmo o inexplorado e o desconhecido. Vive realmente nas trevas interiores e exteriores. Fazer o Bem, para ele, ainda é uma meta a atingir e um grande objetivo que quase toda a humanidade desconhece. Proceder dentro do Direito e da honestidade ainda é considerado ato excepcional, quando deveria ser coisa normal e comum. Deveria viver o Bem como ato de respirar. Ser Bom para o homem ainda é incomum e digno de elogio e admiração, quando deveria ser o procedimento de cada ser na vida normal.

Meditávamos sobre essas coisas e sobrevoávamos em imensas extensões de massa líquida, quando avistamos alguma ilha à distância. Aglon fez uma volta e nós o seguimos. Lá embaixo a vegetação constituída de árvores e palmeiras balançava ao vento e a beleza era indescritível. De um Plano Espiritual mais rarefeito, víamos a beleza paradisíaca da Crosta aonde viviam os seres humanos e permaneciam ainda muitos espíritos que, embora sem o corpo de carne não desejavam deixar a Terra. Amavam-na demais para abandoná-la.

Eles estavam imantados por ligações milenares. Percebi, no entanto, que descíamos e *pousávamos* numa ilha. E caminhávamos pela areia. Netuno acompanhava-nos, silencioso. Vimos logo, alguns nativos que dançavam alegremente e tocavam instrumentos que emitiam sons muito terrestres.

Sem que perguntássemos, Aglon disse:

— São nativos, mas são espíritos desencarnados como nós. Permanecem aqui, onde nasceram e morreram na última encarnação, porque amam esta Terra. Daqui não sairão tão cedo, renascerão por estas terras de novo e ainda por muitos séculos ficarão por aqui. Estão imantados à Terra e ao local, aos costumes e à raça. Mantêm ainda no Plano Espiritual a própria língua ou linguagem. A Evolução, meus filhos, processa-se lentamente, devagar. As vezes demora milênios e milênios para dar um simples passo... A natureza é sábia mas é lenta e isso também é sabedoria. O ser avança pouco a pouco no silêncio dos séculos e dos milênios. A cada um porém, compete entender as necessidades de progresso da própria alma, quando acorda para as sublimes faculdades do Espírito Eterno.

No interior de nós mesmos devemos trabalhar com intensidade para que alcancemos, cada vez, maior progresso. Deus nos dá as faculdades e os instrumentos, mas a nós cabe trabalhar e prosseguir. Somos, de certa forma, obras de nós mesmos e *labor da própria alma*.

Cada um é o construtor de si mesmo, sob a misericórdia de Deus.

Não há improvisação na Natureza. O que se considera ser vivo vem se criando e realizando através dos tempos laboriosamente. Trazemos de Deus o princípio da vida e a força de renovação *evolutiva* mas depende de cada um de nós, crescer, transformar-se e evoluir mais no sentido melhor. Para isso, temos em nós, no próprio ser, as sementes que desenvolvidas desenham-nos na própria alma as faculdades novas que deverão nascer e desenvolver, com possibilidades ainda desconhecidas, que ganharão vida e expressão maiores. É no interior do nosso ser que se encontram as possibilidades do futuro que acordarão e nos abrirão as portas da vida eterna que aí jaz. Na realidade, somos todos ainda criaturas embrionárias que esperam o amanhã que repousa no íntimo de nosso ser, aguardando apenas o toque mágico de um Ser Superior que nos chamará para uma vida melhor e maior. Tudo em nós é eterno e imortal, e também tudo em nós apenas espera um novo despertar.

Ainda ouvíamos o eco dessas sublimes meditações.

Quando encontramos à nossa frente, à margem da praia, extensa cabana, cheia de nativos que se *postavam* em atitude de trabalho.

À porta, uma figura de alta estatura rosto bronzeado, semi-nu nos contemplava com ar de desafio. Júlio Verne murmurou:

- Aquele é Gauguin.

Logo em seguida o Espírito nos disse: — A que devemos visita a esta hora?

- Eu sou Aglon. — Falou o Espírito.

- Eu sou Gauguin - - Respondeu a figura da porta, com um certo laivo de orgulho —, o Pintor.

Aglon, sereno ,cheio de humildade, esclareceu:

- Sou Aglon, *escalado* para visitar com alguns amigos a Zona do Mar e as ilhas de que fazem parte. Viemos conhecê-lo se for possível, e aos seus discípulos.

Gauguin pareceu não entender e eu e Júlio sentimos que ele com certeza não se dera conta de que não possuía mais o corpo material e que já era um simples espírito. Com ar de pouco caso, respondeu:

— Oh! O governo agora se lembrou de mim? Não ligo para o Governo e não ligo para a França!

Os homens não prestam! São todos uns pobres diabos! Há muitos anos deixei a civilização e qualquer proposta de governo eu recuso! Minha arte está acima de governos! Eu pinto só para mim mesmo e para o meu prazer! De alguns anos para cá, não ligo nem para os meus amigos!

Minha família é esta! — E apontou os nativos — Os homens da minha Terra nunca me aceitaram e compreenderam! O único homem que me compreendeu e a quem amei foi Van Gogh mas estava louco!

Aglon ouviu aquelas palavras e não disse nada. Apenas pediu:

— Podemos entrar?

Ainda com pouco caso, Gauguin falou:

• Podem, entrem à vontade! Vejam o que quiserem, mas não ponham as mãos nas minhas telas!

Aglon, com um gesto de cabeça, fez que sim e entramos. Dentro, havia uns quinze nativos à moda das ilhas que pintavam telas rudimentares de material grosseiro e desconhecido.

Estes, informou orgulhosamente, o Mestre Pintor, são meus discípulos e me amam! Contento-me com eles e mais do que com a sua civilização infeliz e má! Por isso, preferi viver longe do mundo!

Continuamos percorrendo lentamente a cabana e vendo as telas do Mestre.

Aglon disse algumas palavras de admiração que envaideceram o Pintor:

— Não vai nunca à França? — Perguntou. Gauguin respondeu:

— Não. Nem lá nem a lugar nenhum! Não saio daqui! Sou feliz aqui! A cabana estava cheia de telas de cores vivas: azuis, amarelas, brancas, prateadas com pinceladas diretas e desenhos firmes como era o seu hábito, dando contraste e beleza imprevistos e extraordinários!

De fato, eram ainda extravagantes como as do seu tempo no mundo. Não tinham nem têm sentido ou revelação espiritual. Eram apenas Gauguin e mais nada. Os discípulos procuravam repetir a sua técnica e havia algumas mulheres que pareciam muito ligadas ou imantadas nele. Fios de tonalidade vermelha ou cinza amarronzado os ligavam. Partiam-lhes do coração e o envolviam. Percebia que entre eles haviam laços profundos de amor carnal ou físico e o pintor mantinha para com elas amor terrestre. A simpatia física irradiava-lhes das fisionomias, embora todas elas e mesmo os rapazes mantivessem um ar de candura infantil.

Viviam na realidade como uma grande família do mundo que vivesse em paz e tranqüilidade. Ele parecia o chefe da família ou da casa, com rigor e rigidez. Muita seriedade e rigor, não se notava porém sinais de espiritualidade ou de amor espiritual.

Aglon tentou atrair-lo para uma conversa que lhe despertasse a idéia de imortalidade e sobrevivência depois da morte mas tudo inútil. Só falava na Arte, no ódio aos governos que o abandonaram, das coisas materiais, enfim.

Júlio viu que ele não reconhecia ninguém e nem o seu estado espiritual. Ficou muito impressionado, com piedade dele e interrogou:

— Aglon, não há nenhuma esperança para ele?

— Há. Para todos há esperança. Terá, contudo, que aguardar o tempo...

- Muito? Quanto?

— Não há prazo certo para o despertar da alma. Um dia, um mês, um ano, cem anos, um milênio?

Depende de cada um! Do que fez de bom ou de mal. O estado da alma é que determina o seu despertar para as coisas espirituais.

Existem as trevas exteriores e as interiores na palavra do Senhor!

Júlio fitou Aglon buscando compreender a lição, mas o grande Aglon sorriu com carinho e murmurou:

— Meu filho, o Ser é escravo dos milênios e o amor e o entendimento podem nascer a qualquer hora no coração da criatura! Ninguém está órfão, é preciso apenas lutar dentro de si mesmo com coragem para que o Bem possa vencer o Mal e a consciência se iluminar ao clarão do mundo maior. O Pai nos espera sempre, depende de nós buscá-lo e encontrá-lo!

No interior de cada um repousa a eternidade, como um pássaro, é preciso despertá-lo! Compreendi Aglon e vi que todos compreenderam. E entendi, também, que a alma da criatura era a fortaleza a ser dominada e libertada!

Júlio disse para mim, baixinho: - Quanta coisa nova ainda teremos de aprender!

Parecendo ouvir-nos as preocupações, Aglon modestamente ajuntou:

— Somos grãos de areia no Universo imenso!

Para nós, tudo é mistério e silêncio! Infelizes daqueles que julgam que já sabem tudo! O conhecer e o saber são infinitos! Deus para o homem e para as almas como nós não é somente o Infinito mas o Desconhecido, embora esteja perto e dentro de nós, nos fale e nos entenda, apenas nós ainda estejamos surdos às suas palavras e a seu pensamento.

— Como poderemos entender as palavras de Deus? — Perguntei a medo!

— Deus fala em todas as coisas da criação! Em toda a parte estão as suas palavras sábias, fala mais porém no coração e na mente do homem no mundo, e dos seres em geral por toda a parte! Sente mais Deus do que se ouve. À proporção que vamos nos tornando um com Ele mais o entendemos. É preciso procurar amá-lo para entendê-lo porque o AMOR une os seres na intimidade do Universo e no âmago das coisas! Amar é sentir e sentir é entender! Percebemos que Aglon se iluminava. .. Quem, na realidade seria Aglon! Mas saber isso, importava? Acho que não. A luz que irradiava dele dizia tudo e respondia minhas infantis indagações.

Os outros companheiros observavam quadro por quadro ou iam conversando com os nativos aqui e ali. Gauguin mantinha-se à porta indiferente à nossa visita. O sol claro iluminava a cabana e todos trabalhavam alegremente. Via-se que o pintor não conhecia a Espiritualidade nem se interessava por Deus mas era feliz à sua maneira. Ali estava no mundo que elegeu para si mesmo e dali não sairia tão cedo! Pois o que imanta a criatura às coisas são os pensamentos, os sentimentos, o egoísmo, o ódio ou a dor. "Vós estareis onde estiver o vosso coração"! De fato, Gauguin pôs o seu coração naquelas ilhas e o seu sentimento estava ali e ele ali permanecerá.

Absorto pensava eu nessas coisas, quando fui despertado pela voz de Aglon:

— Meu filho, Gauguin pensava muito em Deus mas não o achou como ele pensava a seu respeito e como queria ou esperava que ele fosse e nessas meditações se perdeu. Até hoje o procura e o seu pensamento divaga nessas indagações que o deixam, como vocês vêem, com o olhar distante e dentro de si mesmo. Essa fuga da civilização de que ele se vangloria, não passa de uma busca desesperada para encontrar Deus. Diversas vezes, em sua arte, expressou esses sentimentos através de figurações religiosas e mesmo de Jesus, mas era isso busca fantástica que sempre acabava em nada. Nele lutavam como em todos nós o Bem e o Mal, a Matéria e o Espírito, o passado, o presente e o futuro! O que havia dentro dele era o grito da criação que proclama Deus e que ele não aceitava. O sexo, para ele, era apenas uma *satisfação* e não o fim que almejava. O que, na realidade, ele queria era Deus!

Em suas telas, aqui e ali, havia de quando em quando, motivos da morte ou da Ressurreição de Jesus. Mas no fundo, mantinha sempre, o sentimento materialista, preso que estava às coisas da Terra e que simbolizava nesta pobre Ilha onde encravou os seus ideais. Centralizava os seus sentimentos e sedimentara naquelas criaturas humildes e sem ideal e nelas colocara a sua alma. Por isso, era um prisioneiro de si mesmo, e, inconscientemente, escravo delas. *Es tá vá onde colocara o seu coração* e dali não podia fugir!

Não buscava nem procurava renovar mentalmente no campo do Espírito. Só procurava os caminhos na ARTE e isso só iria demonstrar em novas reencarnações futuras, agora só lhe interessava a ARTE. Ainda não percebeu o ESPIRITO. Na realidade, ainda não sofreu por ele, como aliás todos ou quase todos os pintores. O pintor estaciona, comumente no tempo. O músico e o escritor são mais ágeis e renovam-se mais depressa porque lidam quase só com o pensamento. O pintor luta com a imagem e demora mais a decidir. O pensamento como imagem custa mais a se concretizar.

Van Gogh

Antes de nos retirarmos, porém, ouvimos uma conversa mantida por Júlio, com Gauguin: — Meu caro Mestre — Perguntou Júlio ao Espírito Gauguin —, gostaria de ter notícias de Van Gogh. O Mestre, não sabe dele?

Gauguin pareceu despertar de um longo sonho, porque com o olhar perdido na imensidão do mar, respondeu:

— Há tempos não o vejo, depois de seu drama desapareceu . . .

— Não o viu mais?

— Não, nunca mais. Disseram-me que ficou louco, queria se matar, e não o vi nunca mais!

— Porque desejava se matar? — Perguntou Júlio!

— Não sei, já estava louco! Nada acalmava o seu desespero! Era dominado por uma vontade insensata de morrer! Parece que por fim morreu! Coitado! Era um infeliz! Gênio, é inegável, gênio e dos maiores no mundo da pintura e da arte! Gênio como poucos, mas louco! Louco também como poucos.

— Gostaríamos de vê-lo. .. — Insistiu Júlio.

— Difícil, muito difícil! Talvez impossível! Não o encontrarão, desapareceu! Não o encontrei nunca mais! Moramos juntos, grande pintor! Mas positivamente louco! Louco de tudo! Percebi que Gauguin não sentira ainda, nem tivera sequer qualquer idéia de que já não era mais um homem da superfície da Terra e nem que agora era um simples *espírito*, preso às recordações do seu passado. Van Gogh para ele era o mesmo Van Gogh, pintor pobre, miserável, sem dinheiro, que só possuía o gênio de artista!

Fiquei pensando na situação de todos esses gênios da Humanidade que no Plano do Espírito viviam sem saber da realidade. Eram em verdade muitos entre os mortos! De nada sabiam. Estavam enclausurados em si mesmos, escravos da inconsciência, perdidos dentro da própria alma! Quem viria despertá-los?

Aglon, sentindo, provavelmente minhas indagações íntimas respondeu-me:

- O Espírito permanece assim até que alguém que lhes teve grande amor os faça despertar. Só o amor tem forças para chamá-los à realidade espiritual. O amor é a única força capaz de trazê-los de novo à vida real. Quase sempre o amor de mãe é que consegue esse *milagre*, como falariam os homens.

Sentimos o quanto eram verdadeiras as palavras sábias de Aglon e foi com imenso carinho que nos recordamos de nossa querida mãe!

Não demorou e buscamos o espaço infinito como águias. No mar, algumas embarcações e navios singravam as águas. Centenas de ilhas apareciam aqui e ali e alguns Espíritos percorriam a Orla das praias batidas pelas águas verdes dos mares. Nós, porém, pensamos naqueles seres que viviam por toda a parte nesse Universo de Deus onde a imortalidade existia em tudo e em todos e nos quais a força divina animava tudo, as coisas e os seres indiferentes às suas crenças, os que aceita e os que recusam.

Despedida

O tempo autorizado para aquela viagem de estudos estava se esgotando. Eram as primeiras notícias sobre a vida dos Espíritos nas regiões do mar que iríamos enviar à Superfície da Terra ou Crosta. Sabíamos que os homens, como sempre, estranhariam: Espíritos no mar? Contudo, sabíamos também que os homens já estranhavam até as teorias de astrônomos que afirmavam a existência provável de vida em outros mundos! Negar ou aceitar era um direito do homem e de todos. A ciência humana, comumente, volta atrás ou se modifica a si mesma quase todo o dia! E estava certa nessa atitude. Era até um dever. A permanência no erro é que constitui o mal. Não modificar-se e adaptar-se aos novos conhecimentos e corrigir o que está errado! Não há razões em nosso entendimento, para não se admitir outras formas de vida no Universo, naturalmente, dentro de outras estruturas. Deus que criou as formas de vida, submetendo essas formas à Lei da Evolução, dará a cada mundo e de acordo com as possibilidades que cada mundo foi construído, as formas e o mecanismo de funcionamento que quis. Porque teria Ele que fazer todos iguais em mundos diferentes?

A Criação é de Deus e não dos homens!

Nós cremos que Deus criou as Leis que criam e organizam o Universo. Naturalmente, não ficaria ele criando cada dia os seres e as coisas. Organizou um sistema Universal que funciona sozinho sem a intervenção mesmo *divina d'Ele* cada dia e cada hora! Como se fosse um construtor terreno construindo sem cessar e se divertindo com as suas obras. Somos, é lógico, resultado da sua criação e construção mas isso sob o impulso das suas leis. Assim, como uma máquina fabrica automaticamente sob a técnica que a criou para fabricar. A vaca faz bezerras e a galinha produz pintinhos automaticamente sem que haja necessidade de *Intervenção pessoal* de Deus em cada caso. É lógico que Ele está ali através de suas leis imortais e eternas.

* * *

Já havíamos partido e alcançado certa altura, quando Aglon parou em determinada posição no Espaço e orientou:

— Meus amigos, agora devemos nos separar, buscando cada um o seu destino. Com certeza, embora, seremos designados por nossos Superiores para realizar outros trabalhos, e estudos, adquirir outros conhecimentos que contribuirão para que cada um de nós progrida mais e cresça mais.

Dizendo isso, Aglon abraçou-nos com carinho e imediatamente partimos todos. Deixei Aglon com profunda saudade no coração, e Júlio Verne, dando-lhe um beijo de despedida e de agradecimento também deixou.

Ambos singramos o espaço, cheios de alegria pelo que havíamos aprendido e adquirido. À nossa frente brilhavam as estrelas como se fossem os *olhos* cintilantes de Deus.

OBRAS DO AUTOR:

RECORDAÇÕES DE CHICO XAVIER, 7.^a edição, Editora da Fraternidade, Guaratinguetá (SP), 1986.

O ABISMO, 4.^a edição, Editora da Fraternidade, Guaratinguetá (SP), 1986.

FLORES DO BEM, edição da LAKE, 1946.

JOÃO VERMELHO NO MUNDO DOS ESPÍRITOS, edição da LAKE (infanto-juvenil).

NO CASTELO DO EGO, edição LAKE, (infanto-juvenil).

A HISTÓRIA DE CRISTO PARA AS CRIANÇAS, editora LAKE, (infanto-juvenil).

NO PALÁCIO ENCANTADO DA MEDIUNIDADE, edição LAKE, (infanto-juvenil).

LUZ DA OUTRA ESFERA, Editora Liberdade.

CHICO XAVIER — O SANTO DOS NOSSOS DIAS, Editora ECO, Rio de Janeiro.

CHICO XAVIER E OS GRANDES GÊNIOS, edição LAKE.

O PRISIONEIRO DE CRISTO, edição LAKE.

ASSIM ESTAVA ESCRITO, Editora LAKE.

MATERIALIZAÇÕES LUMINOSAS, 1.^a edição da Editora LAKE, 2.^a edição em Espanhol da Editora LAKE, distribuído nas três Américas. (América do Sul, América do Norte e América Central), 3.^a edição da F.E.E.S.P. (Federação Espírita de São Paulo).

FORÇAS LIBERTADORAS, Editora ECO, Rio de Janeiro.

O SEXO ALÉM DA MORTE, 1.^a, 2.^a, 3.^a, 4.^a, 5.^a e 6.^a edição ECO, Rio de Janeiro.

SONETOS IMORTAIS, Editora Liberdade.

O SEXO ALÉM DA MORTE - - reedição v. Orientado pelo Espírito André Luiz, psicografado por R. A. Ranieri.

O TRABALHO DOS MORTOS E A TOLICE DOS VIVOS

— inédito. De Nazareno Tourinho, 1987.